



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA Y CIENCIAS HUMANAS**

DANIELA IVANNA GALLI MATTIAUDA

**LA FEDERACIÓN RUSA A PARTIR DE 1991:
UN ESTUDIO SOBRE LOS VAIVENES EN LA POLÍTICA**

**A FEDERAÇÃO RUSSA A PARTIR DE 1991:
UM ESTUDO SOBRE OS VAIVÉNS NA POLÍTICA**

**CAMPINAS
2017**

Daniela Ivanna Galli Mattiauda

**LA FEDERACIÓN RUSA A PARTIR DE 1991: UN ESTUDIO
SOBRE LOS VAIVENES EN LA POLÍTICA**

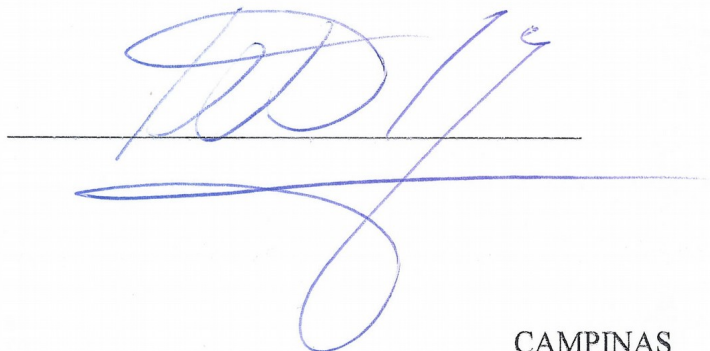
**A FEDERAÇÃO RUSSA A PARTIR DE 1991: UM ESTUDO
SOBRE OS VAIVÉNS NA POLÍTICA**

Tesis presentada al Instituto de Filosofía e
Ciência Humanas de la Universidade Estadual
de Campinas como parte de los requisitos
exigidos para la obtención Del título de
Maestra em Relações Internacionais, en el área
Instituições, Processos e Atores.

Dissertação apresentada ao Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de
Mestra em Relações Internacionais, na área
Instituições, Processos e Atores.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Velasco e Cruz

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA DANIELA IVANNA GALLI MATTIAUDA E
ORIENTADA PELO PROF. DR. SEBASTIÃO
CARLOS VELASCO E CRUZ



CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

G136f Galli Mattiauda, Daniela Ivanna, 1991-
La Federación Rusa a partir de 1991 : un estudio sobre los vaivenes en la política / Daniela Ivanna Galli Mattiauda. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Sebastião Carlos Velasco e Cruz.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Relações internacionais. 2. Política externa - Rússia (Federação). 3. Rússia (Federação) - Política e governo. 4. Rússia (Federação) - Relações exteriores. I. Cruz, Sebastião Carlos Velasco e, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A Federação Russa a partir de 1991 : um estudo sobre os vaivéns na política

Palavras-chave em inglês:

International relations

Foreign policy - Russia (Federation)

Russia (Federation) - Politics and government

Russia (Federation) - Foreign relations

Área de concentração: Instituições, Processos e Atores

Titulação: Mestra em Relações Internacionais

Banca examinadora:

Sebastião Carlos Velasco e Cruz

Andrei Koerner

Reginaldo Mattar Nasser

Data de defesa: 10-07-2017

Programa de Pós-Graduação: Relações Internacionais



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA Y CIENCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão publica realizada em 10 de julho de 2017, considerou a candidata Daniela Ivanna Galli Mattiauda aprovada.

Prof. Dr. Sebastião Velasco e Cruz.

Prof. Dr. Andrei Koerner.

Prof. Dr. Reginaldo Mattar Nasser.

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

AGRADECIMIENTOS

A la agencia financiadora CAPES por confiar en mi proyecto.

A mi orientador y profesor Dr. Sebastião Carlos Velasco e Cruz por el tiempo de lectura y las recomendaciones realizadas buscando siempre mejorar los métodos de investigación y el análisis crítico.

A los miembros de la banca, Andrei Koerner y Reginaldo Nasser, por la lectura y críticas que ayudaron a mejorar el presente texto.

A Suzeley por la ayuda constante y la confianza en mi trabajo.

A Grazie por la lectura, recomendaciones e incentivo.

A Isabella, Giovana y Camila por quitar mis dudas y solucionar mis problemas administrativos.

A mi familia que sin ellos nada de esto sería posible.

A Felipe por el aguante diario y el constante apoyo.

RESUMEN

Es como consecuencia del fin de la Unión de Republicas Socialistas Soviéticas-URSS que surge la Federación Rusa, un nuevo estado ahora capitalista y liberal. A partir del surgimiento del mismo se pretende en el presente trabajo analizar los principales desafíos vividos por la Federación con respecto a la formulación de política interna y externa desde 1991 hasta 2008 y a partir de allí se busca comprender como la federación se relacionó con la organización militar más grande del mundo, la Organización del Tratado del Atlántico Norte-OTAN. Con la utilización de documentos oficiales y autores especializados se procura entender en el análisis de estas tres etapas los vaivenes vividos por la política rusa en el transcurso de casi 20 años vislumbrando de esta forma el padrón de comportamiento adoptado desde el fin de la Guerra Fría. Por medio del presente trabajo se busca obtener una visión panorámica del comportamiento de Rusia a nivel nacional e internacional con foco principal en la relación Rusia-OTAN estructurando un argumento que permita comprender el comportamiento ruso en esta nueva era.

Palabras clave: Federación Rusa, Política Interna, Política Externa, Relación Rusia-OTAN.

ABSTRACT

It is as a consequence of the end of the Union of Soviet Socialist Republics-USSR that the Russian Federation emerges, a new state now capitalist and liberal. From the outset, it is intended in the present work to analyze the main challenges faced by the Federation in respect to the formulation of internal and external policy from 1991 to 2008. From there on it is sought to understand how the federation relates with the largest military organization in the world, The North Atlantic Treaty Organization (NATO). Making use of official documents and specialized authors it is tried to understand in the analysis of these three stages the ups and downs of Russian politics over the course of almost 20 years, thus envisaging the pattern of behavior adopted since the end of the cold war. The present work seeks to obtain a panoramic view of the behavior of Russia at national and international level with a focus on the Russia-NATO relationship, structuring an argument to understand Russian behavior in this new era.

Key-words: Russian Federation, Internal Politics, External Politics, Russia-NATO Relationship.

RESUMO

É como consequência do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas-URSS que surge a Federação Russa, um novo Estado agora capitalista e liberal. A partir do surgimento do mesmo pretende-se no presente trabalho analisar os principais desafios vividos pela Federação com respeito à formulação da política interna e externa de 1991 até 2008. A partir daí busca-se compreender como a federação se relacionou com a maior organização militar do mundo, a Organização do Tratado do Atlântico Norte-OTAN. Com a utilização de documentos oficiais e autores especializados procura-se entender na análise dessas três etapas os vaivéns vividos pela política russa no transcurso de quase 20 anos, vislumbrando dessa forma o padrão de comportamento adotado desde o fim da guerra fria. Por meio do presente trabalho busca-se obter uma visão panorâmica do comportamento da Rússia a nível nacional e internacional com foco principal na relação Rússia-OTAN, estruturando um argumento que permita compreender o comportamento russo nesta nova era.

Palavras-chave: Federação Russa, Política Interna, Política Externa, Relação Rússia-OTAN.

LISTA DE ILUSTRACIONES

Ilustración 1-	Mapa del Cáucaso Norte	26
Ilustración 2-	Mapa de la Infraestructura Petrolera y Gasífera de la Federación Rusa	65

LISTA DE TABLAS

Tabla 1-	Resultado de la Elección Presidencial	33
Tabla 2-	Partidos mas votados en las elecciones para la DUMA	43

LISTA DE ABREVIATURAS Y SIGLAS

AI	Amnistía Internacional
BCR	Banco Central de Rusia
BM	Banco Mundial
BRIC	Brasil-Rusia-India-China
BRICS	Brasil-Rusia-India-China-Sudáfrica
CE	Consejo de Europa
CEI	Comunidad de Estados Independientes
CS-ONU	Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas
DDHH	Derechos Humanos
FFAA	Fuerzas Armadas
FMI	Fondo Monetario Internacional
FSB	Russian Federal Security Service
G7	Grupo de los 7
G8	Grupo de los 8
GMCT	Guerra Mundial Contra el Terrorismo
HRW	Human Right Watch
IFOR	Implementation Force
KGB	Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti
KFOR	Kosovo Force
NACC	North Atlantic Cooperation Council
NRC	NATO-Russia Council
OCS	Organización de Cooperación de Shanghái
OSCE	Organization for Security and Cooperation in Europe
OMC	Organización Mundial del Comercio
ONU	Organización de las Naciones Unidas
OTAN	Organización del Tratado del Atlántico Norte
PBI	Producto Bruto Interno
PCUS	Partido Comunista de la Unión Soviética
PfP	Partnership For Peace
PJC	Permanent Joint Council
RDA	República Democrática Alemana
RU	Rusia Unida
RSFSR	República Socialista Federativa Soviética de Rusia
RSSB	República Socialista Soviética de Bielorrusia
RSSU	República Socialista Soviética de Ucrania
SFOR	Stabilization Force
START	Strategic Arms Reduction Treaty
UE	Unión Europea
UNPROFOR	United Nations Protection Force
URSS	Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMARIO

Introducción.....	14
Capítulo 1: La Política Interna de la Federación en Tiempos de Cambio.....	18
Introducción.....	18
1.1 La reestructuración económica que se inicia con Yeltsin.....	19
1.2 La crisis parlamentaria de 1993: desorden en el plano político.....	22
1.3 1º guerra de Chechenia: buscando el orden.....	25
1.4 Crisis económica de 1998: punto final de un ciclo.....	28
1.5 Renuncia a la presidencia: asume Putin.....	31
1.6 2º guerra de Chechenia: encontrando el orden.....	34
1.6.1 Atentados terroristas como propulsores políticos.....	36
1.7 Fortalecimiento económico.....	38
1.7.1 Recuperación Económica.....	39
1.7.2 Lucha con la Oligarquía.....	41
1.8 Restablecimiento del orden por medio del aparato político.....	42
1.9 Impacto de la crisis económica de 2008.....	45
Consideraciones sobre la política interna.....	48
Capítulo 2: La Política Externa de la Nueva Federación Rusa.....	49
Introducción.....	49
2.1 Las prioridades externas como país independiente.....	50
2.1.1 Rusia y la Estrategia de Seguridad Nacional.....	54
2.2 Rusia y las organizaciones internacionales.....	56
2.3 Rusia y las relaciones con la CEI.....	60
2.4 Rusia reconfigurándose en una nueva era: la era Putin.....	62
2.5 Rusia y las revoluciones de colores.....	68
2.6 La asunción de Medvedev y la Guerra de Georgia.....	72
Consideraciones sobre la política externa.....	77
Capítulo 3: Rusia y Las Relaciones con la OTAN.....	78
3.1 Breve histórico de la organización.....	78
3.2 Las Relaciones en el mundo “unipolar” y la guerra de Bosnia.....	80
3.2.1 La guerra de Bosnia.....	83
3.2.2 Posibilidad de expansión de la OTAN.....	87
3.3 El Acto Fundador Rusia-OTAN.....	89
3.4 La crisis de Kosovo: un determinante en la relación.....	92
3.4.1 El proceso de ampliación y el establecimiento de un nuevo concepto estratégico.....	99
3.5 Las relaciones bajo una nueva presidencia: Putin y la OTAN.....	102
3.5.1 Rusia y la OTAN se enfrentan a la Guerra Mundial Contra el Terrorismo.....	105
3.5.2 Prosperidad que duro poco: nuevos conflictos en la relación y una nueva ampliación.....	107
3.5.3 Los nuevos desafíos en la relación y la guerra con Georgia.....	110
Consideraciones sobre las relaciones Rusia-OTAN.....	114
Consideraciones Finales.....	116

Bibliografía.....	119
--------------------------	------------

Introducción

El colapso de la Unión de Republicas Socialistas Soviéticas-URSS no representó únicamente el surgimiento de 15 nuevos estados ahora independientes y capitalistas sino también conformó un marco en el sistema internacional denominado de nuevo orden mundial. Este vino acompañado de la globalización y de un mundo mas interconectado donde las acciones realizadas en el este asiático por ejemplo tendrían influencia directa en cualquier parte del sistema internacional.

Para muchos intelectuales este nuevo orden mundial estaría caracterizado por la unipolaridad dominada por Estados Unidos, para otros representaría el inicio de un nuevo ciclo económico dominado por China y las potencias asiáticas, representó para intelectuales como Fukuyama el denominado fin de la historia, una teoría bastante particular que no tuvo ningún respaldo histórico pero que tuvo repercusión internacional ya que existía el cuestionamiento sobre ¿Qué es el fin de la Historia?.

Todo este proceso vivido a partir de 1989 y la formulación de diferentes teorías sobre el futuro de las relaciones internacionales colocaron a la Federación Rusa en el centro de las cuestiones a ser debatidas, con la caída del muro y la aceptación soviética de la unificación alemana surgiría un nuevo estado alemán esencialmente capitalista junto con este el denominado Pacto de Varsovia sería extinto y de esa forma el complejo de seguridad creado para “proteger” a los estados socialistas ahora no existía mas.

El sostén de la URSS había comenzado a desmoronarse como consecuencia de crisis económicas del propio sistema socialista, los líderes soviéticos habían iniciado un proceso de transformación que los llevaría en unos pocos años a apoyar nuevas medidas descentralizadoras y abiertas al mundo lo que traería como consecuencia el desmoronamiento del sistema político y económico soviético en diciembre de 1991 y con ello el fin del estado socialista mas grande e importante del sistema internacional.

Tanto el Estado soviético como el nuevo estado ruso creado a partir de 1991 representan para el sistema internacional uno de los estados mas importantes y con mas historia, estudiar y comprender parte de su proceso histórico no solo permitirá comprender y obtener un mejor análisis del comportamiento de la propia Federación sino también del resto de los estados, sus principales socios, sus vecinos y la relación con estos y sobre todo la actitud rusa con estados claves en el sistema internacional, Estados Unidos, China, Ucrania y con entidades como la Unión Europea e inclusive la OTAN.

En diciembre de 1991 comenzarían para la Federación Rusa los desafíos más importantes que como nación independiente enfrentaría. La transformación sería dolorosa y profunda e implicaría una serie de retos difíciles de ser concretados. Los casi 20 años a ser estudiados en el presente trabajo buscan mostrar entre otras cosas las dificultades enfrentadas por Rusia para concretar y de hecho hacer efectivos los desafíos de convertirse en una democracia liberal bajo una variedad de recomendaciones occidentales, ya que la dificultad de transformar un estado socialista en un estado capitalista de cuño liberal no decía respecto únicamente a la transformación de las instituciones que regían el sistema soviético y a la creación de nuevas entidades sino también a la adaptación a una nueva cultura de desarrollo y crecimiento que hacia foco principalmente en el individuo bastante diferente de las bases presentadas por el sistema de desarrollo soviético.

Se eligió como periodo a ser estudiado desde 1991, es decir desde la declaración del fin de la URSS hasta el último año del segundo mandato de Vladimir Putin en el poder 2008. La elección no fue aleatoria por el contrario, es a través de este período que se consiguen observar una variedad de transformaciones profundas y de desafíos que explican el comportamiento de la Federación hasta la actualidad -2017- y se busca por medio de estos mostrar un padrón de comportamiento encontrado en el desarrollo de la Política Rusa a partir de 1991 que culmina con la Guerra de Georgia en agosto de 2008, dando inicio a un nuevo modo de hacer frente a la Política tanto interna como externa.

El desarrollo de la política rusa ha enfrentado mudanzas y giros por veces inesperados que se entiende la caracterizan como única y particular, estos vaivenes dicen respecto a procesos similares vividos en estos casi 20 años y reiterados mas de una vez que permiten observar dicho padrón permitiendo determinar cambios e inflexiones en varias esferas de la política. A través del análisis de la política rusa y por medio de 3 capítulos se busca tener una mejor comprensión tanto del proceso de formulación como del proceso de acción en la política externa e interna de la federación, la relación establecida con la OTAN es posiblemente una de las relaciones mas conturbadas de la Federación con una organización extranjera y se entiende refleja parte del comportamiento ruso con quienes son sus mayores por veces enemigos y por veces aliados, los estados de occidente.

En el que se denominó de capitulo 1 el análisis de la política interna y de sus principales elementos coloca las bases para comprender de que forma Rusia hizo frente a sus desafíos internos, repercutiendo en otras áreas como la Política Externa. Como se colocó anteriormente el periodo estudiado es entre 1991-2008 por ello los hechos y factores mas destacados de la

política interna serán colocados en este punto. Para ello el estudio de la crisis parlamentaria, la adopción de un nuevo modelo económico basado en una economía de mercado liberal con el auspicio directo de occidente, las dos guerras de Chechenia, las dos crisis económicas 1998/2008, la lucha con la oligarquía y la reestructuración del sistema político son elementos fundamentales que buscan comprender como se desarrollaba la política interna en este periodo. El entendimiento de estos elementos servirán para comprender los dos elementos fundamentales descritos a continuación, la política externa y la relación con la OTAN.

Por otro lado se busca estudiar las principales medidas tomadas a nivel de la política externa, la emisión de nuevos documentos fundamentales, el inicio de las relaciones con el resto de los estados miembros del sistema internacional, la creación y evolución de la Comunidad de Estados Independientes-CEI, la relación con algunas organizaciones internacionales claves para el desarrollo de la economía y de la política de la nueva federación, las denominadas revoluciones de colores y como Rusia actuó frente a estas y frente a la Guerra con Georgia son algunos de los puntos a ser estudiados en el que se corresponde con el capítulo 2 del presente trabajo. Como colocado los documentos oficiales emitidos en la época serán fundamentales ya que muchos de estos trazan el camino a ser tomado por la Federación con respecto al resto de los estados miembros del sistema internacional, los análisis realizados por autores especializados en la política externa rusa servirán para comprender de que forma esta fue determinada e influenciada y junto con la Política Interna conseguir obtener un análisis panorámico de la situación rusa que llevará a la comprensión de la relación Rusia-OTAN.

Por ultimo el que representa y se constituye en el presente texto como la mayor referencia de la actitud rusa de altos y bajos en la política que es la relación entre la Federación y la OTAN, el estudio de las relaciones entre 1991-2008 no busca “culpar” a la Federación de todas las consecuencias que esta produjo, por el contrario se entiende que las relaciones entre ambos son conflictivas y por veces contradictorias como consecuencia de la acción de ambas partes, sin embargo la parte que respecta a Rusia es caracterizada así como la Política Interna y la Externa por medio de un padrón que se busca “comprobar”. Con el estudio de los principales acontecimientos que afectaron la relación, la Guerra de Bosnia, los dos procesos de ampliación, el acto fundador que coloca directrices en la relación Rusia-OTAN, la Guerra de Kosovo y la lucha conjunta en la Guerra Mundial contra el Terrorismo. Así como en el capítulo 1 y 2 en el capítulo 3 se tomarán las declaraciones conjuntas realizadas como también los documentos y declaraciones rusas con respecto a la OTAN durante el periodo buscando caracterizarla y comprender cual era la posición rusa con respecto a la organización.

Los acontecimientos que serán mostrados son producto del análisis de la cronología de la historia rusa la necesidad de priorizar algunos hechos por sobre otros se hace necesaria por una cuestión de espacio y tiempo sin embargo no se busca colocarles importancia a los mismos, sino que es meramente una cuestión de utilidad para el presente trabajo. Todos los acontecimientos conforman en su conjunto parte del proceso histórico vivido por la Federación Rusa desde 1991 teniéndola siempre como protagonista y por ello son colocados en el presente trabajo los que se consideran elementos principales y fundamentales para comprender el desarrollo de la política rusa.

Capítulo 1- La Política Interna de la Federación en Tiempos de Cambio

La Federación Rusa adopta este nombre a la partir de diciembre de 1991 ratificado en la Constitución Rusa de 1993, es un estado semi-presidencialista (existen autores que afirman que es presidencialista) adoptando a partir de 1991 una forma de gobierno republicana que consta de una Asamblea Federal (parlamento) bicameral, la Cámara Alta que es el Consejo de la Federación y la Cámara Baja que es la DUMA estatal. El jefe de estado es el Presidente de la Federación y el jefe de Gobierno es el primer ministro, indicado por el presidente y aprobado por la DUMA estatal.

Consta de 85 sujetos federales, estos sujetos tienen diferentes atribuciones, como Republicas Autónomas, Ciudades Federales, Regiones, Territorios y Provincias. De acuerdo a la constitución es una Estado multiétnico donde el idioma ruso es el oficial, pudiendo cada sujeto de la federación adoptar uno secundario (esto va a depender del tipo de sujeto).

Estas particularidades deben ser incorporadas a las características que la Política Interna va a adoptar a partir de la disolución de la URSS, conformándose como un estado único y singular estudiándose a continuación.

Introducción

La desintegración de la Unión de Republicas Socialistas Soviéticas-URSS representó para la Federación Rusa la oportunidad (o la obligación) de crear nuevas instituciones que dieran legitimidad al nuevo estado. Nuevos lineamientos en materia económica, social, política y cultural deberían ahora ser colocadas en pauta buscando el desarrollo de la nueva Federación. Dejando para atrás las reglas e instituciones que regían el Estado Soviético.

Una variedad de debates fueron formulados en la literatura buscando dar respuesta tanto a los motivos que llevaron a la desintegración como también proponiendo soluciones para aumentar el crecimiento económico y el desarrollo social. Se pretende por medio del presente texto colocar cuales fueron los principales desafíos que la Política Interna de la Federación Rusa tuvo que enfrentar al conformarse como tal, para ello se busca abordar cuestiones como la reestructuración económica, la crisis parlamentaria, la crisis económica de 1998, las dos guerras de Chechenia, la renuncia de Boris Yeltsin, la reestructuración política adoptada por Putin, la crisis económica de 2008, entre otros puntos.

1.1 La Reestructuración Económica que se inicia con Yeltsin

Llegando al fin de 1991 después de un año conturbado, de un intento de Golpe de Estado, de la disolución del pacto militar que abarcaba el mundo socialista, el Pacto de Varsovia, del anuncio por parte de 3 repúblicas (Rusia, Bielorrusia y Ucrania) que abandonarían la URSS, el secretario general de la URSS renuncia a su cargo dando así la libertad a las repúblicas de crear y desarrollar sus estados independientemente de la URSS. Al frente de la República de Rusia quedan quienes durante los últimos años de la Unión Soviética lucharon por colocar al país en el mundo capitalista buscando hacer más radicales las reformas iniciadas por Gorbachov.

Electo en junio de 1991 para presidir la República Socialista Federativa Soviética de Rusia-RSFSR Boris Yeltsin asume la presidencia de la ahora Federación Rusa siguiendo el camino que venía realizando en años anteriores y asumiéndose como un disidente del socialismo, Yeltsin convoca a quienes fueron sus aliados en la lucha contra el gobierno de Gorbachov, y comienza con las reformas. Las dos presidencias de Yeltsin van a caracterizarse por cambios constantes en el gabinete ministerial esto va a ser producto de la inconformidad de la oposición pero también por parte de la población, con el apoyo de estadísticas que apuntan una disminución de gran parte de índices económicos y sociales así como la disminución de la aprobación de la propia población al mandatario.

La reestructuración económica se da como resultado del poco crecimiento que venía siendo observado en la antigua Unión Soviética desde el fin de los años 70 la misma es resultado de medidas instaladas durante el mandato de Gorbachov que se profundizaron a partir de 1991. Para el establecimiento de estas medidas que se denominaron de Terapia de Shock se encontraba el convencimiento de que era necesario hacer las reformas de manera brusca y radical generando un impacto al comienzo que llevaría a una estabilidad en el futuro próximo.

A partir de enero de 1992 una vez desintegrada la URSS comienzan a ser ejecutadas las primeras medidas buscando instalar una economía de mercado, estas tenían como premisa desintegrar el sistema económico de control soviético, tanto de empresas como de precios por medio de dos caminos, el primero quebrar con el control estatal de los precios lo que traería una fuerte alta de la inflación y el segundo dice respecto a la privatización de empresas estatales. De esta manera se buscaba disminuir los gastos públicos abriendo el mercado a inversiones extranjeras proceso que se vio interrumpido por las dificultades internas que Rusia padecía, provocando la desconfianza de los inversores. Estas reformas buscaban instalar una economía liberal con preceptos idénticos a los del ya conocido Consenso de Washington.

La liberalización de los precios adoptada al inicio de 1992 en una estructura estatal que todavía poseía gran cantidad de elementos socialistas provocó una suba abrupta de la inflación lo que generó por un lado la incapacidad de la población de acceder a bienes de consumo por su costo elevado, por otro lado la agencia encargada de emitir moneda no se encontraba preparada para esas circunstancias y generó que el estado fuera incapaz de realizar pagos de salarios y pensiones (MEDVEDEV, 2000).

Las condiciones en las que se encontraba la economía rusa rápidamente generaron una fuga de capitales, esto fue consecuencia de la suba de la inflación como factor destacado pero también como consecuencia de la inestabilidad que la industria rusa le brindaba a los ahora empresarios nacionales (pertenecientes en su mayoría en el pasado al PCUS, ahora disidentes del mismo).

El proceso de “venta” de empresas estatales se convirtió sin embargo en un proceso de creación de una oligarquía que adquirió bienes estatales a precios irrisorios por debajo de los precios de mercado. Ésta se transformaría en la década de los 90 en el mayor aliado del gobierno Yeltsin. Es necesario destacar que la Oligarquía que se crea a partir de 1991 es esencialmente rusa y perteneció (en su mayoría) en el pasado a la llamada Nomenclatura¹ siendo producto de la misma. La literatura presenta una amplia variedad de debates sobre el rol de la antigua Nomenclatura y de la nueva oligarquía económica y política. Sin embargo existen elementos que pueden ser considerados consensuales en estos análisis, como el que colocamos anteriormente donde la Nomenclatura se apropió de las antiguas empresas estatales como beneficio del cargo que ocupaban durante la URSS, comprándolas a precios absurdos.

En cuanto esta camada muy pequeña de la población rusa se beneficiaba de los cambios que venían siendo realizados, la mayoría de población perteneciente al antiguo proletariado veía afectado no sólo el ingreso mensual de sus hogares sino también la suba de precios de los bienes de consumo.

Es importante notar que el caso ruso es particularmente diferente ya sea de sus vecinos que también eran socialistas y sufrieron la transformación o ya sea de las economías que adoptaron un sistema de libre mercado siendo que estas ya pertenecían al sistema capitalista, es el caso de las economías latinoamericanas. La diferencia fundamental con sus ahora vecinos

¹ La Nomenclatura era un grupo privilegiado dentro de la estructura del Sistema Soviético, por definición pertenecían al Partido Comunista de la Unión Soviética, y eran miembros militantes y con una vasta carrera. No se los debe confundir con la Intelligentsia, o con miembros de la propia burocracia (estos tenían tareas más técnicas y con poca importancia política dentro del Estado Soviético).

fue la cantidad de ayuda proveniente del exterior que estos recibieron para efectuar las reformas que los llevarían a transformarse en economías capitalistas principalmente con los países del este europeo, que recibieron de occidente de 4 a 5 veces más de presupuesto con respecto a lo que Rusia recibió (Tsygankov, 2013). Por otro lado las economías latinoamericanas sufrieron el llamado Consenso de Washington, después de un proceso de gobiernos dictatoriales (con respaldo de gobiernos occidentales) que buscaban frenar el avance del comunismo en la región recibieron la “ayuda” de organizaciones occidentales que direccionaron las economías por el camino del neoliberalismo. La Federación Rusa se enfrentó a la nueva economía con un presupuesto escaso y sobre todo con una elite que buscaba hacerse con las antiguas empresas estatales buscando el beneficio personal.

Este proceso estuvo fuertemente respaldado por documentos como el concepto de Política Externa de 1993 donde según Sergunin (2016) la Federación Rusa debía buscar financiación externa adhiriendo a los mercados internacionales adecuándose a las normas económicas globales, para lograrlo debía recibir la ayuda externa siendo que esta representaría una diferencia importante en la evolución de la economía rusa, ayuda proveniente principalmente de organismos como el FMI y el BM.

Como producto de la acción estatal creando distintas leyes y decretos que dictaminaban los pasos a ser seguidos en la economía, el entonces Estado Ruso pasó a deshacerse de las empresas estatales. Por medio de la técnica de Vouchers (validos de 1992 hasta 1993) se buscaba (supuestamente) devolver al trabajador parte de lo que le correspondía, estos consistían en una especie de Cheques por un determinado valor que le pertenecían a cada uno de los trabajadores rusos de la época de acuerdo a las necesidades de cada individuo estos venderían o se apropiarían de determinadas propiedades, esto era indicado en la teoría.

Sin embargo a la hora de llevar a la practica la utilización de los Vouchers es necesario observar las necesidades de los trabajadores de acuerdo a la coyuntura económica que se desarrollaba en la federación es por eso que la literatura alberga diferentes visiones sobre esta medida tomada por el Estado Ruso. Tatiana Sidorenko (1994) entiende que dividir una empresa en una cantidad tan grande de accionistas provoca que la privatización tenga un efecto que no es el esperado, es decir la empresa no tendrá el funcionamiento que se espera de ella. Por otro lado Medvedev (2000) apunta que en caso de que este sistema hubiera funcionado efectivamente, provocaría un beneficio en la clase más pobre de la Federación.

El sistema de Vouchers no funcionó por varios motivos en muchos casos estos eran utilizados para sobrevivir vendiéndolos a precios por debajo del valor de mercado, como

también se vio perjudicado por la suba de la inflación que provocó la desvalorización de los mismos. La incapacidad que generó utilizar productivamente estos Vouchers se vio directamente impactada por la apropiación de los ahorros de la población por parte del gobierno ruso, esto impidió que los ciudadanos se utilizaran de los ahorros para complementar el valor de los Vouchers buscando comprar acciones mas valiosas.

La suba de la inflación se produce como resultado de las políticas tomadas al inicio del año 1992 por medio de decretos que buscaban liberalizar los precios dejando al mercado su auto regulación. Esto provocó para la población una suba drástica de los valores en los bienes de consumo que no se correspondían con la suba en los ingresos recibidos, generando un incremento en el número de familia que vivían con menos de una canasta básica por mes. Por otra parte el incremento en los precios generó un aumento en el comercio ilegal de estos bienes principalmente con las ex-repúblicas soviéticas (MEDVEDEV, 2000).

El proceso de venta de empresas estatales produjo un incremento de la desigualdad social ahora la brecha entre el más pobre y el más rico era mayor que durante los años de la Unión Soviética. Según Sidorenko (1994) las nuevas políticas económicas no funcionaron ya que la Federación no tenía un histórico de empresario locales, Medvedev (2000) sin embargo afirma que es posible equilibrar el libre mercado con el control de los precios siendo que una no es excluyente de la otra, el autor entiende que los ejecutores de la Terapia de Shock se negaron a ver la realidad y sobre todo a intentar transformarla admitiendo que la teoría subestimó a la practica.

Las reformas económicas impulsadas por el gobierno de Yeltsin se vieron acompañadas de una crisis parlamentaria ya que a medida que la economía empeoraba la crisis en el parlamento aumentaba y la situación política de la Federación entraría en un estado de Guerra.

1.2 La Crisis Parlamentaria de 1993: desorden en el plano político

Para comprender la crisis política que se desata en 1993 es necesario notar que habiendo pasado casi dos años desde la disolución de la URSS la Federación Rusa continuaba con reglas y mandatos del periodo anterior, aun con ciertas modificaciones se encontraba en vigor la constitución de 1978 perteneciente a la antigua URSS.

El ahora poder legislativo hasta diciembre de 1993 poseía la misma composición que mantuvo durante los últimos años su homologo en la URSS. En el denominado Soviet Supremo

se encontraban por un lado la Asamblea Legislativa y por otro el Congreso de los Diputados del Pueblo, este último era electo por el pueblo y era el encargado de la elección de los miembros de la Asamblea Legislativa. El entonces parlamento constaba en total de 1318 miembros, 1068 pertenecientes al Congreso de los Diputados y 215 a la Asamblea Legislativa (OSTROW, 1996).

Cuando Yeltsin asume la presidencia de la Federación Rusa el entonces Soviet Supremo continua con el funcionamiento que mantuvo durante la URSS, dando autorizaciones por medio de resoluciones al entonces presidente para que este realizara modificaciones económicas y políticas buscando reconfigurar el funcionamiento del nuevo estado. Es importante destacar que es parte de este parlamento que apoyó a Yeltsin en el golpe de agosto de 1991.

La crisis parlamentaria que se inicia en 1993 se puede identificar como la crisis más importante de la política doméstica en la Rusia pos-soviética, la explicación en detalles se hace a esta altura del trabajo imposible por su extensión pero se considera importante colocar los hechos principales que la caracterizaron. Ésta es producto de una otra crisis interna producida por los cambios económicos que el país venía enfrentando que se colocaron en el punto anterior y es apuntado por algunos autores que la decisión tomada por el parlamento de destituir a Gaidar conforma el inicio la crisis política, ya que las medidas tomadas para incluir a Rusia en una economía de mercado comenzaron a crear antagonismos, por un lado los que apoyaban las medidas y buscaban profundizarlas aun más, y por otro los que se oponían alegando que la situación interna no podía continuar así. Autores como Valéncia Montes (2002) afirma que no solo como consecuencia de la destitución de Gaidar sino que el parlamento también buscaba revertir las medidas cedidas a la entonces presidencia de libertad de acción en el área económica y política.

La crisis política enfrentó el parlamento (que tan sólo dos años antes había brindado apoyo a la reforma que Yeltsin buscaba implantar) y Yeltsin, después que este último decretara resoluciones que buscaban eliminar la subordinación de sus decisiones al congreso factor que estaría dando más poder a la presidencia (MEDVEDEV, 2000).

A partir de ahí comenzó una lucha por el poder entre Yeltsin y el Parlamento utilizándose ambos lados de diversas herramientas como eran los medios de comunicación, convocar a marchas frente a la casa presidencial, revueltas populares. El parlamento alegaba inconstitucionalidad por parte de las acciones de Yeltsin, al primero se le junto el entonces vicepresidente Alexander Ruskoi, quien según algunos analistas buscaba consolidarse como el nuevo presidente, es así que durante varios meses el congreso intentó por medio de la

deslegitimación de Yeltsin (por los decretos institucionales que este había realizado) sacarlo de la presidencia. En una primera instancia se recurrió a la votación de un impeachment recurso que fue favorable a Yeltsin. Posteriormente se busco realizar un referéndum para que de esa forma la población decidiera quien continuaría a cargo de la presidencia y bajo que condiciones, consultando a la población sobre la asertividad o no de las políticas económicas implantadas por el entonces gobierno.

Para sorpresa de muchos la respuesta de la población fue favorable a Yeltsin tanto a las políticas económicas como también al propio Yeltsin como figura presidencial y esto provocó un aumento de las tensiones internas, ya que ahora la figura de presidente no sólo tenía el poder sino también la legitimidad popular para realizar las reformas. El aumento de las tensiones tuvo su punto culminante cuando Yeltsin buscó deslegitimar el parlamento por medio de un decreto que eliminaba los poderes del mismo, disolviéndolo y creando uno nuevo ahora bajo el nombre de Asamblea Federal. Frente a dicho decreto el parlamento tomo medidas similares buscando eliminar los poderes de Yeltsin como presidente.

Después de llegar a enfrentamientos (con cientos de heridos y con personas muertas inclusive) el decreto de Yeltsin entra en vigor y con él algunas directrices como eran llamar a nuevas elecciones para elegir los nuevos miembros de la Asamblea tanto del Consejo de la Federación como de la DUMA, cámara alta y cámara baja respectivamente y también aprobar (o no) la nueva constitución. Las elecciones son realizadas sin embargo el resultado no es el esperado por el equipo de Yeltsin, los oficialistas consiguen un poco mas de 10% de asientos en el parlamento muy por debajo de lo esperado. Por otro lado la constitución es aprobada elemento que va a reconfigurar la estructura política de Rusia hasta la actualidad.

Con el fin de la crisis política, y con la aprobación de la nueva constitución se establecerían los lineamientos generales de la política rusa en los próximos 25 años, no sólo se instaure una democracia semi-presidencialista sino que también se reconfiguran las nuevas repúblicas lo que tendrá impacto en el punto a seguir, la Guerra de Chechenia. Se sustituye el Soviet Supremo por una Asamblea Federal que es conformada por dos cámaras, la cámara alta denominada Consejo de la Federación integrado por dos miembros de cada sujeto de la Federación. Según la constitución es colocado que la Federación tiene 85 sujetos (factor que puede cambiar a través del tiempo) entre Repúblicas, Federaciones, Regiones, Ciudades Autónomas, es decir cada una de estas es representado en el parlamento por dos asientos, elegidos por la asamblea legislativa y ejecutiva de cada sujeto; y la cámara baja denominada DUMA estatal integrado por 450 diputados.

Bajo esta coyuntura Yeltsin continua presidiendo la federación, sin embargo no todas las republicas aceptarán las medidas instauradas por medio de los decretos y de la constitución. La republica de Chechenia es llamada de republica rebelde desde 1991 siendo que mientras el caos económico y político reinaba en Moscú, Chechenia declaraba su independencia unilateralmente. Tratando de impedir que este movimiento sea adoptado por otras regiones de la federación y sobre todo buscando el orden en toda Rusia Yeltsin inicia una ofensiva en la república en 1994.

1.3 1° Guerra de Chechenia: buscando el orden

Históricamente el territorio Checheno dentro de la Federación Rusa se conformo como un punto de conflicto mientras duro el imperio o mismo durante la época soviética, existieron diferencias ideológicas entre el gobierno central de Moscú y la República. La región en la que se encuentra Chechenia, el Cáucaso, representa la ruta que une Oriente con Occidente así como la ruta que une el Mar Negro al Mar Caspio, este último es hoy en día un elemento de disputa entre países de la región (siendo que no solo es disputado por ellos, sino que potencias extra regionales también pelean por la soberanía del mismo) por la cantidad de recursos naturales que posee, la Republica posee además de refinerías en la capital una estructura de oleoductos que circulan por su territorio.

El inicio de la ofensiva rusa puede entenderse como el punto culmine en las relaciones entre ambos considerándose desestabilizador tanto internamente como entre la relación Rusia-Occidente, configurándose como un desafío a la seguridad interna rusa. Los motivos por los cuales se inicia la ofensiva son apuntados por una variedad de autores como diversos desde un intento del gobierno Ruso de transferir la atención de los problemas sociales y económicos a otra esfera; de buscar que el movimiento iniciado por los Chechenos no se expandiera a otras áreas de la federación; un apelo de Rusia para respetar y promulgar los DDHH que estaban siendo violados por el gobierno de Dudayev, donde existía un éxodo masivo de la población rusa como consecuencia; y por último el que representó mayor consenso entre críticos que fue el motivo económico Rusia no quería perder las rutas de transporte de gas y petróleo que poseía en el territorio de Chechenia.

Cuando ocurre la disolución una variedad de acuerdos fueron firmados buscando dar independencia definitiva a las Repúblicas Socialistas que integraban la URSS, si es que estas

así lo querían. Sin embargo dos repúblicas que se encontraban y pertenecían a la República Socialista Soviética de Rusia no consiguieron su separación de la Federación, la posteriormente denominada República de Ingushia y la República de Chechenia, desde la desintegración de la URSS Chechenia insistía fervientemente por su independencia buscando entre otras cosas formular una constitución para legitimar la creación de un nuevo Estado en el Cáucaso, este proceso tiene sus inicios en 1992 durante la reformulación de la Federación Rusa. Es en este lapso de 1992-1994 que las autoridades Chechenas aumentan el discurso nacionalista-independentista contra el gobierno ruso, llegando inclusive a declarar su independencia de la Federación de forma unilateral (SERGUNIN, 2016).

Ilustración 1- Mapa del Cáucaso Norte.

En rojo las repúblicas pertenecientes a la Federación Rusa, donde se encuentra Chechenia.



Fuente: <http://mapsof.net/caucasus/north-caucasus-regions-map>

En diciembre del año 94 las tropas rusas ingresan a la capital Grozni buscando retomar el control perdido desde la disolución de la URSS. La literatura afirma que la decisión de invadir militarmente Chechenia se da como resultado de idas y vueltas en la relación del Gobierno de Moscú con el Gobierno Checheno. Taibo (2007) coloca un factor clave para identificar esa relación que es un acuerdo firmado entre ambos en el 1992 donde el gobierno de Moscú debía retirar sus fuerzas armadas del territorio Checheno, dejando el control de este a autoridades locales lo que el autor señala como una clara muestra de que entre 1991 y 1994 Chechenia podía

considerarse un Estado Independiente.

Cuando las tropas rusas ingresan en 1994 en territorio Checheno buscaban una rápida acción militar para retomar el control de una república rebelde, sin embargo se deparan con una fuerte resistencia que provocara una baja importante tanto de soldados rusos y chechenos como de civiles residentes en la República. Según explican Fernández y Alberó (2005) la ofensiva llevada a cabo por el contingente militar ruso además de encontrarse con poca motivación no poseían ni una táctica ni una estrategia para la toma de la ciudad y gran parte no se encontraba entrenado para realizar un ataque militar, se le suma la experiencia de los Chechenos en áreas montañosas lo que provocó que el ejército local consiguiera además de nutrirse de los errores ajenos impedir el avance de las tropas rusas.

Los enfrentamientos continuaron durante casi dos años para el contingente Checheno implicó la inversión no solo de personas sino también de equipamientos e infraestructura que con el tiempo comenzaron a convertirse en ruinas; sin embargo el contingente ruso también padeció las consecuencias de los casi dos años de guerra, por un lado la cantidad de bajas y por otro la humillación que padecieron frente a la comunidad internacional pero sobre todo frente a la población rusa por no haber conseguido vencer una guerra que desde el comienzo “parecía ganada”.

Según Tarín Sanz (2014) los medios de comunicación jugaron en la época un papel fundamental en el desarrollo de la primera y posteriormente en la segunda guerra en Chechenia. Además de transmitir las imágenes de los bombardeos y del intercambio entre ambos bandos los medios representaron un espejo de todos los miedos rusos juntos, provocando en un primer momento el rechazo de la sociedad civil a la acción gubernamental rusa y en un segundo momento (a partir del 2000) acciones mas duras por parte del gobierno con la población chechena.

La actividad rusa en Chechenia se alimenta de dos fuentes jurídicas diferentes por un lado el documento que define el concepto de Política Externa de 1993 y por otro de la Doctrina Militar de 1993. En el primero de estos, se aclara que la opción de iniciar un enfrentamiento bélico se contemplaría en caso de amenaza a su propia seguridad (SERGUNIN, 2016). Sin embargo es para Sergunin (2016) la Doctrina Militar la clave donde se identifica a Chechenia no solo como amenaza sino que también el mismo documento ayuda a la posterior justificación del inicio del conflicto ya que se coloca como amenazas internas a la existencia de grupos que ataquen la integridad territorial rusa:

The most significant change in the Russian threat perceptions occurred with regard to internal threats. The Law on Security of 1992 only mentioned that

some of these might exist. The General Staff draft of the military doctrine (1992) simply ignored the very possibility of internal threats to Russia's security and therefore did not foresee any internal mission for the armed forces. This view was a result of the military elite's belief, that the armed forces should protect the country only from external enemies, not internal ones. The latter should be the business of the Ministry of the Interior and security services. (SERGUNIN, 2016, p. 143)

Las relaciones diplomáticas entre la Federación y la República son reanudadas a partir de la firma de una tregua entre ambos en la misma estos se proponen la conformación de una delegación para formular y colocar las bases de un futuro acuerdo que regule las relaciones entre “ambos actores”.

Esta ofensiva obtuvo de la opinión pública rusa una variedad de críticas negativas no sólo por la inversión económica que representó un alto gasto proveniente del estado, sino también por la cantidad de muertes rusas y chechenas que significó. El fracaso en la guerra también implicó la repercusión no sólo en la opinión pública sino en la clase política ya que como colocamos anteriormente el movimiento separatista podía expandirse a lo largo de la mayoría de las repúblicas rusas. Sin embargo el rasgo más destacable es dirigido a Rusia y a sus FFAA por la incapacidad de tomar una ciudad siendo que como heredera de la URSS la Federación estaba destinada a “ganar” la guerra que esta misma comenzó. El costo humano, económico y sobre todo de reputación produjo la firma de un tratado de paz entre ambas partes en 1996 lo que se conformó como un impasse de las relaciones entre la República de Chechenia y Rusia.

Las consecuencias que el primer conflicto Ruso-Checheno tuvo en los gobiernos de Boris Yeltsin sería fundamental para el futuro ruso. Tanto la “derrota” de una gran potencia frente a una república como las repuestas de esta en los años venideros con ataques a la población rusa implantando un nuevo miedo en el ámbito social, provocarían el apoyo masivo de la población rusa a las acciones mas duras del gobierno ruso a partir del año 2000 y traerían un mayor incentivo del gobierno ruso a discursos xenófobos contra la población chechena.

Con el fin de la ofensiva y tal vez como consecuencia por el presupuesto invertido en una guerra innecesaria, Rusia entraría en una etapa de recesión y colapso económico consecuencia de las medidas tomadas a partir de 1991 para instalar la conocida Terapia de Shock pero también consecuencia de una crisis que azota a toda la región asiática, provocando que en años posteriores la región se convirtiera en la mas productiva a nivel mundial.

1.4 Crisis económica de 1998: punto final de un ciclo

Habiendo pasado casi 5 años de una Rusia independiente Yeltsin buscando continuar con las políticas iniciadas en 1992 se presenta nuevamente a elecciones y pese a todos los pronósticos gana nuevamente permaneciendo de esa forma 4 años más en el asiento presidencial, pero es al llegar a la mitad del mandato que los pequeños avances económicos que la Federación había logrado comienzan a desvanecerse.

Para comprender la crisis económica a la que se enfrentó la Federación a fines de 1998 es necesario comprender el proceso económico vivido por la misma en la última década del siglo XX. A pesar de esta haberse conformado como una de las mayores en su historia, no azotó únicamente a Rusia sino que todo el continente asiático sufrió sus consecuencias. Al igual que en 1992 donde se instaló la Terapia de Shock y le siguió en los años posteriores una crisis política de gran magnitud, la moratoria rusa de 1998 fue el puntapié inicial para una serie de cambios tanto en el gabinete de Yeltsin como también en la estructura estatal rusa, que llevarían finalmente a la renuncia del presidente en diciembre de 1999. El establecimiento de la crisis puso en duda no solo la efectividad de las débiles instituciones rusas sino también la efectividad de las políticas económicas rusas a nivel global, cuestionando la incorporación de la Federación en el sistema económico global.

En cuanto a las causas gran parte de los autores coinciden en ser 3 la devaluación del rublo, la refinanciación de la deuda interna y el cese de pago de deuda externa. Para Medvedev (2000) hubo algunos elementos que provocaron la profundización de la crisis que se gestaba, como la incapacidad de pagar salarios y pensiones por parte del estado ruso que revertía todos los ingresos al pago de la deuda interna y externa; este factor se junto con un déficit en la balanza comercial que después de varios años en positivo las exportaciones fueron menores que las importaciones, provocando un cierto desconcierto en la clase política que estaba acostumbrada a un amplio superávit proveniente de las ventas de petróleo y gas.

En estas condiciones el Banco Central de Rusia es incapaz de mantener la tasa de cambio y para ello amplía el margen de fluctuación, para Medvedev (2000) esto fue una acción del gobierno para no admitir que se estaba llevando a cabo una devaluación de la moneda rusa, lo que se hace insostenible para el gobierno que es incapaz de arcar con los costos de mantener el rublo en determinado margen de fluctuación haciendo que este se desplome en reiteradas ocasiones.

The short-term government bond system arose in 1993. The government established this system in order to attract savings from Russian commercial banks and profitable enterprises in order to finance urgent budgetary needs. In 1993 Russia was in the midst of a constant political crisis. Government spending was many times greater than government income. People were

thinking in terms of months or at best a year or a year and a half. Their expectation was that things would straighten out, that the situation would become stabilized, and then the debts could be repaid. (MEDVEDEV, 2000, p. 306)

La devaluación vino acompañada de dos elementos por un lado una declaración del Estado ruso de refinanciación de los títulos públicos siendo que por ese motivo dejaría de emitir y de comercializar bonos de corto plazo. Por otro lado el gobierno ruso declara la moratoria de 90 días, en donde afirma ser incapaz de pagar la deuda asumida por bancos rusos en mercados occidentales y como consecuencia el cese de transacciones en moneda extranjera en toda la federación (MEDVEDEV, 2000).

Este último es tal vez el factor con mas repercusión a nivel internacional, sin embargo para la política interna rusa los tres elementos colocados van a ser igual de importantes frente a la crisis económica y política que se ira a afrontar. Las repercusiones que va a traer tanto en la economía como en la política rusa pueden considerarse claves, por un lado la disminución drástica del PBI junto con eso la caída de la inversión extranjera que ya no confiaba en el mercado Ruso, por otro lado las importaciones de productos manufacturados eran considerados excesivamente caros -por la devaluación del rublo- por ese motivo se desarrolla la industria nacional a precios accesibles y comienza un proceso de sustitución de importaciones. A diferencia de la crisis que azotó la economía rusa en 2008, donde parte de las justificativas se encuentra en la gran dependencia rusa de la exportación de hidrocarburos y en la repercusión que el precio de estos tiene en la economía; la crisis de 1998 en cambio es apuntada por Pineli Alves (2011) como una crisis de tipo bancario. Por un lado porque se da como consecuencia de una gestión del BCR con los “nuevos” bancos y por otro lado una crisis cambial ya que la desvalorización de la moneda rusa afecta directamente a las instituciones financieras, donde la baja de los precios de petróleo es apuntada como un factor más dentro de la propia crisis ya que a esta en 1998 se le adiciona una fuerte crisis política apuntada también por el autor como parte de las motivaciones que llevaron a la moratoria.

Después de la crisis comenzó una rotación de los políticos en el cargo de primer ministro mostrando la situación crítica que la política y la economía rusa estaban sufriendo y reflejando posiblemente la incapacidad de Yeltsin para estar en el cargo de presidente. Al estallar la crisis comienza entre la presidencia y la DUMA desencuentros sobre quien debe ejercer el cargo de primer ministro en el poder. El primer Ministro es sustituido mas de 5 veces entre 1998 y 1999, Serguei Kirienko era quien se encontraba en el cargo cuando Rusia declara moratoria el 17 de agosto de 1998, en ese mismo mes este es sustituido por su antecesor Chernomyrdin que queda

en el cargo por algunos días hasta la llegada de Primakov, quien queda por un tiempo hasta la llegada de Stephasin y con tres meses en el cargo es sustituido por Vladimir Putin.

Algunos intelectuales aseguran que la renuncia de Yeltsin a la presidencia de Rusia se da como punto culmine de la consecuencia de la crisis económica que tiene su auge en 1998. Sin embargo la constante rotación de los primeros ministros junto con una DUMA que no cedía, profundizó la falta de popularidad del presidente entre la población, adicionándole a estos los elementos externos que serán colocados en el próximo capítulo y que se conformarían como el detonante para la renuncia de Yeltsin a la presidencia en diciembre de 1999.

1.5 Renuncia a la Presidencia: asume Putin

Es reflejo de la coyuntura que Rusia vivía en 1999 que se ve reflejada en los puntos colocados anteriormente, en primer lugar una transición difícil y conturbada tanto económica como políticamente, una reelección a la presidencia que va a aumentar los contrastes de la sociedad rusa y una crisis económica que parece cerrar un ciclo de malas decisiones tomadas a lo largo de la década que terminan con la renuncia de Boris Yeltsin a la presidencia de Rusia el 31 de diciembre de 1999. Como se colocó anteriormente después de un sucesivo reemplazo de primeros ministros en agosto de 1999 es colocado Vladimir Putin como posible sucesor a la presidencia y es de esta forma que asume la presidencia interina hasta la realización de nuevas elecciones.

Vladimir Putin es según algunos intelectuales un político poco conocido, ya que la mayor parte de su carrera la había hecho en los servicios secretos aun en la época soviética. Sin embargo estas características serán replicadas en todo el mundo como elemento diferenciador de la figura presidencial asumida por Putin. Para Pomeranz (2005) este elemento es el que se utilizará para colocar a Rusia como un país poco democrático, principalmente contrastándolo con el periodo anterior y con su antecesor Yeltsin, en el cual según medios occidentales Rusia “disfrutaba de una democracia plena”.

Colton y McFaul (2003) afirman que existieron una serie de factores que influyeron en la abrumadora mayoría obtenida por Putin en marzo de 2000, por un lado la coyuntura política interna ya que en diciembre de 1999 se había realizado una nueva votación buscando encontrar los nuevos integrantes de la DUMA estatal; por otro lado el comportamiento que el futuro presidente adopto durante la campaña política manteniendo una cierta distancia de sus oponentes, y no accediendo a debates presidenciales; otro elemento apuntado por los autores es

la percepción que la población tenía sobre Putin, la población entendía que Putin representaba un consenso en la clase política ya que fue uno de los pocos políticos que fue aceptado, logro mantenerse y consiguió realizar acciones de gran porte (como el comienzo de la segunda Guerra de Chechenia, aun como primer ministro).

Segrillo (2012) por otra parte apunta dos factores que también entiende claves en la elección de Putin a la presidencia, por un lado el anonimato del cual gozaba Putin al momento de presentarse a las elecciones jugando en su favor, ya que este podía conseguir distanciarse de quien lo colocó en lugar de primer ministro y de lo que este representaba; y por otro lado el crecimiento de la economía después de un periodo oscuro en las finanzas rusas con el aumento de los precios del Petróleo y el comienzo de la bonanza económica para la Federación.

Se hace imprescindible colocar que Vladimir Putin busco la presidencia colocándose como independiente dentro del sistema político ruso (elemento que Yeltsin utilizó de igual manera al no estar vinculado a partidos durante la carrera presidencial), una vez como presidente se adhiere a lo que posteriormente sería Rusia Unida este factor puede ser añadido al análisis de los autores y a la importancia que tuvo no estar vinculado a ningún partido durante la campaña electoral (SEGRILLO, 2012).

Tanto la segunda ofensiva de Chechenia que representó para el entonces primer ministro la demostración de sus capacidades y para algunos intelectuales llegó incluso a catapultarlo como sucesor indiscutible a la presidencia, como las elecciones precipitadas del año 2000 que se dan como resultado de la renuncia de Yeltsin (que dejó pactadas las condiciones de la misma buscando así apartar represalias como consecuencia de las políticas adoptadas durante sus dos mandatos) se configuraron como elementos claves (el factor externo también es clave en este proceso el mismo puede ser observado en el capítulo 2) en la elección de Putin en marzo de 2000, que no tuvo más que un rival de peso Guennadi Ziuganov representante del Partido Comunista de la Federación Rusa-PCFR.

Tabla 1-Resultado de la Elección Presidencial. 26 de marzo de 2000

<i>Candidate</i>	<i>Nominated by</i>	<i>Votes received^a</i>	<i>Percentage of the vote^a</i>
Vladimir Putin	Independent	39,740,434	53.44
Gennadii Zyuganov	KPRF	21,928,471	29.49
Grigorii Yavlinskii	Yabloko	4,351,452	5.85
Aman Tuleyev	Independent	2,217,361	2.98
Vladimir Zhirinovskii	LDPR	2,026,513	2.72
Konstantin Titov	Independent	1,107,269	1.49
Ella Pamfilova	Civic Dignity Movement	758,966	1.02
Stanislav Govorukhin	Independent	328,723	0.44
Yurii Skuratov	Independent	319,263	0.43
Aleksei Podberëzkin	Spiritual Heritage	98,175	0.13
Umar Dzhabrailov	Independent	78,498	0.11
Against all candidates	n.a.	1,414,648	1.90

Source: Tsentral'naya izbiratel'naya komissiya Rossiiskoi Federatsii, *Vybory prezidenta Rossiiskoi Federatsii 2000: elektoral'naya statistika* (The 2000 election of the president of the Russian Federation: electoral statistics) (Moscow: Ves' Mir, 2000), p. 191.

n.a. Not applicable.

a. Omits spoiled ballots. Total valid ballots cast 74,369,773.

Fuente: COLTON; McFAUL, 2003, p. 10.

El 23 de marzo de 2000 Vladimir Putin es elegido presidente en primera instancia por mas del 53 % de los votos populares. A través de la tabla colocada anteriormente es posible observar tanto la cantidad de candidatos como la cantidad de votos recibidos por estos, esto se conformara como esencial en los próximos años para el sistema electoral ruso ya que los cambios en las normas para integrar la DUMA estatal aumentaran el limite mínimo de votantes provocando una disminución aun mayor de la cantidad de partidos en la arena parlamentaria, dejando las decisiones de la DUMA en manos de algunos pocos partidos siendo que en varias ocasiones las decisiones quedaron en manos de Rusia Unida el partido del presidente.

Lo que algunos autores apuntan al respecto del fin de mandato de Yeltsin y el comienzo de la presidencia Putin es muchas veces algo que representa ser más trascendental, es decir el fin del mandato de Yeltsin representa el fin de la era de transición rusa, el fin de la época pos-soviética donde todavía existían estructuras basadas en el sistema anterior llamada de fin de la era de transición por Nesterenko (2002). Putin es el encargado hacer que la ahora Federación que ya no se encuentra en la transición consiga crecer y alcanzar niveles históricos de desarrollo social y crecimiento económico, sin embargo ahora con nuevos desafíos en la política interna el inicio de una lucha con una oligarquía instalada en varias áreas de la economía rusa y la reformulación de la estructura política vigente y de sus instituciones serán fundamentales.

La segunda Guerra de Chechenia es posiblemente el primer gran desafío de Putin en la Política Interna Rusa, a diferencia de la primera guerra Putin tenía a su favor a la opinión pública rusa que apoyaba el inicio de una nueva ofensiva buscando demostrar que el poder se

encontraba en manos de los rusos.

1.6 2° Guerra de Chechenia: encontrando el orden

El inicio de la segunda ofensiva en Chechenia vino acompañado de una serie de medidas y acontecimientos que impulsaron e incluso justificaron la reacción rusa en la denominada “provincia rebelde”, ya que se da el comienzo de esta después de una crisis política en la vecina Republica de Daguestán junto con una serie de atentados a la población rusa adjudicados por el gobierno ruso a la población chechena. En una primera instancia la literatura apunta que el inicio de la guerra sirvió en la época para impulsar la candidatura de Vladimir Putin como sucesor de Yeltsin, este impulso se dio como resultado de una serie de acontecimientos que según expertos afectaron a la población rusa directamente (atentados a predios de civiles rusos) y provocó en esta una especie de “sentimiento de venganza”.

La Federación aun bajo la presidencia de Boris Yeltsin pero teniendo como primer ministro a Vladimir Putin dio como finalizado el acuerdo de Khasavyurt, firmado como puntapié para culminar la primer guerra ruso-chechena donde se pautaba la tregua entre ambos y se determinaba la formación de una comisión para arreglar las condiciones de la paz. Respaldándose al comienzo del Concepto de Seguridad Nacional de 1997 y posteriormente de los documentos que va a sancionar el nuevo presidente a partir de 2000, en octubre de 1999 se inicia por parte de Rusia una nueva ofensiva en la Republica de Chechenia.

Según Medvedev (2000) el inicio de las ofensivas se convirtió en el primer y más importante test para Putin como Presidente, al punto de ser colocado en la doctrina de seguridad del año 2000 como una de las principales amenazas a la seguridad interna de Rusia.

In the domestic political sphere, the national interests of Russia boil down to maintaining the stability of the constitutional regime and the institutes of state power, ensuring civic peace and national accord, territorial integrity and the integrity of the legal space, law and order, the completion of the development of a democratic society, as well as the neutralisation of the reasons and conditions, which facilitate the appearance of political and religious extremism, ethnic separatism and their consequences, namely social, ethnic and religious conflicts and terrorism (RUSSIA, 2000).

Los documentos oficiales (con esto nos referimos a la doctrina de Seguridad Nacional, doctrina militar y el documento que define la política Externa Rusa) reflejaban lo que sería la actividad rusa en los próximos años, así como occidente Rusia también coloca al extremismo religioso como un factor determinante en la acción de los terroristas o separatistas en la visión

rusa los chechenos formaban parte de ambos grupos. Sin embargo la primera guerra de Chechenia tenía bases bastantes diferentes que la segunda, el movimiento se fue nutriendo de líderes provenientes del islamismo radical lo que cambio las bases de las reivindicaciones Chechenas (SERGUNIN, 2016).

La literatura afirma que las bases del nuevo movimiento independentista checheno difieren en gran medida con el grupo que buscaba la independencia en 1992. Tanto la constitución como las reivindicaciones que comienzan en 1992 buscaban la independencia de la Republica Chechena con una estructura laica de poder, buscando la formación junto con otras Republicas Caucásicas de lo que estos llamaron de Confederación de Pueblos Montañeses del Cáucaso. Sin embargo esta región una vez finalizado el conflicto se comenzó a nutrir de ideas y líderes provenientes del Islamismo Radical, lo que llevo a la formación de la idea de un Emirato Caucásico con leyes construidas bajo pautas de la religión Islámica.

Tsatsos (2014) afirma que el comienzo del segundo conflicto en Chechenia tiene inicio después de un intento por parte de líderes Chechenos de invadir la República de Daguestán buscando formar el denominado Emirato Caucásico. La invasión en Daguestán por parte de los líderes Chechenos ocurre en agosto de 1999 inmediatamente después el gobierno de Moscú acciona a las milicias en la región para evitar la toma de la Republica de Daguestán.

Es posterior a ese intento de invasión entre agosto y octubre de 1999 que ocurren los atentados terroristas a la población rusa donde el gobierno de Moscú los adjudica a rebeldes Chechenos, estos dejan aproximadamente 300 civiles muertos y un ambiente de miedo -que es y será utilizado por líderes rusos y occidentales para justificar las acciones que buscarán combatir el terrorismo-.

Como resultado el gobierno de Moscú decide atacar Grozni, ahora buscando no cometer los errores del pasado e intentando recuperar la autoestima perdida 3 años atrás. A diferencia de la primer ofensiva, en 1999 después de los ataques a la población rusa y la invasión a Daguestán la opinión pública se encontraba en un cierto consenso respecto a la realización de una nueva ofensiva.

Como colocado anteriormente en Octubre de 1999 las fuerzas rusas ingresan en Chechenia en el que sería el primer gran despliegue de tropas militares de la Federación Rusa, ya que la primer ofensiva no resultó victoriosa para el gobierno de Moscú. Con la infraestructura de una superpotencia Moscú ingresa a Grozni y se encuentra con una fuerte resistencia Chechena, el enfrentamiento entre ambos es constante en los primeros años hasta que la resistencia Chechena comienza a debilitarse por diferentes motivos ya sea por una falta

de financiamiento para mantenerse en la lucha como también un éxodo de los principales líderes de la resistencia Chechena. Tsatsos (2014) apunta lo que considera un factor importante que es el lo que llama de factor humano, afirmando que la población Chechena esta exhausta de vivir en un clima de guerra y que eso provocó que esta desistiera del conflicto para lograr una posible independencia de Moscú.

Junto con el factor interno (de la Republica Chechena) que impulso el apaciguamiento del conflicto, esta el factor ruso y un cambio en los caminos a ser tomados principalmente en el pos 11 de setiembre de 2001. Las políticas rusas para el terrorismo van a ser reforzadas y dentro de esa reconfiguración se encuentra la protección frente al enemigo interno radicando aquí la justificación colocada al comienzo, ahora el Estado Ruso debía protegerse tanto externa como internamente de un enemigo que podía estar dentro como fuera de la frontera rusa. Moscú entendía que un grupo dentro de la Republica de Chechenia buscaba debilitar la estructura estatal de la federación, en este caso de la región caucásica apuntando directamente a la configuración de la frontera rusa.

Tanto el ataque al teatro Dubrovka en 2002 como la denominada masacre de Beslan en Osetia del Norte en 2004, representaron para el gobierno de Moscú la justificativa para aumentar e intensificar la actividad de las milicias en la región. Tsatsos (2014) y Brouwers (2007) consideran como esencial para el apaciguamiento del conflicto la política de “normalización” o “Chechenización” implantada por el gobierno de Moscú que buscaba además de disminuir el gasto militar que implicaba continuar en una guerra contante, una cierta repercusión internacional sobre la capacidad del Estado Ruso de controlar su población internamente. La misma dice respecto a una serie de medidas dictaminadas por el gobierno de Moscú en donde se transfiere la responsabilidad al gobierno de la Republica de Chechenia por mantenerla pacífica y en orden de acuerdo a las reglas impuestas en la Constitución de la Federación Rusa, para ello el gobierno central destinaria un presupuesto que constaría no solo en la reconstrucción de la Republica sino también en la manutención del orden establecido.

1.6.1 Atentados Terroristas como propulsores políticos

Como fue colocado anteriormente una serie de acontecimientos ocurridos desde 1996 y 1999 serian la consecuencia del inicio de la segunda ofensiva en Chechenia, sin embargo los dos mayores atentados contra la población rusa llegarían en 2002 y 2004 dejando una herida abierta al respecto de la población chechena radical.

El 23 de octubre de 2002 durante una obra que transcurría en el Teatro Dubrovka de la capital rusa ocurre el primer atentado de gran magnitud desde que el presidente Putin preside la Federación. Holiman (2009) apunta que dentro del teatro habían aproximadamente 900 personas, entre personal técnico, actores y público, cuando la pieza es interrumpida por 40 extremistas chechenos liderados por Movsar Barayev -un guerrillero Checheno en busca de la independencia de la República Caucásica- que invaden el predio buscando respuestas a sus reivindicaciones, la salida inmediata de las tropas rusas de la República de Chechenia. Con el ingreso de los terroristas al teatro cierta parte de las 900 personas que se encontraban en el interior consiguieron escapar tanto por salidas técnicas como por salidas de emergencia que el propio teatro disponía. La noche del 23 de octubre y bajo esas condiciones comienza la primer toma de rehenes que la Federación enfrentaría como consecuencia de la ofensiva iniciada en 1999.

Las autoridades rusas son notificadas y a partir de allí es montado un esquema de seguridad rodeando el teatro que incluía negociadores, francotiradores, agentes del FSB, policías y todo tipo de ayuda técnica. Las negociaciones comenzaron la noche del 23 de octubre y terminan la madrugada del día 26, en este tiempo las reivindicaciones de los extremistas sufrieron un cambio frente a la negativa del gobierno de aceptar sus condiciones, la salida definitiva de las tropas rusas de la república se transformó en reivindicaciones como el cese al fuego inmediato de los bombardeos rusos a las ciudades Chechenas y la culminación de las operaciones de “limpieza” sobre la población civil Chechena (HOLIMAN, 2009).

Sin ceder a las demandas de los extremistas el gobierno ruso decide por medio de los orificios de ventilación del teatro lanzar un tipo de gas² que permitió terminar con toma de rehenes, este hecho tuvo como saldo al menos 120 rehenes y 40 extremistas muertos. Existen en la literatura rusa una variedad de posiciones tanto con respecto al ataque al teatro Dubrovka como también al ataque de la escuela de Beslan, cuestionando las posiciones del gobierno con respecto a las negociaciones y específicamente con las medidas tomadas para realizar el rescate a los rehenes.

El 1° de setiembre de 2004 día en que da inicio el año escolar Ruso, extremistas Chechenos comandados por Magomet Yevloyev bajo las ordenes de Shamil Basayev invaden

² Existen controversias sobre cual sustancia fue lanzada las versiones oficialistas apuntan que fue un tipo de somnífero, sin embargo analistas críticos afirman que fue un gas toxico que tuvo como consecuencia la muerte de varios rehenes. En los meses posteriores al atentado fue creada por victimas y familiares la organización Nord-Ost (nombre de la pieza que era presentada durante el ataque), reivindicándole al gobierno y a organizaciones internacionales justicia por los hechos ocurridos en 2002 y por una negligencia del estado ruso en salvaguardar los Derechos Humanos.

la escuela N° 1 de Beslan en Osetia del Norte, dentro del edificio habían aproximadamente 1200 personas que en su mayoría eran niños y adolescentes. Las reivindicaciones colocadas por los extremistas eran muy similares a las pedidas durante el ataque al teatro Dubrovka, la salida inmediata de las tropas rusas de la Republica de Chechenia.

Fuertemente armados con explosivos los extremistas comienzan una negociación con el gobierno durante 3 días, esta termina sin avances positivos y el saldo del ataque son mas de 300 rehenes, en su mayoría niños y los terroristas muertos. Para Tsygankov (2014) este ataque fue el peor de todos los ocurridos en Rusia. A diferencia del acontecimiento en el teatro el ataque a Beslan tenía como protagonistas a niños y adolescentes lo que produjo mayor consternación en la sociedad civil rusa e internacional.

El gobierno de Putin fue duramente criticado por las medidas tomadas para enfrentar la crisis y por su incapacidad de entablar una negociación, dejando que los extremistas se utilizaran de parte de los explosivos para atacar a los rehenes, sin embargo fue la causa Chechena quien quedo mas afectada ya que tanto la opinión publica rusa como la internacional no estaba dispuesta aceptar la dimensión que este ataque representó (FERNANDEZ; ALBERO, 2005).

Los hechos ocurridos en Dubrovka y en Beslan fueron utilizados por parte del gobierno de Putin en relación a dos factores primordiales, el primero respecto a la actuación rusa en Chechenia era necesario mantener e intensificar el control ruso sobre la República e instaurar lo que se denomino de Chechenizacion como colocado anteriormente, ya que el gobierno no ira ceder frente a actos de este tipo; y el segundo que dice respecto a un cambio en la estructura política que permitirá mayor control presidencial de áreas rebeldes como es el caso de Chechenia este elemento será profundizado en el punto 1.8.

1.7 Fortalecimiento Económico

Dando continuidad al proceso histórico vivido por la Federación después del inicio de la segunda ofensiva en Chechenia, la economía se conformó como una característica prioritaria dentro de la presidencia de Putin. La crisis que azotó a la federación en 1998 permitió hacer modificaciones dentro del sistema económico ruso que provocarían que durante la primer década del siglo XXI los niveles de crecimiento ascendieran a grados históricos.

Es por ello que se hace necesario analizar el fortalecimiento económico a través de dos caminos tomados por parte del gobierno ruso y que no deben ser considerados como opuestos

sino complementares y fundamentales en el resultado final. Por un lado las medidas estrictamente económicas buscando recuperar el crecimiento perdido a partir de 1998 y por otro las medidas político-económicas tomadas directamente con el empresariado ruso, se coloca político-económica porque las decisiones tomadas por el gobierno ruso obtuvieron una amplia repercusión nacional e internacional alegando la violación de derechos por parte del estado ruso.

1.7.1 Recuperación económica

Para 1999 el Estado Ruso se encargaba únicamente de aprobar las medidas que la oligarquía determinaba como clave para su propio crecimiento, la economía rusa se había vuelto dependiente de un cierto grupo de empresarios interesados en su propio crecimiento. Cuando ocurre la crisis de 1998 el Estado asume una deuda que no le correspondía buscando proteger esa clase empresarial creada a partir de 1990. Con la renuncia de Yeltsin y posteriormente con la elección de Putin la forma de obtención del lucro de estos empresarios comenzaría a transformarse, modificándose de esta forma no solo la fuente de lucro sino también la propia clase empresarial.

La recuperación económica fue alcanzada en parte como consecuencia de la suba de los precios del petróleo principal elemento de exportación ruso, esta suba ya se observaba durante 1999 cuando Putin todavía era primer ministro. Sin embargo una vez en el cargo de presidente el crecimiento que se produjo le permitió ganarse la confianza de la población llegando a niveles históricos de aprobación. Al incrementarse los precios internacionales del petróleo el gobierno ruso decide crear una reserva con parte del lucro generado por la venta de estos, esta reserva sería utilizada en momentos de crisis (como la crisis de 2008) o inclusive para cuando los precios del petróleo se desplomen internacionalmente, siendo en la visión del autor Pineli Alves (2012) favorable durante la crisis de 2008 ya que se utilizaron los fondos de esta para disminuir los efectos de la crisis.

A esta suba de los precios del petróleo se le agrega un amplio superávit proveniente de la balanza comercial consecuencia de una mayor exportación del principal producto ruso, el petróleo y una reapertura del comercio y de las inversiones, consecuencia del crecimiento apuntado anteriormente y del restablecimiento de la confianza de inversores. Como consecuencia de estas medidas los niveles de crecimiento de PBI llegaron a alcanzar un 10 % anual en algunos periodos.

De acuerdo con Tsygankov (2014) Putin buscó reanudar las capacidades económicas que Rusia como gran potencia poseía, para eso era necesario que el Estado Ruso tomara el control. Con esto Putin no buscaba una estatización de la economía sino una regulación estatal de la misma, ahora sería el Estado ruso quien fiscalice y controle pero también quien se beneficie de los resultados de una economía abierta al mundo, administrar empresas estratégicas en el sector energético por ejemplo, formó parte de la estrategia rusa de inserción internacional; la creación y el continuo fomento de áreas vitales para la economía rusa como por ejemplo el sector bancario, espacial, científico-técnico, permitieron no solo el crecimiento y desarrollo de sectores que durante la década anterior habían sido relegados sino también el surgimiento de una amplia gama de oferta laboral disminuyendo los índices de desempleo. Según el autor, la visión presidencial sobre los recursos estratégicos rusos como el petróleo y gas, la construcción de oleoductos e infraestructura buscando ampliar el mercado ruso formaron parte central de la estrategia gubernamental para el fortalecimiento de la economía.

This tradition of developmental thinking has informed Putin's perception of Russia's challenges. In his view, outlined in several key speeches, economic power and competitiveness play an extremely important role in the contemporary world. While military force remains critical for preserving state sovereignty, economic competitiveness has moved to the forefront of the struggle for survival in international relations. The key threats to Russia today are economic in nature and, to address them, the state must not fall behind in economic development. (TSYGANKOV, 2014, p. 117)

Es importante apuntar que el control estatal ejercido por Putin a partir de su primer mandato no se manifiesta únicamente en el área económica. Áreas fundamentales como un intenso control territorial con la vigilancia de las fronteras, un control de la seguridad con respecto a quien representaba amenaza interna y externa, el terrorismo, y un control energético que posiblemente involucre todas las anteriores, asumiendo este sector como estratégico dentro de la economía rusa, son fundamentales en el desarrollo de los dos mandatos de Putin. Sin embargo como se observará en los puntos a seguir el estado debía tener el control de otros factores (el aparato político, los sistemas administrativos de gestión) elementales que permitirían el crecimiento y el desarrollo de la Federación.

Este crecimiento que se observa en la economía rusa es incrementado por dos elementos, el primero de ellos es la mayor liquidez sobre todo en manos de la población que comienza una etapa de incrementación en los niveles de consumo, el segundo de ellos se da como consecuencia del crecimiento de las las propias empresas nacionales, que en su desarrollo comienzan a adquirir crédito y a incrementar sus inversiones. Ambos elementos son

fortalecidos por la valorización del rublo lo que permite una desdolarización de la economía (PINELI ALVES, 2011).

Estas medidas se vieron beneficiadas y en parte son consecuencia de la lucha de Putin con la oligarquía que tuvo su desarrollo durante la era Yeltsin y que permitiría una ampliación de la actuación del Estado en cuanto a regulación y control.

1.7.2 Lucha con la Oligarquía

Segrillo (2012) y Pomeranz (2005) son algunos de los autores que afirman que existió un acuerdo sobreentendido entre la clase empresarial rusa y el gobierno de Putin sobre como sería el comportamiento de estos en la estructura rusa, los conocidos “oligarcas” ahora se encontraban sin el apoyo del gobierno de turno, como lo fue en el caso de Yeltsin y como consecuencia hubo un interés por determinar el área de actuación de cada actor en la estructura rusa. El empresariado no debía interferir en la estructura política mientras que el gobierno dejaba que estos continuaran con la actividad económica que venían desarrollando, permitiendo al estado cobrar las tarifas e impuestos correspondientes para así realizar la recaudación del presupuesto gubernamental.

Se presenta para el empresariado una situación inusual, ya que desde que estos se convirtieron en “empresarios” (1991) y se apropiaron de las antiguas empresas estatales siempre tuvieron influencia directa en el gobierno, podría decirse que había una relación recíproca entre el gobierno y los oligarcas durante la década de los 90. Mientras el primero se encargaba de formular políticas que beneficiaran la economía de sus empresas, los oligarcas apoyaban al gobierno haciendo “lobby” a favor de este. Sin embargo la situación planteada por Putin no es la ideal para el empresariado ruso que comienza a realizar un lobby durante las elecciones para la DUMA estatal, buscando aumentar la cantidad de miembros de la oposición a Putin (SIXSMITH, 2010).

The war between Russia's two most powerful men turned to violence in October 2003. President Vladimir Putin had had enough. A detachment of machine gun-carrying troops was despatched to intercept Mikhail Khodorkovsky's plane — with force if necessary — on the runway of a Siberian airfield. Within hours, the richest man in Russia was hauled back to Moscow with handcuffs on his wrists and a black canvas hood over his head. Putin had flexed his political might, but Khodorkovsky held the key to Russia's economy with control over vast swathes of its vital oil resources. Putin wanted his oil back; Khodorkovsky wanted to be President. (SIXSMITH, 2010. p. 1)

Sixsmith (2010) apunta una reunión como elemento clave en la relación del empresariado y del gobierno, esta ocurrió entre Khodorkovsky y Putin en abril de 2003, y fue el prelude de un cierto número de prisiones realizadas durante ese año al personal de Yukos pero también de empresas asociadas, que llevarían a la prisión de Khodorkovsky en octubre de ese año. La prisión fue decretada por la justicia rusa afirmando hechos de corrupción, robo y estafa. En los años que le siguieron a la prisión de Khodorkovsky, la compañía Rosneft que es en su mayoría de capital estatal compra las acciones de la antigua Yukos.

A pesar de las medidas tomadas por Putin buscando incrementar el ingreso estatal y colocar un fin a las acciones de la oligarquía heredada de la era Yeltsin, Tsygankov (2014) y Sixsmith (2010) afirman que Putin no consiguió resolver un problema colateral traído por estos que es la corrupción instalada en las estructuras burocráticas rusas, los autores afirman que cierta parte de esa oligarquía fue apartada y sustituida por los llamados Siloviki³, siendo que la corrupción y el abuso de poder por parte de los nuevos burócratas continuo en los años de Putin. Segrillo (2011) hace referencia a dos grupos que sustituyeron a la antigua oligarquía, por un lado los Siloviki y por otro los denominados Civiles⁴.

La implementación de este sistema sobreentendido de reglas no solo favorecía al estado ruso sino también a los propios oligarcas que en la época de la disolución se apropiaron de empresas estatales a precios por debajo de los de mercado y crearon una estructura en complicidad con el gobierno de la época para favorecerse y favorecer a sus empresas. El conflicto de Putin con la oligarquía de la era Yeltsin se extendió durante la primer década del siglo XXI y como colocado anteriormente, fue junto con las medidas políticas que serán mostradas a continuación una herramienta utilizada por occidente para desacreditar el carácter de la democracia rusa.

1.8 Restablecimiento del Orden por medio del Aparato Político

³ La expresión Siloviki hace referencia a un grupo de personas provenientes de la antigua KGB, actual FSB, con habilidades específicas en el área de seguridad y espionaje, con el ascenso de Vladimir Putin (un Siloviki) al poder, este grupo se conformo como la mano derecha de la presidencia, pasando a ocupar cargos elevados en la estructura política rusa. Segrillo (2011) afirma que este grupo posee un proyecto político propio y este básicamente es estructurado en la centralidad del estado para la actividad política y económica de la Federación.

⁴ El termino hace referencia al segundo grupo que influencia la política llevada a cabo por Putin, según Segrillo (2011) este grupo es comandado por Alexei Kudrin, quien fuera ministro de finanzas durante la era Putin, siendo su mayor referente Dmitri Medvedev, sucesor de Putin en 2008. El autor afirma que estos observan a la empresa privada como fundamental en la estructura económica y no consideran importante la figura estatal en el proceso de crecimiento del país.

Como se colocó anteriormente la economía representó el factor más importante para la consolidación de Putin tanto en la lucha por la presidencia como en el mantenimiento de este en el cargo. Sin embargo este mantenimiento de Putin en el cargo no se da únicamente por el crecimiento económico que Rusia venía obteniendo, sino también por una reestructuración política interna que permitió no solo consolidar sino mantener tanto a Putin como a su sucesor Medvedev.

Es posible entender esta reestructuración política interna por medio de tres caminos tomados durante la primer presidencia Putin 2000-2004. El primero de ellos es apuntado por Tsygankov (2014) como el fortalecimiento de un partido político que sustentara las bases de las modificaciones, es decir era preciso tener una base política de peso para continuar con las modificaciones que le siguieron a la reestructuración económica. Esto facilitó la aprobación de las medidas en la DUMA estatal generando de esa forma la aprobación popular del partido en el poder, permitiendo que las modificaciones realizadas no sean filtradas por la oligarquía económica, como lo era en la década de los 90. Para ello fue necesario crear el partido este fue resultado de la fusión de los dos partidos (dejando a un lado el Partido Comunista de la Federación Rusa) que obtuvieron la mayor cantidad de votos en la elección de la DUMA estatal en 1999, Unidad y Patria toda Rusia que al fusionarse se transforma en Rusia Unida-RU y se presenta a las elecciones por primera vez en 2003 donde obtiene un resultado favorable.

Tabla 2-Partidos mas votados en las elecciones para la DUMA. 1993-1995-1999-2003-2007

(Em % arredondada de votos recebidos pelas listas partidárias)

Lugar	1993	1995	1999	2003	2007
1ª	Partido Liberal Democrático da Rússia (22,9)	Partido Comunista da Federação Russa (22,3)	Partido Comunista da Federação Russa (24,3)	Rússia Unificada (37,6)	Rússia Unificada (64,1)
2ª	Escolha da Rússia (15,5)	Partido Liberal Democrático da Rússia (11,2)	Unidade (23,3)	Partido Comunista da Federação Russa (12,6)	Partido Comunista da Federação Russa (11,6)
3ª	Partido Comunista da Federação Russa (15,5)	Nossa Casa é a Rússia (11,1)	Pátria: Toda a Rússia (13,3)	Partido Liberal Democrático da Rússia (11,4)	Partido Liberal Democrático da Rússia (8,2)
4ª	Mulheres da Rússia (8,1)	Yabloko (6,9)	União das Forças Direitas (8,5)	Pátria (9,0)	Rússia Justa (7,8)
5ª	Partido Agrário (8,0)		Bloco de Zhirinovskii (6,0)		
6ª	Bloco de Yavlinskii-Boldyrev-Lukin (7,9)		Yabloko (5,9)		
7ª	Partido de Unidade e Concórdia (6,8)				
8ª	Partido Democrático da Rússia (5,5)				

Fonte: Tsentral'naya Izbiratel'naya Komissiya (Comissão Eleitoral Central). Disponível em: <<http://www.cikrf.ru>>. Obs.: Até a eleição de 2003, a barreira eleitoral mínima para um partido eleger deputados pelas listas partidárias era de 5% dos votos. A partir de 2007, é de 7%.

Fuente: SEGRILLO, 2011, p. 139.

Con esta fusión de partidos RU comienza a elevar la cantidad de asientos en la DUMA permitiendo que las medidas tomadas por Putin sean aprobadas sin mayores inconvenientes. Esta medida se ve incrementada por un cambio en el porcentaje mínimo a ser recibido por cada partido y el abandono del voto mixto. A partir de las elecciones de 2007 el porcentaje mínimo de votos recibidos debe ser de 7 % para poder integrar la DUMA siendo que anteriormente este era de 5 %, lo que permitió que la cantidad de lugares fuera ampliada para los partidos que recibían mayor cantidad de votos. El cambio en el tipo de voto de mixto a cerrado, tuvo como consecuencia que ya no era permitido el voto en sujetos individuales ahora se votaría exclusivamente en los partidos (SEGRILLO, 2011). Ambas medidas fueron favorables a los partidos con mayor número de votantes como es el caso de Rusia Unida, como se observa en tabla colocada anteriormente de las elecciones de 2003 a las de 2007 el partido tuvo un incremento de 40 % en la cantidad de votos recibidos.

Este elemento busco disminuir la cantidad de partidos en la DUMA, con ambas medidas RU tenia la posibilidad de aumentar el margen por sobre el resto de los partidos principalmente los partidos que no llegaban al mínimo de 7 %.

El segundo cambio a ser tomado en esta reestructuración política se refiere a los cambios en la elección de los gobernadores de cada sujeto de la federación buscando centralizar la toma de decisiones. La justificativa que impulsó este cambio difiere respecto a los diferentes autores, Tsygankov (2014) afirma que la modificación es impulsada y reafirmada como resultado del ataque perpetuado a la escuela de Beslán en Osetia del Norte, para Pomeranz (2005) la justificativa es estructural esta es resultado de un desorden social vivido por Rusia en los primeros años como país independiente y esta medida representa una mas entre varias otras tomadas por Putin para restablecer el orden.

Como se coloco en el punto 1.2 la Federación cuenta con 85 sujetos federales con 2 representantes por cada sujeto cada uno de esos 85 sujetos elige a su gobernador (con los mismos electores que se eligieron los representantes) quien encabeza el poder ejecutivo de dicha región. La reforma realizada por Putin determina que estos gobernadores no serán mas electos directamente como si lo son sus representantes. A partir de 2004 será el gobierno ejecutivo federal quien determine los gobernadores regionales pasando por la aprobación del poder legislativo local. Esta medida busco un mayor consenso entre las regiones para la adopción de políticas regionales contra el terrorismo y contra toda posible amenaza tanto a la integridad territorial como también a la integridad física de las diferentes poblaciones rusas.

Tanto las medidas que dicen respecto al sistema de elección mixto de la DUMA estatal como la elección directa de gobernadores regionales fueron restablecidas por Dmitri Medvedev en 2011 como consecuencia de una ola de protestas a lo largo del país.

La tercer medida tomada por el presidente Putin buscó armonizar las políticas regionales que sobreponían las constituciones y las leyes locales por sobre la constitución rusa, elemento que constitucionalmente es prohibido pero que se hizo habitual en las presidencias de Yeltsin. Este dice respecto a la creación de distritos superiores por encima de los ya existentes y colocados en la constitución. Esta medida buscaba la creación de 7 distritos que posteriormente serán 8 buscando una nueva forma de gobernabilidad interna, para ello el gobierno ejecutivo federal seleccionaría a cada uno de los representantes que tendrá plenas facultades para reestablecer el orden de los 7 distritos.

Las tres medidas tomadas por Putin buscaban una mayor cohesión en una Federación que es por naturaleza heterogénea se busco no repetir situaciones pasadas, donde los autogobiernos locales comenzaron a adquirir una independencia que hacia peligrar la integridad de toda la Federación como fue el caso Checheno.

Culminando con ambos mandatos Putin elige quien entiende que es la persona mas apta para sustituirlo en la posición de presidente Dmitri Medvedev quien también fue su vice primer ministro en su segunda presidencia, es electo por un amplio margen quedando en el cargo de Primer Ministro Vladimir Putin y conformando a partir de allí el denominado Tándem Putin-Medvedev. El primer desafío de Medvedev como presidente es el estallido de la crisis económica global como consecuencia de la crisis inmobiliaria que vivían los Estados Unidos y mostraran las aptitudes de este para hacer frente a los nuevos desafíos.

1.9 Impacto de la Crisis Económica de 2008

Como se coloco anteriormente los niveles de crecimiento observados durante los dos mandatos de Putin además de constantes fueron el reflejo para algunos autores que la crisis de 1998 no fue tan profunda, afectando a toda la economía rusa sino a un sector específico. Sin embargo la época de crecimiento y bonanza de la economía rusa sufriría una brusca caída del PBI con la crisis de 2008 que azotó la economía mundial. Pineli Alves (2011) afirma que la crisis que castigo a las economías globales tuvo una mayor injerencia en la economía rusa y posiblemente este sea uno de los países que mas sufrió las consecuencias de la misma.

Esta crisis se presenta después de la asunción de Dmitri Medvedev como presidente de la

Federación en mayo de 2008. De esta forma se inicia lo que algunos autores (SEGRILLO, 2011, HAHN, 2010) denominaron el Tándem Putin-Medvedev.

La crisis financiera que tuvo inicio con la bancarrota del Banco Lehman Brothers en Estados Unidos como consecuencia de la inversión de este en los denominados Subprime⁵ llevaría a varias economías mundiales a la quiebra, incluida la economía rusa.

A diferencia de la crisis de 1998 donde observando el comportamiento mas detallado de la economía rusa se puede observar que esta toco fondo en el año 1998 (en el año que ocurrió de hecho la crisis) y en 1999 la economía se encontraba en crecimiento nuevamente, gracias al aumento del precio del petróleo; en el caso de la crisis de 2008 las consecuencias serán observadas a fin de ese año y sobre todo durante todo el año 2009.

El factor clave para comprender la repercusión que la crisis tuvo en Rusia tiene que ver con la estrategia de crecimiento adoptada por la Federación a partir de 1999. Cuando ocurren fluctuaciones en los precios del petróleo tanto de suba como de bajas, estos afectan directamente la economía rusa que es dependiente de estos para mantener el crecimiento constante de la economía. Durante la primer década del siglo XXI se dio un incremento de las exportaciones de combustible llegando a comprender el 65 % del total exportado lo que demuestra por un lado la dependencia rusa del sector petrolífero y por otro lo frágil que la economía puede volverse al depender exclusivamente de estos para su crecimiento.

La crisis de 2008 no solo mostró la debilidad del sistema económico ruso sino que ayudo a disminuir algunos de los logros que desde 1999 se venían consiguiendo, el endeudamiento de las empresas que ayudo a las inversiones y a aumentar la confianza en el mercado ruso, la liquidez existente permitió a la población la obtención de beneficios para adquirir créditos y permitir endeudarse, factores ayudados fuertemente por la valorización del rublo; el endeudamiento externo que venia en descenso sufrió aumentos bruscos y el sistema bancario ruso debió reacomodarse con ayuda de BCR (PINELI ALVES, 2011).

Existen amplios trabajos sobre la necesidad de modernizar Rusia no dejándola tan dependiente de materias primas específicamente de la exportación del Petróleo. En el artículo Go Russia (2009) Dmitri Medvedev coloca algunos de los desafíos a los que la Federación Rusa debe enfrentarse al entrar en la nueva década, a lo largo del texto la mayor cantidad de alusiones son respecto a la situación económica y a los efectos colaterales de la misma. La corrupción, la importancia que tiene la producción de materias primas en detrimento de productos

⁵ Es un instrumento financiero que presenta alto riesgo, ya que no existe ninguna garantía de pago. En el año 2008 este se manifestó en el ramo hipotecario de Estados Unidos.

manufacturados y como esto influye en una crisis como la ocurrida en 2008; también hace alusión a la necesidad de crear condiciones que permitan el desarrollo y el crecimiento de la Rusia del siglo XXI, libertades deben ser garantizadas y ampliadas, debe ser el estado quien las brinde y quien permita que estas se desarrollen a través de todo el aparato estatal llegando a la sociedad permitiendo que cada órgano realice su parte buscando así la libertad de los ciudadanos rusos. Sin embargo estas libertades y beneficios para la población rusa pueden ser garantizados únicamente si se tiene como base el crecimiento económico y el desarrollo del sistema económico ruso (no solo exportar materias primas), la economía es para Medvedev la base del desarrollo de la federación y lo es más aun enfáticamente de lo que significó para Putin, trayendo como consecuencia una democracia ampliada para todo el territorio ruso.

I recently identified five strategic vectors for the economic modernisation of our country. First, we will become a leading country measured by the efficiency of production, transportation and use of energy. We will develop new fuels for use on domestic and international markets. Secondly, we need to maintain and raise our nuclear technology to a qualitatively new level. Third, Russia's experts will improve information technology and strongly influence the development of global public data networks, using supercomputers and other necessary equipment. Fourth, we will develop our own ground and space infrastructure for transferring all types of information; our satellites will thus be able to observe the whole world, help our citizens and people of all countries to communicate, travel, engage in research, agricultural and industrial production. Fifth, Russia will take a leading position in the production of certain types of medical equipment, sophisticated diagnostic tools, medicines for the treatment of viral, cardiovascular, and neurological diseases and cancer (MEDVEDEV, 2009).

Las 5 áreas colocadas por Medvedev como claves en el desarrollo económico deben ayudar a la mejora de los niveles de democracia, según el propio Medvedev. Sin embargo el autor Hahn (2010) considera que la política llevada a cabo por Medvedev representó un cambio importante frente a su antecesor y lo compara con la Perestroika de Gorbachov, ya que entiende que los cambios impulsados en los primeros años de la presidencia de Medvedev y el texto escrito por este buscaban retirar la interferencia del estado en la economía por un lado, y por otro ampliar el concepto de democracia por medio de reformas en varias áreas desde el sistema judicial hasta el sistema político.

Parte de las medidas tomadas por el gobierno buscando hacer frente a la crisis son colocadas en los programas anti crisis lanzados por el gobierno ruso, colocando una estrategia para hacer frentes a los déficits que se observaban e intentando disminuir los efectos de la misma con medidas principalmente a corto plazo (POMERANZ, 2011).

Tsygankov (2014) por otra parte afirma que la crisis económica de 2008 forma parte de una crisis mayor, que es la crisis del sistema instaurado por Putin. A esta crisis económica se le

deben agregar otros factores internos y externos que no hacen referencia a la economía únicamente, como una crisis en la estructura política reflejado a través de manifestaciones masivas o las relaciones de Rusia con otros estados del sistema internacional.

Consideraciones sobre la Política Interna

Los cambios observados en el presente capítulo reflejan parte del comportamiento de la Federación Rusa como estado independiente, los mismos pueden comprenderse como ciclos que la política interna vivió y que fueron redundantes en este periodo. En un lapso de menos de 20 años Rusia sufrió 2 crisis económicas, una variedad de crisis políticas y una reincidencia de actitudes en gestionar hechos similares que permiten afirmar parte de la hipótesis sostenida, que la Política rusa sufre de vaivenes que la caracterizan como única.

Es por ello que los hechos que se colocaron hasta aquí son parte esencial del comportamiento de Rusia en el sistema internacional, son estos los que modelan parte de la esencia de la Federación Rusa como nación independiente. Para algunos autores muchas veces con un desarrollo inexplicable como es haber transcurrido momentos de extrema pobreza y “humillación” como consecuencia de la disolución de la URSS y aun así continuar autodefiniéndose como potencia mundial o la aceptación y aprobación de un líder llamado (por intelectuales, por los líderes y por la opinión pública occidental) de autoritario. Sin embargo al observar el desarrollo económico de la primer década del siglo XXI y las consecuencias que este tuvo en los índices de crecimiento, permiten tal vez comprender las reformas políticas iniciadas a partir del 2000.

Son estas consecuencias que pueden ser observadas en el comportamiento de la federación en relación a su política externa y con actores internacionales. Las constantes transformaciones en el comportamiento de la Política Interna rusa son parte esencial a la hora de analizar la relación de la federación con la OTAN, como también son clave para entender el comportamiento de la Federación en el actual sistema internacional a pesar que no será analizado en el presente texto.

Capítulo 2- La Política Externa de la Nueva Federación Rusa

Como se colocó anteriormente la Federación debió reconfigurarse tanto interna como externamente, para ello reformuló tanto las políticas internas como también la formulación y la práctica de la política externa creando nuevos instrumentos que permitieran desarrollar el crecimiento de la Federación.

Así como con respecto a la política doméstica cuando se analiza la política externa de Rusia es necesario tener en cuenta las respuestas que se han dado a la necesidad de crear una estructura que se encargara de los asuntos externos. Los desafíos externos que ahora la Federación tiene como Estado independiente dentro del sistema internacional son variados y complejos.

El estado ruso debía ahora no solo reestructurar las pautas sino también las relaciones promovidas a nivel externo. Ésta adquirió elementos de la antigua URSS que la hacen la heredera más importante de la antigua Unión, tanto las armas de destrucción en masa, el asiento en el CS-ONU, como las bases militares hacen parte del repertorio que ahora pertenecía exclusivamente a un Estado y que sería también motivo de conflicto con algunas de las 14 repúblicas independientes. Estos desafíos hacen de la Federación una gran potencia y es con esta responsabilidad que debe reconstruirse.

Introducción

Como se viene sosteniendo a lo largo del texto se busca mostrar el desarrollo que la política externa viene conociendo para ello se colocan a continuación los principales elementos, hechos y factores que repercutieron en la política externa rusa y por ende en su comportamiento.

Los analistas afirman que es posible diferenciar claramente las presidencias de Yeltsin y Putin a nivel externo, más allá de las diferencias en sus políticas que son muchas es posible diferenciarlas por medio del rol que los dos jefes de estado jugaron en la Política Externa. Por un lado se encuentra Yeltsin que desde 1991 hasta 1999 tuvo una poca participación en la toma de decisiones con respecto a la política externa, lo que le confiere a sus ministros Kozyrev y Primakov una importancia trascendental internamente pero principalmente externamente. Putin al contrario tiene un alto protagonismo en la toma de decisiones en ambas esferas y es posiblemente el actor internacional referencia del periodo 2000-2008. Lo que ya marca una gran diferencia entre ambos que también va a estar reflejada por las políticas instauradas en

ambos periodos. A continuación se realiza el análisis de la presidencia Yeltsin en la política externa del periodo para comprender junto con la ya colocada política interna el proceso 1991-1999.

2.1 Las Prioridades Externas como País Independiente

Una vez en el poder después de la disolución de la URSS, Yeltsin elige como Ministro de Asuntos Exteriores a Andrei Kozyrev un antiguo disidente de la URSS denominado por algunos analistas como occidentalista⁶. Así como lo fue para gran parte del equipo que se encargaba de la política interna en el gobierno Yeltsin, Kozyrev (1992) consideraba que el futuro de la Federación a nivel externo estaría determinado en gran medida por las disposiciones tomadas en el área económica. Para el entonces ministro tanto el nivel democrático como la relación con el resto de los estados del sistema internacional estarían marcadas por el alcance de las políticas económicas, subordinando una serie de factores políticos y sociales exclusivamente al elemento económico.

Así como durante casi dos años la federación fue gobernada por un parlamento que pertenecía y se regía por reglas del sistema antiguo, como se colocó en el capítulo 1, hasta abril de 1993 el estado ruso no tuvo un documento que se encargara de dictaminar los lineamientos sobre la Política Externa en el cual observar la estrategia internacional, las prioridades en las relaciones de Rusia con el resto de los países del sistema internacional, los desafíos a ser cumplidos o inclusive las bases del interés nacional ruso.

Hasta abril de 1993 las proyecciones de Política Externa podían ser observadas en entrevistas o textos escritos por sus propios protagonistas. En un breve artículo escrito por Kozyrev (1992) cuando ya era ministro de relaciones exteriores es posible comprender parte la política externa que será ejercida por este durante los 4 años al frente del mismo. Continuar en el camino trazado a partir de diciembre de 1991 buscando insertar a Rusia en el mundo de los países civilizados (adjetivo colocado por el autor), este camino es posible únicamente por medio de la inclusión en organizaciones que promueven según el autor la democracia, como el FMI, BM, la Comunidad Europea o la OSCE. A lo largo del texto escrito por Kozyrev (1992) es

⁶ Una corriente de Política Externa que tiene como premisa considerar a occidente y la cultura occidental como la predominante y el modelo a ser seguido, sus seguidores entienden que Rusia pertenece por naturaleza a occidente y simplemente debe acomodarse para adaptarse a sus normas, generalmente los seguidores de esta corriente están asociados al periodo en que Yeltsin presidió la Federación, ya que gran parte de estos tuvieron cargos de confianza en dicho periodo.

posible observar la falta de alusión de algunos factores claves para un potencia como lo era la URSS y como lo era ahora la Federación Rusa: la política energética y las medidas a ser tomadas con respecto a la extracción y transporte de hidrocarburos, la gestión de las amenazas a la seguridad o la definición de las estrategias geopolíticas.

Tsygankov (2013) afirma que la disolución de la URSS le dio la oportunidad a los occidentalistas de subir al poder y buscar una inserción internacional rusa diferente a las ya concebidas en otros periodos. El autor coloca 3 puntos prioritarios en la política llevada a cabo por Kozyrev: por un lado la preocupación con el factor económico, era necesario alcanzar el libre mercado para conformarse como estado occidental dejando de lado cuestiones militares o geopolíticas. Para ello era también necesario incorporarse a instituciones que lo impulsaran, FMI y BM, permitiendo de esta manera que Rusia llegara a su tercer objetivo que es colocar prioridad a las relaciones internacionales de Rusia con occidente, dejando a un lado las relaciones con los países exsoviéticos.

Es interesante observar los 3 puntos colocados por Tsygankov (2013) ya que Kozyrev (1992) también los destaca como fundamentales en el crecimiento ruso como nuevo estado democrático. Sin embargo ambos difieren en relación a la importancia de los países de la CEI, Kozyrev (1992) afirma que los países con pasado soviético son fundamentales para el crecimiento de Rusia como Estado Independiente, respaldándose mutuamente en su búsqueda de la democracia y de los Derechos Humanos.

Por otra parte tanto Tsygankov (2013) que afirma que el estado ruso en su búsqueda por aproximarse de occidente, dejó atrás el conjunto de valores que lo unía a su pasado soviético donde los países de la CEI representaban gran parte del mismo. Así como Larrabee y Karasik (1997) que alegan una falta de control por parte del entonces ministro Kozyrev en llevar adelante una política conciliatoria entre los asuntos relacionados a occidente y los relacionados a los países de la CEI, apuntan una falta de interés ruso con respecto a la región exsoviética y colocan al ministro Kozyrev como principal propulsor de este desinterés.

Lo (2002) por otra parte coloca los objetivos de los occidentalistas como una visión renovada de la antigua agenda de Gorbachov el denominado “New thinking”, Kozyrev y su equipo tendrían dos objetivos claves en su llegada al poder, el primero se estructuraba en los valores universales y en la continua búsqueda de estos a nivel nacional e internacional y el segundo dice respecto a la búsqueda por intereses comunes, es decir tanto Rusia como occidente buscaban alcanzar objetivos muy similares y esto debía ser contemplado por los denominados países civilizados.

Tanto Tsygankov (2013), Larrabee y Karasik (1997), Sergunin (2016) como Lo (2002) apuntan como objetivo inicial del gobierno Yeltsin ser incluido en el grupo de países occidentales, junto con una serie de medidas tomadas buscando ese objetivo, colocadas a continuación. Es necesario notar que las omisiones en estas medidas también forman parte del denominado interés inicial ruso, es el caso de la omisión a determinar políticas con los países de la CEI.

La orientación occidentalista apuntada por los analistas y observada en la política externa rusa a partir de 1991 es reforzada por las medidas tomadas por Yeltsin y Kozyrev al inicio del proceso de reestructuración. Las declaraciones de que Rusia ahora buscaría el desarme y sobre todo la firma del tratado que reducía la cantidad de armas estratégicas de cada estado (Estados Unidos y Rusia) el denominado START I -sigla en inglés-, aun no llegando a la práctica, representó un factor clave para el cambio de perspectiva de la Política externa. La firma de este tratado a inicio de 1993 formó parte de la estrategia del gabinete de Yeltsin para impulsar las relaciones con los países occidentales, mostrando la disposición rusa para entablar relaciones pacíficas y democráticas y para llegar en última instancia a una integración (TSYGANKOV, 2013; LARRABEE, KARASIK, 1997; LO, 2002).

La intención de expandir la OTAN por otro lado formó parte de estas medidas, ya que existió una aprobación y una aceptación por parte de Rusia de que la OTAN ampliara sus horizontes llegando a incluirla, punto que será profundizado en el capítulo 3.

Los analistas afirman que existió un cambio en la implantación de estas políticas por parte de Kozyrev, la transformación de un occidentalismo eufórico para un conformismo y adaptación a las circunstancias se presenta como consecuencia de dos factores, uno dice respecto a la falta de ayuda proveniente de occidente no colmando las expectativas rusas y otra dice respecto a la presión interna por parte de la oposición como también de la propia población, que ya percibía un exceso de occidentalismo en la política internacional rusa. Este factor es ampliado en gran parte por la situación de caos que se vivía en el interior de Rusia, después de la disolución del parlamento y del continuo crecimiento de la pobreza. Lo (2002) afirma que existieron visiones polarizadas acerca de cómo crear e implantar la política externa rusa de la Federación y es esa polarización interna que reinó en el estado ruso desde 1992 hasta 1999 lo que provocó el cambiante comportamiento de la Federación con respecto a áreas claves como fueron la OTAN, las relaciones con los países de la CEI y la implantación del paquete de medidas provenientes del FMI.

De esta forma a fines de 1993 la política externa rusa comienza a transformarse, el espacio pos-soviético cobra una mayor importancia tanto como frontera como aliado comercial. Los aliados del este asiático son considerados estratégicos y de esta forma es dejado el occidentalismo practicado por Kozyrev para comenzar a observar nuevas formas de entablar las relaciones exteriores de la nueva Federación.

A inicios de 1996 meses antes de asumir su nuevo mandato, Yeltsin sustituye su Ministro de Asuntos Exteriores por Primakov, un político que tuvo una carrera activa durante los años de la URSS. Durante su periodo como ministro la opinión publica, principalmente occidental, afirmó que este buscaba restaurar la política externa practicada por la URSS, sin embargo analistas como Tsygankov (2013) o Lo (2002) afirman que el modelo de política externa buscada por Primakov buscaba desvincularse del modelo occidentalista anterior, haciendo la política externa mas independiente y sobre todo contemplando otras regiones como el este asiático, siendo claves en el desarrollo internacional de la federación.

En los casi 3 años a cargo del ministerio de asuntos exteriores, Primakov a pesar de que su orientación no iba exactamente por el camino trazado por Kozyrev y Yeltsin principalmente con respecto a occidente, fue catalogado por algunos autores como poseedor de un pensamiento mas independiente buscando de cierto modo la autonomía rusa en el sistema internacional, sin embargo Mankoff (2009) afirma que esa interpretación existió únicamente en “los papeles” ya que en la practica internacional no fue ampliamente demostrado.

El año 1997 es para la política externa rusa particularmente incongruente y hace parte de lo que se busca mostrar en el presente texto que son los vaivenes con respecto a cuestiones de interés primordial en los asuntos externos. Son 3 los acontecimientos que ocurren con Primakov como Ministro de Asuntos Exteriores y que posiblemente no conformen una serie “coherente”.

Por un lado en abril de 1997 en una reunión bilateral entre China y Rusia estos declaran la necesidad de un mundo multipolar donde ningún estado sea “EL” soberano, buscando que el orden internacional posea una cierta cantidad de estados capaces de equilibrar las relaciones evitando conflictos ayudando a la estabilidad; inmediatamente después de la firma de esta declaración, en mayo de 1997 es firmada el acta fundacional entre Rusia y la OTAN como forma de mostrar las buenas relaciones entre ambos, elemento a ser profundizado en el capítulo 3; en diciembre de 1997 Rusia emite su segundo documento de seguridad nacional en el cual coloca la expansión de la OTAN como un peligro no solo para Rusia como también para el resto de los países de Asia Central, es este documento lanzado en 1997 que traza las directrices

de la seguridad nacional rusa y parte de las concepciones adoptadas por Primakov se encuentran en el mismo, como la percepción de un mundo multipolar donde Rusia es parte activa y principal del mismo ocupando uno de los polos (SERGUNIN, 2016).

La Federación muestra por un lado con la firma de la declaración conjunta con China y con el Concepto de Seguridad Nacional, una búsqueda por definir su postura internacional alejándose de la idea de integración con occidente optando por una versión mas independiente como coloca Mankoff (2009), sin embargo ocurre un hecho que provoca la disolución de esa postura que es la firma del acta fundacional con la OTAN.

Es posible que las dicotomías observadas sean consecuencia tanto de la política domestica que se encontraba atravesando la Federación, con una Guerra en Chechenia que representó un cierto “fracaso” nacional y de una situación económica que a pesar de representar la mejor dentro de los 9 años de Yeltsin en el poder con un crecimiento del PBI de 1.4 %, no era considerada una situación ideal con continuos cambios en el gabinete de Yeltsin incluido el Ministerio de Asuntos Exteriores, la situación interna no coopero para que la Federación recreara a nivel internacional una reacción coherente a sus propios desafíos.

Las dos presidencias Yeltsin y los constantes cambios tanto de percepción como de actuación de los diferentes ministros de Relaciones Exteriores reflejan en parte el desarrollo del argumento inicial de este trabajo. La percepción de seguridad al inicio del periodo pos soviético será fundamental en la actuación externa de la federación, elemento que se examina a continuación.

2.1.1 Rusia y la Estrategia de Seguridad Nacional

La principal amenaza a la Federación fue tanto en la época soviética como en los años posteriores, la OTAN. En los primeros años de Rusia independiente declaraciones realizadas por Yeltsin y Kozyrev buscaron ser tomados en cuenta para una posible incorporación a futuro en la organización. Sin embargo este deseo fue disminuyendo a medida que no se obtenía de occidente las acciones esperadas. El estudio mas profundo de la relación Rusia-OTAN será realizado en el próximo capítulo.

Con el cambio en el desarrollo de las políticas llevadas a cabo por Kozyrev como consecuencia de los factores colocados anteriormente, las políticas con respecto a la seguridad y a la percepción de amenazas también sufrieron un cambio. Fueron delineadas nuevas áreas estratégicas de actuación buscando estructurar un nuevo modelo de seguridad para la

federación. Como se ha colocado hasta el momento las dos presidencias de Yeltsin son consideradas el periodo de transición de la Federación hacia el capitalismo y esta transición es colocada inclusive en los documentos oficiales como las Provisiones Básicas de Doctrina Militar de 1993 o el Concepto de Seguridad de la Federación del año 1997.

Lo (2002) afirma que en la pos guerra fría los intereses de Rusia con respecto a la seguridad y a la geopolítica disminuyeron y que esta disminución se vio reflejada en las declaraciones iniciales de una búsqueda por el bienestar de los individuos y la protección de sus libertades como interés nacional. Esta demostración permitió observar la falta de consenso interno sobre cuestiones de seguridad pero también la falta de un proyecto de país con respecto al futuro de Rusia.

La medida precursora tomada con respecto al área de seguridad dice respecto a la disolución de la alianza militar de los países socialistas, el Pacto de Varsovia, que se desarrolla aun durante la URSS pero que sin embargo traería consecuencias a futuro, como la inclusión de países de esa organización en la alianza occidental OTAN.

A partir de 1992 Rusia debió reestructurar sus fuerzas armadas ya que ahora poseía un gran contingente de personas y de equipamiento que difícilmente fuera utilizado en corto plazo y que representaría un incremento en el presupuesto nacional que la Federación no podía hacer frente.

En los documentos oficiales las fronteras ocuparon un lugar primordial dentro de las amenazas a la seguridad y previsiones tomadas en el área de defensa, principalmente en el Concepto de Seguridad de la Federación de 1997, donde la Guerra de Chechenia y la posibilidad de ocurrir un separatismo se encontraba mas presente. Durante los dos mandatos de Yeltsin las percepciones de amenazas se encontraron fuertemente vinculadas con la posibilidad o no de que Rusia integrara el grupo de países con una economía de mercado consolidada (SERGUNIN, 2016). Exceptuando el factor económico y las fronteras principalmente con respecto a Chechenia y a la amenaza de separatismo en la antigua Yugoslavia, los documentos rusos entre 1991-1998 no hacen mención a grandes amenazas o medidas a ser tomadas que puedan poner en riesgo la estabilidad rusa a nivel internacional.

Considerando otros elementos que no fueron mencionados en gran medida en dichos documentos se encuentran algunos acontecimientos específicos, que fueron fundamentales para la Federación Rusa en los primeros 10 años de vida independiente. En primer lugar la firma del denominado START esta se da en 1992 entre Estados Unidos y Rusia buscando disminuir los arsenales de ambas potencias y como se coloco anteriormente, buscando mostrar la voluntad

rusa de cooperar internacionalmente con Estados Unidos. En segundo lugar el papel de la CEI en la doctrina de seguridad y defensa de la región, ya que por medio de los tratados de seguridad colectiva firmados en el ámbito de la organización se buscó frenar principalmente movimientos como el Checheno tanto para Rusia como también para otros países de la organización.

Y en tercer lugar el papel que la crisis de Yugoslavia tuvo en el desarrollo de la política, principalmente la que será tomada a partir del 2000 con Putin como presidente. La explicación de la crisis de Yugoslavia será colocada en el capítulo 3 como factor determinante en la relación Rusia-OTAN, sin embargo los Acuerdos de Dayton que pusieron “fin” a la crisis de Bosnia entre 1992-1995 son colocados por Kozyrev en su texto *The Lagging Partnership* (1994) apuntando críticas sobre como se llevo a cabo el proceso de paz en 1995 donde Rusia no fue llamada y menos consultada, este factor será fundamental en la crisis ocurrida en 1999 en la región siendo que los Balcanes son de interés primordial para la Federación.

La percepción de seguridad interna y externa se encuentra en este periodo fuertemente vinculada tanto con factores militares y de defensa, como también con elementos económicos con una estabilidad y desarrollo financiero para conseguir disminuir las percepciones de amenazas, el FMI y la OSCE son las dos organizaciones analizadas a continuación buscando comprender la influencia de estas en la actuación internacional de la Federación.

2.2 Rusia y las Organizaciones Internacionales

Posiblemente la primer medida rusa como estado independiente fue buscar unirse a organizaciones internacionales de cuño occidental que además de permitirle el acceso a una serie de “beneficios”, deja al estado con una determinada reputación frente a los estados occidentales. La búsqueda por ingresar al FMI, al BM, al G7, que después del ingreso ruso se transformaría en G8 y hasta buscar un ingreso en la OTAN mostraban los proyectos rusos por buscar un acercamiento al mundo occidental.

Es por eso que en este punto se busca colocar la importancia y las implicaciones de 2 organizaciones en la política externa rusa a partir de 1991. La primera es de cuño económico y es la base de las reformas económicas realizadas en Rusia, el FMI; la segunda es del área de seguridad, la OSCE. La elección de estas 2 organizaciones no es aleatoria ambas repercuten en la relación de Rusia con la OTAN, foco principal en el presente trabajo.

La unión al FMI y al BM fue casi instantánea ya que el ingreso de Rusia permitiría que esta también adoptase el paquete de medidas “recomendado” por la organización, la terapia de

Shock. La incorporación rusa en el FMI posiblemente haya sido la más polémica y la que trajo más repercusión ya que es bajo las recomendaciones de esta organización que la economía rusa quiebra en 1998.

Gould-Davies y Woods (1999) colocan 5 etapas en la relación Rusia-FMI, la primera que dice respecto al fin de la época soviética y a las primeras negociaciones para dar la entrada definitiva en la organización; la segunda que se da ya en la Rusia independiente hasta la disolución del parlamento por parte del presidente Yeltsin en 93; la tercera que se da desde el 93 al 95 cuando las relaciones entre ambos comienzan a adquirir una cierta estabilidad; la cuarta que va desde el 95 hasta fines del 97 donde las relaciones son estables, la mejor época para la relación calificada así por los autores; y la quinta que va hasta la quiebra en 1998.

En esta periodización los autores muestran el desarrollo de la relación entre la organización y la Federación buscando determinar si esta fue beneficiosa o perjudicial para la economía rusa. Estos consideran que existieron una serie de beneficios y también una serie de perjuicios que la relación trajo para la Federación, el FMI ayudó a la estabilización macroeconómica protegiendo a la inflación para que esta no continuara en aumento entre 1992-1993. Sin embargo colocan un factor clave que no fue tenido en cuenta por el FMI que fue la incapacidad de la organización de observar el desarrollo económico interno de la Federación para determinar que políticas se adaptarían mejor al ambiente económico ruso, siendo que parte de esta incapacidad es producto de la inexperiencia ya que la organización no poseía una vasta experiencia en “ayudar” a países en transición del socialismo al capitalismo.

El FMI adquirió experiencia al dar apoyo a países de Europa del este como Polonia, República Checa y Hungría, sin embargo la coyuntura de estos países no es la misma que la situación Rusa, principalmente teniendo en cuenta el monto de deuda que Rusia heredó a partir de 1991. Gaidar (1997) por otra parte alega que es necesario por parte de la crítica comprender que la organización no se encarga de realizar las políticas y que por ello no se la debe culpar afirmando que las recomendaciones están “erradas”.

Kotz y Weir (2007) afirman que la terapia de Shock que fue recomendada por la organización no trajo ningún factor positivo nuevo para la ahora Federación, por el contrario, Rusia se convirtió en un estado económicamente débil y sus políticos perdieron credibilidad frente al fracaso de las medidas económicas.

Shock therapy turned Russia from a distorted caricature of the socialism which Marx conceived into an equally distorted caricature of the capitalism which Adam Smith described. There arose private businesses, banks, and even stock markets. Yet the outcome was nothing like the new efficient, growing, technologically progressive economy that had been promised (KOTZ; WEIR,

2007. p. 179).

Los autores afirman a lo largo del texto que las medidas implantadas para buscar el crecimiento económico ruso eran erradas. Los mayores “culpables” de llevar a cabo esas medidas Yeltsin, Gaidar y su equipo económico, no fueron capaces de comprender el proceso que Rusia debía enfrentar para dar entrada en el capitalismo, sin embargo los autores entienden que el FMI y las instituciones occidentales no poseen gran parte de esta “culpa”.

A diferencia de estos en el presente texto se entiende que es necesario al analizar el proceso vivido por Rusia comprender que los ahora políticos pro capitalismo no poseían experiencia tanto para realizar una transición como para implantar medidas económicas capitalistas. El FMI fue responsable por las recomendaciones realizadas éstas debían ser aceptadas en caso de pretender recibir ayuda económica de occidente, las condiciones impuestas desde la organización llevaron en parte al fracaso de la implantación de las medidas sugeridas por la misma.

En el presente texto no se busca “culpar” o “absolver” a ningún actor sin embargo se hace necesario colocar que las políticas recomendadas por el FMI para la Federación Rusa no obtuvieron el resultado esperado. A pesar de que Rusia comenzó con el proceso de incorporación a la organización meses antes de ocurrir la disolución y fue incorporada en la misma en junio de 1992, el crecimiento ruso no ocurrió durante la última década de siglo XX y tampoco bajo las medidas recomendadas, siendo que llevó a cabo las políticas sugeridas por la organización. Los lineamientos trazados por el FMI no fallaron únicamente en Rusia sino que también fallaron en Brasil, Argentina, Uruguay, México y el resto de los países de América Latina, por citar algunos casos, puede ser hora de rever a quien benefician esas políticas sobre todo teniendo en cuenta quien las produce.

La segunda organización es la OSCE observando inicialmente los estados que la integran y sus objetivos como organización esta podría colocarse como central en la Política Externa Rusa de la era Yeltsin, ya sea por el alcance que la misma tenía consiguiendo llegar a través de un único órgano a los principales estados a los que Rusia apuntaba como Federación independiente, o por los objetivos que la misma perseguía: prevención de conflictos, ayuda y respaldo en los procesos democráticos y la promoción de los derechos humanos.

Para Freire (2005) la relación entre la OSCE y la federación puede definirse como compleja y sobre todo ambigua, esta relación es parte de las idas y vueltas que la Política Externa Rusa ha sufrido desde la disolución lo que impide de definirla como de cooperación o de conflicto.

La búsqueda por democracia y libertades que la organización tiene como misión son parte de los elementos que permitieron al comienzo de la década de los 90 entablar una cooperación y sobre todo relaciones cordiales. Esta sirvió en un principio como medio para la propia federación alcanzar sus objetivos tanto domésticos como internacionales, es decir los derechos del individuo por medio de la protección de los Derechos Humanos a través de un desarrollo económico basado en el libre mercado. Estos elementos son parte de los objetivos rusos pero también hacen parte de los objetivos de la OSCE que promueve la democracia y el bienestar del individuo para eso obtener el respaldo de esta organización representaba una posibilidad de desarrollo en Rusia.

Los desequilibrios comenzaron con la primera ofensiva en Chechenia en 1994 cuando la OSCE envió un grupo observador a la república para evaluar la situación en la que se encontraba la población local. A pesar de algunos malestares por parte del gobierno de Moscú el grupo fue recibido y se le fue permitido actuar en la región, para los Chechenos representó la internacionalización del conflicto lo que era extremadamente positivo. Sin embargo Moscú permitió su entrada en parte por cumplir con la normativa internacional y de la propia institución, buscando no ser considerado como un estado violador de derechos humanos.

La actuación de la OSCE en Chechenia fue criticada internacionalmente tanto por la opinión pública como también por organizaciones internacionales como Human Right Watch o Amnistía Internacional, por no ser capaz de impedir y de limitar las acciones militares en la república, en parte por la difusión de las imágenes de la capital Grozni donde era posible apreciar la intensidad del conflicto.

Cuando ocurre la segunda ofensiva en Chechenia en 1999 Moscú es aun más restrictivo con la actividad de la OSCE en la región Chechena sobre todo como consecuencia del cambio de presidente en la Federación, elemento que también que es clave para la relación de ambos. Moscú no pretendía intermediarios para la pacificación de la región, principalmente una organización como la OSCE donde su gran mayoría eran gobiernos occidentales. Esta actitud de Moscú se incrementa cuando ocurren los atentados del 11 de septiembre y comienzan por parte de los Estados Unidos una serie de acciones unilaterales buscando combatir el mismo enemigo que en ese entonces Moscú enfrentaba, el terrorismo.

Es durante el desarrollo de la segunda Guerra de Chechenia que Freire (2005) observa las contradicciones tanto por parte de Rusia como parte de la OSCE. La federación por un lado permite la interferencia de la OSCE buscando que esta transmita internacionalmente lo que ocurre en la provincia rebelde, permitiendo que la organización muestre como la federación

desarrolla la Guerra Mundial Contra el Terrorismo colocando de esa forma un freno a otras organizaciones internacionales que buscaban ingresar en la capital Chechena. Sin embargo según la autora el gobierno de Moscú se niega a una participación muy activa de la OSCE en la región, ya que esta tendría como consecuencia la disminución de la actividad rusa para frenar el terrorismo y el separatismo checheno.

La OSCE por otra parte es incapaz como organización de disminuir los impactos del conflicto siendo que es una organización que de hecho los busca disminuir, además de evitar los conflictos en si. A pesar de que Rusia permitió la participación de la OSCE en Chechenia el Kremlin fue muy crítico a las acciones de la organización en el siglo XXI, algunos autores alegan que esta se dio como consecuencia de la actuación de la organización en las elecciones presidenciales rusas de 2000 donde se alego libertad pero no transparencia en las mismas.

La OSCE también sería observadora de una serie de elecciones en países de Europa del este como Bielorrusia pero también en Ucrania y Georgia, en las cuales se inclinó por los líderes pro occidente y estuvo presente durante las manifestaciones que ocurrieron como consecuencia de las revoluciones de colores, el Kremlin alegó una falta de parcialidad de la organización que le quita credibilidad y poder de actuación.

Es a través de la participación de la OSCE en estos dos conflictos pero posteriormente en la Guerra de Georgia que Medvedev una vez como presidente busca retirar la importancia que esta organización tiene para sus miembros, alegando la falta de capacidad de actuación frente a situaciones de conflicto tanto de prevención como durante el conflicto, lo que hace de la OSCE un órgano únicamente discursivo ya que en la practica no existe una participación relevante en el espacio euroasiático.

Ambas organizaciones colocadas antes representaron principalmente en la década de 1990 una gran importancia en la búsqueda internacional de Rusia. En primer lugar por integrarse a occidente y después por buscar la construcción de vías alternativas como la multipolaridad. Una tercera organización que representó y al día de hoy representa una prioridad en la política externa rusa es la CEI no solo por pertenecer al área de influencia rusa sino también por las históricas relaciones de Rusia con sus miembros, a continuación se analizan las relaciones de la organización con la Federación durante el mandato de Yeltsin.

2.3 Rusia y las Relaciones con la CEI

Es importante introducir como se manifiestan las relaciones de Rusia con la CEI ya que no se trata de una organización más dentro del sistema internacional sino que seguramente esta represente intereses muy específicos de la potencia para con su área de influencia más próxima y que a partir de 1991 representa la más importante. La literatura es vasta en esta área algunos analistas la entienden como una búsqueda de restaurar la antigua URSS, otros sin embargo entienden que es un intento fracasado de Rusia de continuar ejerciendo poder en la región y para otros es un intento de reconstrucción de los estado nación de forma cooperativa.

Representa un desafío colocar que se observarán las relaciones de Rusia con los países de la CEI asumiéndola como una relación homogénea. Los países que integran y que integraron la CEI⁷ además de heterogéneos poseen con Moscú relaciones de las más diversas, desde cooperación estrecha como es el caso de Bielorrusia hasta confrontaciones bélicas como es el caso de Ucrania. Por ello se busca en este momento colocar como ocurrió el desarrollo de la organización en los primeros años posteriores a la disolución.

La CEI se crea como consecuencia de la cooperación entre la Republica Socialista Soviética de Ucrania, Republica Socialista Soviética de Bielorrusia y de Republica Socialista Soviética de Rusia en 1991, que culminarían con la creación oficial de la organización en 1993. Esta buscaba según documentos oficiales la cooperación de los ahora estados soberanos e iguales, ya que la mayoría de sus miembros pasaría a enfrentar desafíos similares al conformarse como Estados independientes entablando relaciones de cooperación en varias áreas.

Desde 1992 la CEI aparece en todos los documentos oficiales redactados por la Federación Rusa ya sea por su importancia político estratégica, comercial o de seguridad, la organización representa la mayor frontera rusa después de la disolución de la URSS. El llamado extranjero cercano y las políticas con la región van a sufrir una serie de cambios a lo largo de los primeros 20 años después de la disolución.

Esta región no representó durante los primeros 5 años de la Federación un área estratégica en la formulación de política externa rusa. Como se colocó anteriormente mientras Kozyrev estuvo a cargo del Ministerio de Asuntos Exteriores la prioridad fue occidente, como Lo (2002) coloca, el cambio de perspectiva de Kozyrev no implicó en un aumento en la importancia de la región pos-soviética. Es con la llegada de Primakov al Ministerio en 1996

⁷ Los actuales miembros son la Republica de Azerbaiyán, la Republica de Armenia, Republica de Bielorrusia, Republica de Kazajistán, Republica de Kirguistán, Republica de Moldavia, la Federación Rusa, Republica de Tayikistán, Turkmenistán, Republica de Uzbekistán y Ucrania (GENERAL INFORMATION, 2017).

que la región comienza a cobrar importancia en la Política Externa, el ahora ministro entendía que el foco central de las relaciones no debía estar en occidente sino en la región oriental del mundo a pesar que esa determinación no colocara a todos los países integrantes de la CEI en un primer plano, estos pasarían a adquirir mayor importancia que mientras Kozyrev estuvo al mando del ministerio.

Autores como Lo (2002) y Trenin (2001) afirman que la utilidad que los estados y principalmente Rusia le ha dado a la organización es escasa ya que según estos, fueron firmados una serie de acuerdos fueron realizadas reuniones y foros en donde los resultados únicamente son observados en los papeles, ya que en la practica la cooperación multilateral de los estados miembros casi no existió presentándose únicamente a nivel comercial como lo era durante la URSS, o en niveles burocrático como la circulación sin visa entre los ciudadanos de los países miembros. Trenin (2001) apunta algunos de los factores que pueden haber provocado la falta de cooperación: fueron entre otros una divergencia de agendas o inclusive una predisposición de las elites de buscar una cooperación fuera de la región, no únicamente las elites rusas sino las elites locales que buscaban financiamiento externo principalmente de occidente.

Cadier (2015) afirma que es necesario comprender el desarrollo de la política interna rusa y de sus formuladores para observar las relaciones de Rusia con la CEI. Habiendo analizado la política interna de la Federación en el capítulo 1 es posible comprender tanto la falta de interés o inclusive la necesidad de insistir en asuntos que eran considerados por el Kremlin más urgentes tanto internamente como externamente. Dentro de la estrategia de inserción internacional de Rusia a partir de 1992 los países de la CEI ocupaban un lugar secundario y Moscú consiguió mostrar ese papel durante las presidencias de Yeltsin.

La situación cambiaría como se colocó anteriormente, con la llegada de Putin a la presidencia no solo porque el desarrollo interno de la política sería diferente sino también porque esta región se conformaría como clave y primordial en la formulación de Política Externa del nuevo presidente.

2.4 Rusia Reconfigurándose en una nueva era: la era Putin

Como fue colocado en el capítulo 1 Putin llega al poder después de una década difícil en las relaciones tanto internas como externas de Rusia. Sin embargo es posible afirmar que la llegada de un ex agente de la KGB a la presidencia Rusa no era lo que occidente esperaba, buscando mantener el status quo internacional que reino entre 1991-1999.

A partir del año 2000⁸ el gobierno ruso comienza con la creación y aprobación de una serie de lineamientos en materia internacional, por un lado el Concepto de Seguridad de la Federación Rusa -vigente hasta la actualidad-, el Concepto de Política Externa y la Doctrina Militar. Es posible a través de los mismos observar los elementos que van a cobrar importancia durante los mandatos de Putin como presidente, las políticas económicas, fronterizas, de seguridad, de conflicto, sociales y con los integrantes de la CEI ocupan un lugar fundamental en estos conceptos, se puede observar también cual es el papel de los estados parte de la organización en la configuración de Política externa de Rusia en el siglo XXI.

Las principales amenazas apuntadas por los documentos son básicamente 3, el debilitamiento económico internacional de Rusia, la posible aparición de conflictos en la frontera rusa principalmente con los estados integrantes de la CEI y el terrorismo internacional. Estas percepciones van a sufrir una modificación con una serie de eventos tanto internos como los sucesivos ataques extremistas asumidos por rebeldes Chechenos, como internacionales como las revoluciones de colores en la región o la intención de incorporar a la OTAN a Ucrania y Georgia países pertenecientes al área de influencia rusa.

La literatura coloca a Putin con diferentes denominaciones están los que lo consideran un estadista con orientación occidental es el caso de Tsygankov (2013) por buscar que las decisiones tengan la aprobación estatal y por ende constituir una estructura centralizada, buscando a occidente como principal socio; están lo que lo consideran un occidental moderado es el caso de Segrillo (2012) por entender que no llega a conformarse como un occidental radical como fue el caso de Yeltsin, siendo que sus políticas son realizadas con occidente como principal actor en el sistema internacional.

Para Lo (2002) Putin es la figura fundamental en los cambios realizados en política externa a partir del año 2000 y estos son consecuencia de tenerlo al frente de la presidencia y de la formulación de la política. Tsygankov (2013), Cadier (2015), Segrillo (2012), y Mankoff (2009) entienden que Putin inicia su presidencia con una clara visión de los objetivos a ser alcanzados durante su mandato, es por ello que estos con alguna diferencia de términos lo catalogan como un estadista-occidentalista como fue comentado en el capítulo 1. Mientras que a nivel internacional Putin va a buscar elementos que permitan realizar una cooperación inclusive con occidente en cuanto esta busque ser beneficiosa para Rusia, es decir entre los

⁸ Se coloca a partir del año 2000, ya que en diciembre de 1999 son realizadas las elecciones para la DUMA estatal, donde se conocerían los nuevos integrantes. Sería ese nuevo parlamento quien aprobase los documentos oficiales, a partir de enero de 2000.

primeros objetivos de Rusia está el crecimiento y desarrollo económico de la federación y si una cooperación económica con occidente representa los objetivos rusos, Putin está dispuesto a realizarlo conformando lo que los autores denominaron de Cooperación Pragmática.

A diferencia de los autores anteriores Lo (2002) entiende que la ideología durante el gobierno Putin es un elemento con poca importancia frente a cuestiones geoestratégicas o políticas, ya que la política externa pasó a ser una ramificación de la política doméstica, es decir como se colocó en el capítulo 1 la política doméstica a partir de 2000 apuntó al crecimiento y al desarrollo principalmente económico de la Federación buscando restablecer una economía productiva que permitiera incrementar los niveles de vida de la población. Suponiendo que la teoría de Lo (2002) sea correcta, lo que Putin buscaba internacionalmente a partir de los años 2000 era incrementar el lugar económico que Rusia ocupaba en el sistema internacional.

Lo (2002) plantea algunos presupuestos que son desarrollados en el inicio del mandato, Putin buscó deshacerse del concepto de Multipolaridad que fue utilizado al final del mandato de Kozyrev y durante el periodo de Primakov, el autor entiende que la no utilización de ese concepto es parte de una especie de “desideologización” de la política externa de Putin.

El abordaje adoptado por Lo (2002) puede corresponder al inicio de la presidencia Putin y a las primeras acciones internacionales adoptadas a partir de 2000 cuando los documentos oficiales comenzaron a ser lanzados públicamente y cuando ocurren los atentados terroristas en Estados Unidos en 2001. Sin embargo es posible observar que este comportamiento ruso no va a continuar en los años posteriores ya que los intereses estratégicos rusos a partir de 2004 van a estar apuntando para su extranjero cercano y para la región de Asia-Pacífico; y la supuesta alegación de una especie de “conformismo” de la era Putin con la unipolaridad también va a formar parte de esa transformación, esta puede ser observada específicamente en el discurso que el presidente presenta en Múnich-Alemania en el año 2007.

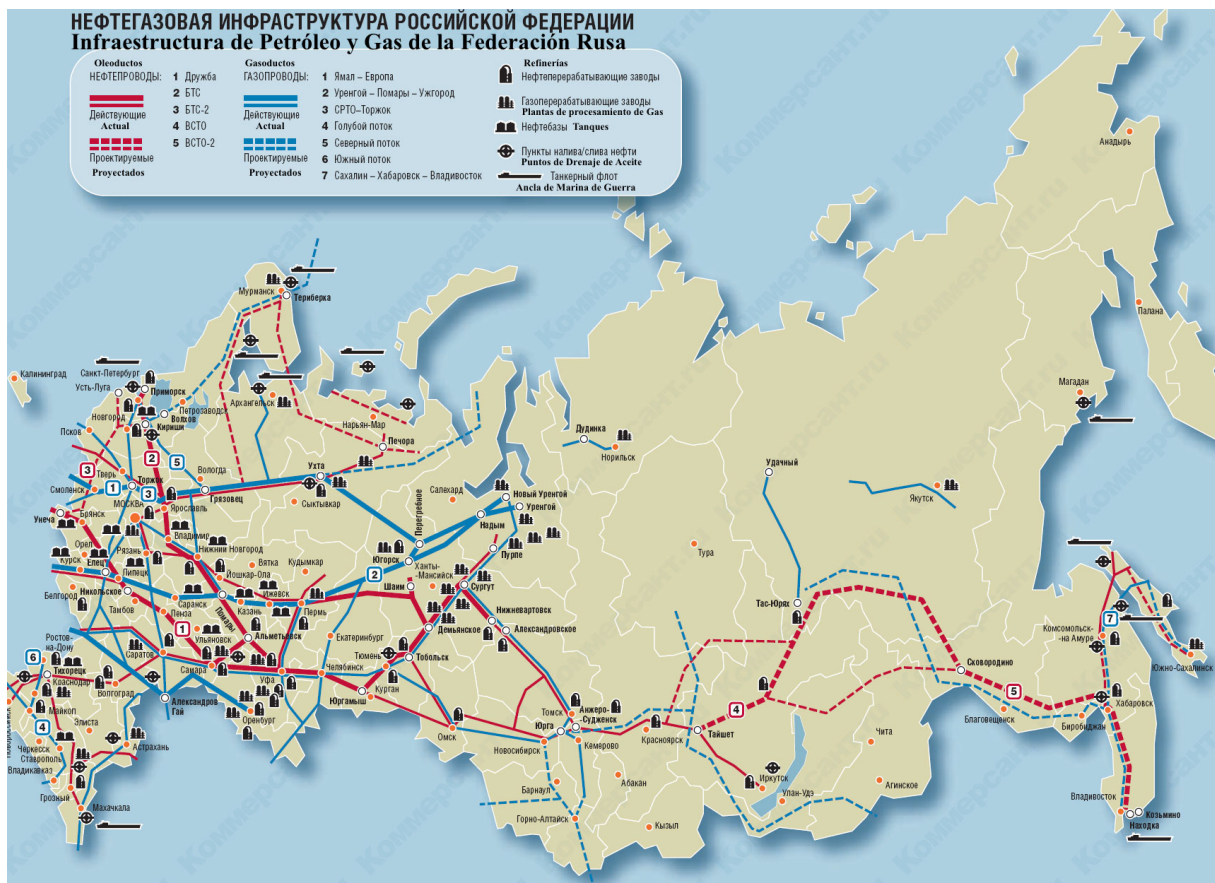
Rusia debía recuperarse internacionalmente de los hechos ocurridos en Kosovo (serán explicados detalladamente en el capítulo 3) donde además de frágil, transmitió la idea de un estado incapaz de hacer frente a desafíos externos. Es por eso que durante las presidencias de Putin entre 2000-2008 algunos factores se conformaron como claves en la estrategia de inserción internacional de Rusia, estos también se mantuvieron en constante cambio ya que la agenda internacional también pactaba algunos de los caminos a ser tomados.

La inserción económica internacional de Rusia después de la crisis de 1998 fue un factor fundamental para la profundización de las relaciones comerciales con países occidentales principalmente los pertenecientes a la Unión Europea, quien se conformó como uno de los

principales socios compradores de la Federación. Así como el comercio era fundamental la infraestructura de extracción también lo era, como la construcción y ampliación de gasoductos para transferir hidrocarburos. El crecimiento económico de la primer década del siglo XXI colocó a Rusia en el nivel deseado por esta, alcanzando niveles de PBI históricos. Para que este crecimiento fuera posible Rusia debió también ampliar sus alianzas comerciales al punto de China conformarse como el principal socio comercial, en este incremento del comercio bilateral como se colocó antes la construcción y desarrollo de gasoductos fue fundamental.

Plustración 2-Mapa de la Infraestructura Petrolera y Gasífera de la Federación Rusa

Año 2009, Traducción Propia.



Fuente: http://c2.kommersant.ru/ISSUES.PHOTO/TEMA/2009/156/bg_00.jpg

Por medio del mapa colocado antes es posible observar donde se encuentra la mayor concentración de gasoductos y oleoductos y hacia donde van dirigidos, el objetivo ruso es continuar expandiéndolos para occidente pero sobre para oriente donde poseen compradores como China e India, por eso es posible observar que en su gran mayoría los gasoductos hacia la región oriental se encuentran en construcción.

El elemento energético para un estado como el ruso es fundamental. Tanto la Geopolítica como la economía son directamente influenciados por este factor teniendo a la seguridad energética como centro de la cuestión. Es en el periodo Putin que la búsqueda por conseguir un monopolio de extracción y distribución de energía en la región centro asiática se intensifica por parte del estado Ruso, durante la década anterior la Federación no tuvo la capacidad de mantener e intensificar el poderío energético que mantuvo durante la era soviética y la disolución de la URSS permitió a occidente involucrarse en estos nuevos estados buscando no solo la abertura de mercados sino también la disminución de la influencia rusa en la región (MAZAT; SERRANO, 2012). La utilización por parte de Putin del elemento energético buscando no solo nuevos espacios sino la reconquista de los mismos es para Mazat y Serrano (2012) uno de los elementos claves en el análisis del crecimiento económico ruso durante la primer década del siglo XXI.

Para el repentino crecimiento comercial vivido por la federación en los primeros 8 años de la presidencia de Putin además de los factores que fueron colocados en el capítulo 1, Rusia se utilizó también de su posición económica en el sistema internacional, a pesar de esta ser desde muchos ángulos desventajosa por ser en gran parte exportador de petróleo y gas utilizando esta “desventaja” en su favor. En primer lugar con los países de la CEI para los cuales desde el fin de la Unión Soviética Rusia había concedido una especie de subsidio en la compra de hidrocarburos y por ese motivo estos pagaban un precio muy por debajo del valor de mercado, de esta forma Rusia disminuye el valor de estos subsidios concedidos, generando en muchos casos crisis diplomáticas como el caso de Ucrania en 2009. Algunos autores afirman que es como consecuencia de las orientaciones políticas de las revoluciones de colores y de una insistencia occidental por descartar los gobiernos pro rusos en la región, sin embargo estos subsidios no solo son disminuidos para los países con orientaciones occidentales sino también para países como Bielorrusia que tiene relaciones fuertes de cooperación con Rusia desde la disolución de la URSS.

Uno de los elementos domésticos que marco la agenda internacional de Rusia durante el mandato de Putin fue la búsqueda tenaz por ingresar a la OMC, este es seguramente uno de los elementos mas importantes en la búsqueda internacional de Rusia para ser considerada de hecho miembro de los países que buscan un libre mercado y el desarrollo del individuo por medio de la democracia y los derechos humanos, que construyen su base en el libre mercado. La Federación busco desde su independencia en 1991 incorporarse a la organización, sin embargo debía cumplir una serie de reglas antes de ser aceptada. A pesar que la incorporación

de hecho se da fuera del periodo estudiado, representó un factor importante para la política rusa durante la primer década del siglo XXI.

WTO accession became one of the major themes in the extensive institutional reforms that Putin pushed through from 2000—2003. Many major laws were adopted during this period, including a tax code and a new customs code (which came into force in January 2004) and several parts of the civil code. Since 2003, the Russian legislation had largely been brought into conformity with WTO regulations (ASLUND, 2010. p. 55).

Durante la presidencia de Putin el Kremlin busco adaptarse a la normas exigidas por la organización buscando una rápida incorporación, sin embargo las diferencias comerciales de Rusia con algunos miembros de la OMC junto con acontecimientos externos como la guerra en Georgia dificulto en gran medida que la incorporación ocurriera en la primer década del siglo XXI. Aslund (2010) afirma que la búsqueda de Rusia por incorporarse a la OMC tenía como presupuesto una diversificación de la producción a ser exportada, es decir según el autor un país que solo busca especializarse en hidrocarburos no necesita de la OMC.

Posiblemente como producto de un cambio en las relaciones diplomáticas de Rusia y de Estados Unidos con la asunción de Barack Obama y con el discurso asumido por el presidente ruso Dimitri Medvedev de modernización, las relaciones comerciales comienzan a fluir de mejor manera permitiendo que después de reiterados intentos Rusia consiga ingresar en la Organización agosto de 2012, lo que en parte simbolizó el fin de un proceso por el cual Rusia peleó durante años. Conseguir ingresar e formar parte activa de la organización es tal vez uno de los mayores logros económicos de Rusia en el sistema internacional desde la disolución de la URSS, ahora Rusia tenía un camino libre para relacionarse con una variedad de países bajo normas denominadas por la propia organización de “igualdad” y sobre todo abriría su propio mercado para la inversión extranjera directa elemento altamente buscado por Rusia en el desarrollo económico.

Como se colocó anteriormente, la agenda internacional marco algunas de las pautas que fueron utilizadas por la Federación para complementar el accionar en ciertos aspectos. Es el caso de la segunda Guerra de Chechenia, justificada en parte por la Guerra Mundial Contra el Terrorismo iniciada por Estados Unidos como consecuencia del ataque al *World Trade Center* en nueva York el 11 de setiembre de 2001. Parte de la cooperación Rusia-Occidente que se presenta en el siglo XXI es resultado de los hechos ocurridos en 2001, ya que la Federación pasara a realizar una serie de “concesiones” como permitir la utilización de su espacio aéreo o la instalación de bases militares occidentales en Asia Central buscando iniciar la GMCT en sus

dos matrices, Afganistán e Irak, siendo que la invasión americana en Irak no fue aprobada ni respaldada por Rusia y tampoco por gobiernos occidentales.

La cooperación que se inicia producto de los ataques terroristas sorprende a algunos analistas que la observan como una clara señal de la subordinación rusa a occidente y principalmente a Estados Unidos. Sin embargo como se colocó antes Rusia se utilizó de esta cooperación internamente alegando al grupo separatista Checheno como un grupo terrorista que era necesario erradicar. En la arena internacional es colocado por Mankoff (2009) que Rusia logró transformar la idea de integración con occidente manejada por Kozyrev a inicios de la década de los 90 para un concepto de socios internacionales, lo que beneficiaría ampliamente a la Federación.

Esta cooperación entre Rusia-Occidente fue importante para la agenda que vendría en los años posteriores y que dice respecto a la amenaza del islamismo radical, por la cual muchas acciones tanto por parte de Rusia como de occidente van a ser justificadas a través de ese argumento. Específicamente hechos más recientes como la Guerra en Siria y el combate a un enemigo internacional, el denominado Estado Islámico, hacen parte fundamental del argumento creado y desarrollado fundamentalmente como consecuencia de los atentados del 11 de setiembre en New York.

Dentro de la formulación de política externa con Putin como presidente, las revoluciones de colores formaron parte fundamental en la transformación de la misma principalmente con respecto a la posterior relación con occidente, a continuación se colocan los principales acontecimientos que el área pos soviética sufrió y que tuvo como principal financiador a occidente.

2.5 Rusia y las Revoluciones de Colores

Las denominadas revoluciones de colores son consideradas por muchos analistas como el puntapié inicial del cambio de actitud de Rusia con occidente. Estas ocurren en Georgia, Ucrania y Kirguistán en 2003, 2004 y 2005 respectivamente y muestran a parte de la población desconforme con la situación política actual pero también reflejan la incidencia de occidente en la cultura política de estos 3 estados. Tanto la revolución en Ucrania como en Georgia fueron cruciales para la política externa rusa ya que estas son catalogadas como precursoras de eventos que ocurrieron a posteriori, como la guerra ruso-georgiana en 2008 o el desabastecimiento de gas a Ucrania en 2006.

El área donde se encuentran tanto Ucrania como Georgia tiene un significado estratégico no solo para la Federación sino también para Estados Unidos, la Unión Europea y China que pelean por el dominio de la región. Ambos estados hacen parte de la ruta que transporta el gas ruso de oriente a occidente, Georgia es una de las rutas disputadas para transporte de petróleo del mar caspio hacia occidente, región fuertemente peleada por las potencias regionales y extra regionales.

La Revolución naranja se presenta como consecuencia de una serie de eventos políticos internos en Ucrania. Al igual que Rusia Ucrania debió a partir de 1991 reconfigurarse y crear instituciones políticas para hacer frente a los nuevos desafíos internos y externos. En dicho proceso una elite económica se fue alimentando de las debilidades del estado para fortalecerse económicamente, Kuchma el entonces presidente y que se mantuvo en el cargo por 10 años 1994-2004, buscó al igual que Yeltsin impunidad para sus acciones una vez fuera de la presidencia. Mientras dos políticos disputaban el poder en el país: un político pro occidente Viktor Yuschenko que buscaba entre otras cosas la incorporación de Ucrania en la OTAN y que impulsaba las relaciones con occidente en detrimento de Rusia y los antiguos países del área soviética. Y Viktor Yanukovich un político pro ruso que contaba con el apoyo del Kremlin para disputar las elecciones.

La revolución ocurre en la secuencia a las elecciones realizadas a finales de 2004. Marcadas por denuncias de fraudes y compra de votos que dan como resultado la victoria de Viktor Yanukovich. Con el fin de los comicios la población inicia una serie de manifestaciones dirigidas por el representante que disputo las elecciones Yuschenko, durante semanas masivas manifestaciones apoyadas por parte de la población civil y por observadores internacionales - occidentales- provocan la convocatoria a realizar nuevas elecciones a fin de ese año y estas darían como ganador al propulsor de las manifestaciones Yuschenko, quien en 2005 asume la presidencia Ucraniana.

La denominada revolución naranja ocurrida en Ucrania en 2004 representó para Rusia según Pastukhov (2011) cambios fundamentales principalmente en el área domestica. El autor afirma que los cambios ocurridos en la reorganización interna de las regiones son consecuencia de esta revolución y no un proceso histórico mas profundo o de los atentados a la escuela de Beslan como fue colocado en el capitulo 1. Seguramente de los estados exsoviéticos denominados europeos Ucrania es el que represente mayor importancia, por varios motivos.

En primer lugar por el significado económico que tiene para Rusia. Ucrania es uno de países por donde los hidrocarburos atraviesan para llegar tanto a Europa oriental como también

a Europa occidental, siendo también extremadamente dependiente de la importación de gas natural ruso.

En segundo lugar por su importancia estratégica tanto por la provincia de Crimea (que en 2014 será finalmente anexada al territorio ruso) como también por las bases militares que Rusia mantiene en Ucrania y la posibilidad de incorporación tanto de Ucrania como de Georgia a la OTAN representa una amenaza fundamental a la seguridad Rusa.

A pesar de esto Rusia se abstuvo de intervenir directamente en el país mientras se desarrolló la crisis Ucraniana de 2004, según Mankoff:

Its handling of Russo-Ukrainian relations since Yushchenko's eventual election has provided one fairly significant example of how Moscow was willing to endure what Trenin termed a "painful and humiliating" diplomatic defeat in order to avoid a full-blown diplomatic showdown with the United States, even in a country like Ukraine that it considers vital to its national interests, at least as long as it felt that the consolidation of power at home was not complete (MANKOFF, 2009. p. 250).

La afirmación de Mankoff -que coincide con la opinión de Trenin- (2009) tiene veracidad si se la pondera y si se toma en cuenta la reacción occidental años más tarde. Evitar un enfrentamiento con occidente tal vez no una era la prioridad en 2004, pero si un efecto colateral buscado por ambas partes la rusa y la occidental. 4 años más tarde Rusia iniciaría una Guerra en Georgia y quien buscaría evitar un enfrentamiento bélico y diplomático sería occidente al no ser parte activa del conflicto emitiendo únicamente comunicados sobre el asunto y no tomando providencias en defender quien en la época era un aliado como Georgia.

Algunos autores sustentan que como consecuencia de la revolución naranja y de las relaciones poco "amigables" de Rusia con Ucrania el Kremlin decide quitar los subsidios con los cuales era vendido el gas natural a Ucrania, aumentando de esta forma los precios y las tensiones entre ambos que terminarían con el corte del suministro de gas a Ucrania en 2006. A partir de allí se desarrolla una especie de Guerra del gas que sería denominada así con el corte de suministro en 2009 provocando también una crisis con los clientes finales que eran los países del Europa del Este. Otros autores sin embargo, alegan que esta medida tenía bases únicamente económicas, ya que desde el fin de la URSS Rusia vendía gas subsidiado a Ucrania siendo necesario rever esas tarifas ya obsoletas.

Russia's decision to reduce its subsidies by demanding a higher price was more than anything a recognition that its attempts to keep Ukraine in its sphere of influence through economic incentives had failed. If Moscow was not gaining foreign policy benefits from its (expensive) subsidization of the Ukrainian economy, there remained little reason for Gazprom to keep throwing money at Ukraine (MANKOFF, 2009 p. 254).

Tal vez parte de la explicación al aumento de los precios por parte de Rusia se encuentre en el argumento presentado por Mankoff (2009), sin embargo otros análisis apuntan que parte de este incremento se debe a las políticas realizadas por Gazprom para reactivar su actividad económica y para conformarse como una empresa “seria” sin beneficios a ninguno de sus compradores.

Por otra parte se encuentra el segundo foco de conflicto en la región del Cáucaso sur en Georgia, que tendría repercusiones en mayor dimensión si se observa como un proceso histórico que “culminó” con la guerra ruso-georgiana en 2008. Como ya se colocó en otras partes del texto, la región del Cáucaso tanto sur como norte representa la zona con más tendencia a conflictos tanto domésticamente como Chechenia y Daguestán como internacionalmente con respecto al resto de la frontera rusa.

La denominada revolución rosa traería a la presidencia a Mikheil Saakashvili como consecuencia de una serie de manifestaciones internas que buscaban poner fin a la presidencia de Eduard Shevardnadze. Las manifestaciones masivas comienzan como consecuencia de las elecciones parlamentarias de 2003 ganadas por la coalición presidida por Shevardnadze, que Fairbanks (2004) denomina de típicamente fraudulentas. Comenzadas las manifestaciones que tenían como líder a Saakashvili la situación se presenta caótica para el entonces presidente tanto domésticamente como internacionalmente, ya que occidente por medio de la OSCE deslegitimó las elecciones parlamentarias de 2003 afirmando una serie de irregularidades como individuos que votaron reiteradas veces o votaciones que se hacían en nombre de familias, postergándola para marzo del siguiente año.

De esta forma y bajo una situación insostenible Shevardnadze renuncia a su cargo y asume la presidencia de forma interina el presidente del parlamento hasta la realización de nuevas elecciones. Estas son realizadas en enero del 2004 buscando un nuevo presidente y el 4 de enero resulta ganador Mikheil Saakashvili con una abrumadora mayoría de la cual occidente no tiene duda de su legalidad.

Como se ha colocado a lo largo del presente capítulo así como del capítulo 1, los países que formaron parte de la antigua Unión Soviética poseen similitudes en su forma de incorporación al sistema capitalista. Tanto Ucrania, Georgia como Rusia (los países citados para mostrar el desarrollo de la política externa rusa) sufrieron la época denominada de transición con duraciones diferentes, en la misma se instalaron grandes elites económicas y políticas que se negaron en su momento a dejar el poder y a perder el ingreso económico que la transición les brindaba. Esto formó en gran parte de estos estados una gran camada de corrupción tanto política como económica buscando el beneficio de unos pocos, llegando

muchas veces a manifestarse en enfrentamientos bélicos. Con tales proyectos que tenían a la democracia y a las medidas de abertura económica como referencia, el cambio de elite en el poder representó un factor fundamental para el enfrentamiento político y económico.

Analizar en detalle cada uno de los 15 estados que surgió como consecuencia de la disolución de la URSS se hace imposible en el presente trabajo, sin embargo es necesario entender que los mismos poseen desarrollos y crecimientos diferentes pero que en varios puntos convergen, posiblemente sean esas similitudes que lleven a la construcción de una posible paz en la región.

2.6 La asunción de Medvedev y la Guerra de Georgia

Como colocado anteriormente, en el inicio de la presidencia Putin el Kremlin establece sorprendentes relaciones de cooperación con occidente en áreas como el terrorismo realizando una serie de concesiones como despliegue de tropas en Asia Central. Sin embargo al analizar los primeros 8 años y el comienzo del periodo Medvedev es posible observar un quiebre en dicha cooperación.

A través de las revoluciones de colores con un amplio apoyo de gobiernos occidentales, con la efectiva incorporación en la OTAN de aliados históricos rusos como son los países bálticos frontera directa con Rusia, el conflicto económico-diplomático sobre el desabastecimiento de gas a Europa del este, la guerra con Georgia en la cual ninguna potencia extranjera intervino, tanto para apoyar a Georgia como a Rusia, como también por medio del fortalecimiento interno de Putin como presidente con medidas como la centralización del poder por medio de los representantes colocados por Putin para supervisar las diferentes regiones de Federación, las relaciones Rusia-Occidente comenzaron a ser menos sólidas de lo que fueron años antes y a deteriorarse en algunos aspectos.

Esto ocurre a pesar del denominado *Reset* en las relaciones Rusia-Estados Unidos ya que cuando Obama asume como presidente en 2008 ocurre la primer reunión bilateral entre ambos estados y es cuando la secretaria de estado americana Hilary Clinton declara el comienzo de una nueva relación entre ambos, demostrando parte del argumento sostenido en el presente texto que estas comenzaron a deteriorarse después de un corto periodo de cooperación.

Es posiblemente el discurso de Putin en la conferencia de Seguridad el encargado de marcar el fin de las relaciones cooperativas entre ambos ya que a través del mismo el entonces presidente pasa a demostrar una serie de acciones ocurridas en la actualidad y que una variedad

de autores las relacionan con este discurso. El apelo durante el mismo de la imposibilidad de mantener un sistema unipolar creado con el fin de la Guerra Fría, como factor fundamental para la inseguridad del resto de los países del sistema internacional es tal vez el principal recurso utilizado por Putin.

En el mismo Putin aborda cuestiones variadas, sin embargo el factor económico y de seguridad son la prioridad. Al analizar el elemento económico el presidente alega por un lado la necesidad de comprender el mundo en el cual se vive actualmente donde el denominado bloque BRIC representa el futuro de las relaciones económicas internacionales y donde es posible observar los países con mayor crecimiento, por otro lado reivindica la participación de las empresas rusas en los países occidentales así como Rusia permite que esto ocurra en su país con áreas estratégicas como la energética.

La visión de seguridad que Putin plantea tiene varias perspectivas y factores, por un lado con respecto a la no proliferación de las armas de destrucción en masa apuntando el acuerdo bilateral firmado con Estados Unidos para que ambos estados disminuyan progresivamente su arsenal. Por otro lado la necesidad de utilizar a la ONU como organismo decisorio en materia de utilización de la fuerza a nivel internacional eliminando la posibilidad de contemplar a la OTAN o a la Unión Europea.

El descargo que Putin realiza con respecto a la OTAN es posiblemente la clave del discurso, al referirse a la organización éste plantea una serie de incoherencias que desde 1990 la OTAN viene cometiendo con el mundo pero principalmente con Rusia. Las exigencias hechas desde una organización que debía ser extinta con el fin de la URSS pero que continúa en pie sin tener un enemigo claro es la base del argumento de Putin.

But we should not forget that the fall of the Berlin Wall was possible thanks to a historic choice -one of that was alsomade by our people, the people of Russia- a choice in favour of Democracy, freedom, openness and a sincere partership with all the members of the big European Family. And now they are trying to impose new dividing lines and walls on us -these walls maybe virtual- but they are nevertheless dividing ones that cut through our continent (PUTIN, 2007).

La referencia a la construcción de muros colocada por Putin es tal vez esencial para el entendimiento de la coyuntura actual del sistema internacional y se refiere a las acciones realizadas por la OTAN en su búsqueda por la expansión de la organización y como en un proceso lento pero continuo esta va a conseguir dividir un continente llegando a enfrentar a Rusia con el resto del continente europeo.

A lo largo del discurso es posible observar las reivindicaciones de Rusia con respecto a

la igualdad que espera del resto de los estados occidentales, análisis actuales apuntan que este discurso es la clave para entender el comportamiento ruso con respecto a Ucrania y a Crimea pero también con respecto a Siria, análisis que exceden las posibilidades de estudio en el presente trabajo.

Un factor determinante en el comportamiento ruso de la actualidad es posiblemente la ofensiva llevada a cabo en Georgia en 2008, esta marcó no solo el futuro gobierno de Medvedev sino también el desarrollo de una nueva política externa rusa no mas caracterizada por la sumisión.

La situación entre Rusia y Georgia llega a su punto critico en agosto de 2008, sin embargo esta es resultado de la revolución rosa ocurrida en 2003 con la renuncia de Shevardnadze y la asunción como presidente de Saakashvili en 2004. Georgia se caracterizó por ser uno de los estados desde la disolución de la URSS que tenía gobernantes pro occidente y con Saakashvili no sería diferente. El ahora presidente tenía objetivos claros, ingresar a la OTAN como un país occidental y conformarse como un aliado para las potencias occidentales.

La federación por otra parte se encontraba haciendo frente al enemigo que azotaba a la población civil rusa, el terrorismo, con el ataque a la escuela numero 1 de Beslan e iniciando una reformulación de las autoridades regionales buscando centralizar el proceso de toma de dediciones. En este proceso también debe ser incluidos dos factores, el primero es una nueva elección parlamentar que diera ganador al partido de Putin con una mayoría abrumadora y que le brindaría al mismo la capacidad de actuar con un amplio apoyo de la población civil; y el segundo es el estallido de la revolución naranja en Ucrania que también acaparó la atención rusa en los años posteriores.

En este contexto y conforme los años pasan, Moscú y Tbilisi se vuelven mas antagonicos: mientras Moscú da apoyo a las provincias rebeldes que buscaban su independencia, Osetia del Sur y Abjasia, Tbilisi por otro lado buscaba acercarse a occidente por medio de su mayor elemento de negociación la construcción de un oleoducto que transportara la extracción de gas y petróleo del mar caspio hacia Europa, pasando por Azerbaiyán, Georgia y Turquía, es decir sin interferencia de Rusia en el proceso.

Algunos autores apuntan el comienzo del conflicto como consecuencia de una reacción de Moscú para proteger a ciudadanos rusos que se encontraban en el extranjero y que los documentos oficiales instan a proteger a cualquier costo, inclusive en un conflicto bélico; sin embargo al analizar el conflicto en profundidad las causas que apuntan a la intervención rusa pueden ser tan variadas como profundas. Como ya se colocó la frontera caucásica es

posiblemente la más conflictiva de todas las fronteras rusas, ya sea tanto por los conflictos étnico-religiosos que predominan en la región como también por la posible ampliación del mismo a zonas que ya son conflictivas en este caso el Cáucaso norte.

En agosto de 2008 da inicio la guerra como consecuencia de una ofensiva Georgiana que buscaba retomar el control de dichos territorios rebeldes en la capital de Osetia del Sur, Tsjinvali, ofensiva dirigida a las tropas de paz rusas y a la población local. Una vez comenzada la ofensiva georgiana Moscú por medio de las tropas enviadas años antes autoriza la actuación y la protección de la población suroseta, con un gran número de ciudadanos rusos.

A través de una declaración de Medvedev realizada el día 8 de agosto de 2008 comienza el conflicto, con una comunidad internacional crítica al accionar ruso y en parte al accionar georgiano. El conflicto tiene una duración de 5 días hasta la firma del un acuerdo mediado por el entonces presidente francés Nicolás Sarkozy donde se pactan las medidas a ser tomadas para el cese al fuego de las hostilidades, se le denominó el pacto de los 6 puntos entre los cuales estaban la salida inmediata de las fuerzas georgianas de la región y la salida de las fuerzas rusas al lugar trasladándose a donde se encontraban inicialmente, buscando herramientas para la construcción de la paz en la región construyendo un debate internacional para buscar medidas de seguridad en la región de Osetia del Sur y Abjasia (GEORGIA, 2008).

Mankoff (2009) afirma que el Kremlin se ocupó en los primeros 15 años de vida independiente después de la disolución de la URSS, de buscar tanto la protección de ambas regiones que se encontraban en disputa por medio del envío de fuerzas de protección como también se encargó de alimentar el sentimiento ruso en la región.

More than on almost any other issue, the frozen conflicts highlighted the contradictions inherent in Russia's foreign policy strategy. The Kremlin has struggled to square its backing for Abkhaz and South Ossetian separatists with its own broader geopolitical concerns and its rhetorical commitment to the principles of state sovereignty and international law. Russia's pious concern for the fate of civilian populations in the breakaway regions of Georgia has a hollow ring when compared with the devastation inflicted on Chechen civilians (MANKOFF, 2009. p. 259)

El punto colocado por Mankoff es posiblemente el más leído dentro de la literatura que busca comprender el desarrollo de la guerra. Sin embargo el Kremlin articuló una respuesta a la crítica internacional que condena el conflicto y sobre todo la participación rusa en el mismo, esta dice respecto a dos factores. El primero con respecto al reconocimiento internacional de Kosovo como un Estado Independiente herida aun abierta para la elite política rusa, los acontecimientos ocurridos en 1999 -que serán expuestos con detalles en el capítulo 3- casi 10 años después continúan repercutiendo fuertemente en la Política Externa Rusa traduciéndose

en el imperativo de no repetir lo que ocurrió en el pasado. El segundo con respecto a una expectativa rusa sobre los conflictos ocurridos en la República de Chechenia en el cual Rusia buscó el apoyo de sus vecinos para combatir tanto el separatismo como el terrorismo siendo que de Georgia no recibió resultados positivos, por el contrario estos se encargaron de dar asilo a antiguos rebeldes chechenos (SERGUNIN, 2016).

Para Tsygankov (2014) Medvedev se utilizó de la guerra con Georgia para demostrarle a Europa la necesidad de crear un complejo de seguridad en la región llamada por el entonces presidente de PanEuropa, el autor afirma que Moscú buscaba deslegitimar a la OTAN y a la OSCE mostrando su incapacidad de actuación y de prevención de la guerra de 2008 colocando de esa forma la necesidad de crear nuevos caminos para prevenir amenazas, estos nuevos caminos precisaban tener a Rusia como parte fundamental del nuevo complejo de seguridad. Según el autor Rusia debía ser formuladora y practicante activa del futuro “complejo de seguridad”.

Esta última propuesta llevada a cabo por Medvedev no prospera como puede observarse en los años posteriores, sin embargo la guerra ruso-georgiana simbolizó una serie de representaciones a ser tomadas en cuenta en el futuro. En primer lugar la capacidad rusa de hacer frente a desafíos externos a pesar que esto implique enfrentarse con occidente; en segundo lugar la afirmación rusa en su propia área de influencia la región exsoviética, demostrando su desconformidad con la injerencia de poderes externos en la región; en tercer lugar la demostración de que la expansión de la OTAN hacia la frontera rusa no es un proceso “simple” tanto para la organización en sí como también para sus futuros miembros; y en cuarto lugar el nivel de antigüedad del equipamiento militar ruso, a pesar de haber salido “ganador” del conflicto Rusia contaba todavía con el equipamiento que se utilizaba en la antigua Unión Soviética y este factor es clave durante la presidencia Medvedev ya que éste caracterizará su propio mandato como un buscador de la modernización de Rusia en el sistema internacional, donde el aparato militar será uno de los más beneficiados.

Mankoff (2009) afirma que la guerra entablada en 2008 con Georgia es producto de la búsqueda rusa por demostrar a occidente sus capacidades, sin embargo se busca considerar que la guerra entablada con Georgia además de los motivos citados anteriormente puede haber sido la búsqueda rusa por demostrar no solo para las elites políticas y económicas sino también para la población rusa que la federación era capaz de hacer frente a cualquier desafío externo, ya que ese es el papel de una gran potencia.

Consideraciones sobre la Política Externa

A través del análisis de expuesto hasta aquí donde es posible observar las dificultades que Rusia tuvo para hacer frente a los desafíos externos principalmente en la década que Yeltsin fue presidente, no sorprende que la OTAN sea el principal desafío para conseguir realizar una política coherente. Esta formo parte activa en todas las etapas de formulación de política tanto interna como externa. Tanto durante el mandato de Yeltsin como durante el mandato de Putin a cargo de la presidencia de Rusia es posible observar la hipótesis que se maneja a lo largo del texto, existen idas y vueltas en el comportamiento ruso con respecto a actores del sistema internacional y como se pudo observar, Yeltsin comienza con una postura de amplia cooperación con occidente llegando a denominarla integración, sin embargo conforme eventos del sistema internacional interfieren en la política interna y externa de Rusia este modifica las percepciones no llegando a enfrentamientos pero si a desencuentros en cuestiones como la crisis de Kosovo, o la expansión de la OTAN.

El inicio de Putin a cargo del Kremlin apuntaba un camino que no fue el que los analistas dedujeron, la cooperación con occidente y la aceptación de reglas internacionales llevo a pensar que Putin podía ser considerado un Yeltsin con mayor control sobre la economía y sobre la estructura política; sin embargo a partir de 2004 la postura internacional de Rusia cambia como consecuencia en parte de la presencia de Estados Unidos en su área de influencia, la participación occidental en las revoluciones de colores buscando instaurar gobiernos anti-Moscú y una posible expansión de la OTAN colocan un fin a la era de unipolaridad alegada desde Estados Unidos, Rusia comienza a mostrar sus dotes de gran Potencia como apunta el ex-diplomático alemán Frank Elbe, es durante la conferencia de Seguridad de Múnich en 2007 que Rusia a través del discurso del presidente Putin muestra su postura internacional y la concepción de sistema internacional percibida por el Kremlin, sin embargo para Elbe Occidente fue incapaz de comprender las palabras de Putin *“é de uma mentalidade muito primitiva pensar que Putin é culpado da falta de entendimento entre a Rússia e Ocidente”*.

La presidencia rusa a mando de Putin sufriría una transformación radical con respecto a la Rusia de los años 90. La nueva Rusia reconstituida y sobre todo más independiente internacionalmente tanto en sus decisiones como también en sus relaciones provocará que occidente reasuma a Rusia como una gran potencia capaz de enfrentar a los “grandes” del sistema internacional para salvaguardar sus intereses, así como occidente lo ha hecho durante el siglo XX.

Capítulo 3- Rusia y las Relaciones con la OTAN

Posiblemente el tópico Rusia-OTAN sea uno de los más estudiados en los dilemas de seguridad del orden internacional en la pos Guerra Fría. Tanto Rusia como la OTAN pasaron por crisis que provocaron contradicciones en sus comportamientos si estudiados como procesos históricos, esto no hace de ellos actores menos creíbles o con menos poder en el sistema internacional, por el contrario durante la década de 1990 la OTAN mostró que su área de actuación no se restringía a Europa exclusivamente y a partir de los años 2000 Putin le trajo a Rusia parte del poder de gran Potencia perdido con el fin de la Guerra Fría.

El mantenimiento como organización de la propia OTAN a partir de 1991 fue un desafío para sus miembros, debieron reconstruirse y crear un nuevo enemigo externo que legitimase su actividad en el sistema internacional. La Federación por otro lado debió reconstruirse y encarar los desafíos colocados en los capítulos 1 y 2 que no fueron pocos. Sin embargo a partir de 1991 los diálogos entre la federación y la OTAN son incrementados, ya sea por una voluntad rusa de hacer parte ahora del espectro occidental o por una búsqueda de la OTAN de incrementar su poder dentro de Europa. El desarrollo en dicha relación llevo a una serie de acciones que la determinarían, autores como Pouliot (2010) la definen como una relación de “*Hysterises*”, en la presente disertación es definida como una característica particular de la Política Externa Rusa a partir de 1991.

Las denominadas idas y vueltas entre Rusia-OTAN reflejan una vez mas el comportamiento que la federación desarrolló desde 1991 y que se puede observar a través de los capítulos anteriormente colocados, reforzando de esa manera la hipótesis sostenida a lo largo del texto. En el presente capitulo se analizarán las principales acciones que involucraron a los dos actores en el sistema internacional entre 1991 y 2008, buscando comprender como la relación se desarrolló.

3.1 Breve histórico de la organización

Como es de público conocimiento la OTAN es una organización militar que contempla estados de Europa y de América del Norte. La misma nace como necesidad de estos estados de proteger su seguridad, de esta forma en un intuio de buscar alternativas a las acciones unilaterales en 1949 que por medio de la firma del Tratado del Atlántico Norte se crea oficialmente la OTAN, sus signatarios iniciales son: Estados Unidos, Canadá, Gran Bretaña,

Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Dinamarca, Noruega, Italia e Islandia. En 1952 ratificarían el tratado Grecia y Turquía, en 1955 lo haría Alemania occidental, y en 1982 ingresaría España.

Los objetivos de la misma son claros buscar incrementar los instrumentos de defensa y de seguridad para proteger a sus estados miembros contra cualquier amenaza externa, realizando esa protección de forma cooperativa. Las decisiones dentro de la organización son tomadas por medio del consenso a pesar de que los aportes económicos reflejen otra realidad, en este segundo aspecto Estados Unidos es el estado que mas aporta seguido por Francia, Alemania y el Reino Unido (SANTOS DA COSTA, 2006).

Desde su creación en 1949 la organización fue representante de los intereses en defensa y seguridad de los estados occidentales y se conformó como principal “rival” de la organización que abarcaba a los países socialistas, el pacto de Varsovia creado en 1955 y extinto en 1991. La OTAN es creada según los documentos oficiales bajo las normas que rigen la carta de San Francisco, buscando siempre la soberanía de los estados parte.

Durante los primeros 40 años de organización ésta buscó limitar la expansión de su competencia, es decir impedir la expansión de fuerzas armadas comunistas en territorio occidental. Por un lado la expansión soviética, el conflicto entre las Coreas que posteriormente se transformaría en una Guerra y por otro el avance de Mao en China, provocarían una reacción de los Estados Unidos que fue manifestada por medio de la creación de la OTAN. Buscando proteger a los estados miembros de la amenaza comunista, es creado el Programa de Asistencia de Defensa Militar, que pretendía fortalecer, equipar y ayudar a las fuerzas armadas locales con instrumentos para hacer frente a posibles conflictos como consecuencia del enfrentamiento este-oeste, como es conocido también el programa militar del Plan Marshall.

En los primeros 10 años la organización se moldeó con dichos objetivos brindar a los países europeos instrumentos para fortalecer su seguridad equipando el área de defensa, mientras se buscaba la reestructuración económica y social en cuanto estos se encargaban de brindar total apoyo a los Estados Unidos en la lucha contra el comunismo. Junto con este factor, incluir mas estados dentro de la organización fue (y es en la actualidad) clave para su desarrollo, la incorporación de Alemania occidental fue seguramente una ganancia importante para fortalecer e incrementar la protección al comunismo como colocado anteriormente esta se da en 1955.

Como es afirmado por França (2004) durante la mayor cantidad de tiempo que duro la Guerra Fría las relaciones entre la OTAN y el Pacto de Varsovia fueron cordiales y las crisis

fueron disminuidas por una voluntad mutua de no iniciar una posible Guerra nuclear. Los líderes de la época fueron cruciales para la solución de dichas crisis, como la de los misiles en Cuba, cuanto mas cerca del fin de la Guerra Fría más cordiales estas relaciones se volvieron.

Al igual que sucedió con los Estados Unidos la OTAN fue protagonista de una guerra fría que en la practica no representó grandes conflictos para los estados involucrados en la organización (exceptuando el caso alemán). Seguramente los momentos de tensión fueron mermados por una necesidad internacional de la no utilización de armas nucleares, lo que no beneficiaría a ninguna de las partes, principalmente a los estados de la OTAN que muchos de ellos no tenían acceso y “permiso” de utilización.

Para una serie de historiadores Latinoamericanos la OTAN no representa más que los objetivos militares de los Estados Unidos a nivel global, es por medio de la organización que estos realizan las políticas militares a nivel multilateral. Estos autores entienden que el mantenimiento de la Alianza una vez terminada la Guerra Fría era fundamental para los Estados Unidos, ya que a pesar de la misma entrar en una contradicción intrínseca estos precisaban continuar expandiendo su poder militar (LA OTAN..., 2013).

Una cuestión importante colocada por estos autores es un cambio básico en la estrategia militar de la organización una vez finalizada la Guerra Fría, por un gran periodo de tiempo la OTAN se caracterizó por ser una fuerza defensiva sin embargo a partir de 1991 las tácticas cambiarían convirtiéndose en una fuerza ofensiva dispuesta a un accionar mas abierto dentro del sistema internacional, el limite ya no estaba en Europa sino que para estos autores el limite es el mundo (LA OTAN..., 2013).

3.2 Las relaciones en el mundo “unipolar” y la guerra de Bosnia

La disolución de la URSS y la “creación” de una Federación Rusa democrática e independiente representó para algunos analistas y para muchos políticos rusos la posibilidad de conformar una alianza con quien en el pasado era su enemigo, la OTAN. Al inicio sin embargo se esperaba que sucediera lo mismo que con el antiguo Pacto de Varsovia, una disolución obvia ya que ahora no existía un enemigo a quien enfrentar el socialismo fracasó para la alegría occidental, y este no tenia más a quien enfrentarse.

A fines de 1991 la alianza lanza el nuevo concepto estratégico donde además de reconfigurarse, principalmente con respecto a las amenazas, es posible observar también las intenciones futuras de la organización que ahora habitaba un mundo “unipolar”. A lo largo del

documento es posible observar que en ningún momento se hace referencia a la desaparición de la alianza por considerarla innecesaria (siendo que ya no había mas un comunismo a quien combatir). Por el contrario es posible comprender como la concepción de seguridad es reconfigurada, al apuntar cambios cruciales que principalmente la región europea enfrenta en los primeros años de la década de 1990 y que en las concepción de defensa de la alianza son claves (NATO, 1991).

Continuar la disminución de arsenales nucleares (principalmente para estados no miembros de la alianza), buscar la protección evitando las nuevas amenazas, guerras étnicas y por disputas de territorio que puedan afectar las fronteras europeas o mismo países integrantes de la alianza, preservar y buscar la paz tanto en el territorio europeo como en sus cercanías eran algunas de pautas que debía enfrentar la organización en esta nueva orden mundial, donde el capitalismo se consagró “ganador”.

Two conclusions can be drawn from this analysis of the strategic context. The first is that the new environment does not change the purpose or the security functions of the Alliance, but rather underlines their enduring validity. The second, on the other hand, is that the changed environment offers new opportunities for the Alliance to frame its strategy within a broad approach to security (NATO, 1991).

Ahora la OTAN entendía necesario incluir a todos los estados europeos en la alianza y continuar con los valores básicos de la organización, la protección de la seguridad de los estados miembros. El cambio en la caracterización del “enemigo” Europa y América del Norte ahora se enfrentaban con crisis inesperadas que pueden expandirse por los estados miembros y que hace peligrar la estabilidad y la soberanía de cada uno de los estados europeos, provocó en vez de un debilitamiento de la alianza un fortalecimiento de la misma.

A pesar que el documento es lanzado oficialmente antes de la disolución de la Unión Soviética este no coloca a la URSS como amenaza, sino como un estado con capacidades similares a la de los Estados Unidos por sus capacidades en cuanto a arsenales nucleares. La separación de los estados Bálticos y la reunificación alemana pueden haber sido claves en la redacción del documento, ya que la nueva Alemania pertenecía por completo a la alianza y los estados Bálticos quienes ingresarían en la organización en 2004 eran fundamentales para la geopolítica de la URSS-Rusia. Siendo que posiblemente estos eran los estados con políticas mas “independientes” de Moscú de toda la región soviética buscando a partir de 1990 la inclusión en todo tipo de organizaciones de cuño europeo-occidental.

En cuanto la organización sufría cambios que la llevarían a su consolidación internacional mas allá del enemigo comunista, la federación como colocamos anteriormente

vivía profundas reformas al inicio de la Rusia independiente la orientación occidentalista adoptada por el equipo de Yeltsin le permitió a la OTAN un mayor margen de maniobra para imponer y realizar ciertas afirmaciones como la necesidad de retirar las bases militares rusas de los estados bálticos, que ahora eran independientes y soberanos.

El equipo de Yeltsin confiaba en que Rusia con la nueva identidad occidentalista siguiendo las recomendaciones económicas, sociales y políticas provenientes de occidente sería considerado un estado europeo más, como lo fueron Polonia, Checoslovaquia o Hungría lo que le permitiría formar parte del nuevo concepto estratégico de la organización, que buscaba entre otras cosas alcanzar una concepción de seguridad europea. Sin embargo las expectativas rusas nunca llegaron cerca de esas ideas, el espacio cedido por Rusia para una amplia actuación de la OTAN permitió la ampliación de la organización en tareas que no le correspondían en la practica como fue la participación en la Guerra de Bosnia o de Kosovo, considerando que estos no eran estados miembros de la Organización.

The new openness also presupposes a fundamental change in Russia's attitude toward the United States, the West and NATO. Russia does not wish to bear any unnatural military responsibility beyond its borders. The time of world policemen is over, as is the era of military confrontation. The state ideology of communism, which has been the main breeding ground for the Cold War, is itself disappearing. The role of NATO is bound to change under the circumstances. The formation of the North Atlantic Cooperation Cotmcil reflects all these trends, leading to openness and partnership in the military-strategic sphere as well. (KOZYREV, 1992, p. 13)

El entusiasmo ruso de una posible asociación estratégica con occidente no duró por un largo periodo de tiempo, sin embargo en cuanto duró fue promovida por las acciones rusas de aceptar disminuir su arsenal nuclear y sobre todo de buscar un modelo de seguridad y defensa que incluyera a la federación.

La implantación de el NACC (sigla en ingles de *North Atlantic Cooperation Council*) simbolizó para Rusia la posibilidad de ser miembro a futuro de la Organización e implico para la OTAN un medio efectivo de presionar a la Federación para un efectivo retiro de las tropas soviéticas de los estados del este europeo. A pesar que en la práctica las acciones no obtuvieron amplia repercusión ya que no implicaron grandes movimientos, el NACC represento el primer foro de relaciones Rusia-OTAN.

Como se colocó anteriormente es hasta el lanzamiento de los primeros documentos de Política Externa que la actitud pro occidental rusa es mantenida, ya que en los mismos específicamente en la Doctrina Militar de 1993 se observa que las organizaciones militares que buscan su expansión sin tener en cuenta a la federación son una clara amenaza a la seguridad

rusa, este no coloca que tipo de organización podría ser sin embargo es posible deducir que se refiere a la OTAN (RUSSIA, 1993). Sergunin (2016) afirma que a pesar de que estos documentos coloquen la expansión de bloques militares como una amenaza los mismos representan un gran cambio frente a la época soviética, ya que no colocan como principal amenaza a la OTAN y si a su posible expansión y a las consecuencias de la misma.

En estos primeros años, la relación llega a un nivel de aceptación por ambas partes que es planteada una posible *PfP* (*Partnership for Peace*) o Asociación para la paz entre Rusia y la OTAN. Esta asociación es una especie de acuerdo en la cual ambas partes se comprometen a trabajar en conjunto en áreas que busquen el crecimiento de las mismas, en muchos casos para la Organización la *PfP* representa el preludeo del ingreso de un estado en la organización. Sin embargo para las elites rusas esta no representa un nivel previo por el contrario, Pouliot (2010) afirma que el gobierno ruso observa la *PfP* como un elemento contrario a una posible expansión, es decir una *PfP* simboliza la capacidad rusa de frenar la ampliación de la Organización y es por este motivo que la diplomacia rusa adhiere al mismo.

La *PfP* Rusia-OTAN se concreta en junio de 1994 y es “confirmada” por el acto fundador entre Rusia y OTAN en 1997. Sin embargo no son observados grandes avances en la relación entre ambos por el contrario, a partir de 1994 comienzan a deteriorarse y a divergir en varios aspectos como la Guerra de Bosnia colocada a continuación y la crisis en Kosovo.

3.2.1 La Guerra de Bosnia

Es a partir del lanzamiento de estos documentos y del “inicio” de la Guerra en Bosnia que las relaciones comienzan a deteriorarse. Sin embargo es necesario comprender como estas se desarrollaron durante el primer conflicto en los Balcanes para entender el futuro de las mismas. Como fue apuntado por la OTAN en el nuevo concepto estratégico las nuevas formas de amenazas surgirían por medio de crisis e inestabilidades, en este caso con respecto a la etnia y a la religión, lo que Kaldor (2001) y Munkler (2005) denominaron de Nuevas Guerras. Para estos autores los nuevos conflictos ya no son entre estados sino intra-estados, lo que provoca nuevos objetivos finales como es el exterminio o la limpieza étnica del denominado “otro”.

Los conflictos que se inician en la antigua Yugoslavia son tal vez la principal referencia sobre las denominadas nuevas guerras, tanto Bosnia en 1992 como Kosovo en 1999 representaron internacionalmente la búsqueda de un grupo por exterminar una raza o una etnia pero también la incapacidad de las “grandes potencias” de poner fin a las atrocidades cometidas,

siendo que en muchos casos estos crímenes eran cometidos por organizaciones y estados pertenecientes al denominado mundo civilizado.

El conflicto que tiene inicio en 1992 se da como consecuencia de la declaración de independencia de Bosnia-Herzegovina una de las republicas pertenecientes a la Republica Socialista Federativa de Yugoslavia, sin embargo declarar la independencia en un estado como lo era el Yugoslavo no era simple. En Bosnia-Herzegovina estaban los bosnios serbios y los bosnios musulmanes, los primeros pasaron a recibir un fuerte apoyo del entonces presidente serbio-yugoslavo Slobodan Milosevic y los segundos recibieron el apoyo occidental por medio del reconocimiento de Bosnia como un estado independiente, dando inicio de esa forma a una cruda Guerra Civil de la cual Occidente y Rusia fueron testigos.

Todavía en 1992 es instalada en la región Yugoslava la UNPROFOR (sigla en ingles) de la Fuerza de Protección de las Naciones Unidas esta buscaba además de la instalación de paz y seguridad, auxiliar en el suministro de bienes humanitarios para la región bosnia. Sin embargo la situación empeora en la región principalmente para los bosnios musulmanes y es cuando las Naciones Unidas emiten la resolución 836 aprobada por el consejo de seguridad.

Es necesario colocar nuevamente que entre 1992-1993 la política rusa estaba reconfigurándose y la aceptación y promulgación de los intereses occidentales era fuertemente defendido por las elites políticas rusas por eso la concordancia con las resoluciones e incluso la participación rusa en la UNPROFOR, siendo que la situación económica de la Federación no demostraba un avance positivo.

En la resolución 836 además de observarse la mención de Bosnia-Herzegovina como un estado independiente y soberano (lo que claramente colocaba a la organización en uno de los lados del conflicto) es posible advertir el punto 10 del documento, en el mismo se coloca la posibilidad de utilización de la fuerza por parte de estados miembros u organizaciones que busquen disminuir las consecuencias del conflicto ayudando de esta forma tanto a la UNPROFOR como también a la población de Bosnia-Herzegovina (CONSEJO DE SEGURIDAD, 1993). La colocación de organizaciones en ese punto será crucial ya que es un año mas tarde con los continuos ataques que la población bosnia musulmana recibía por parte de Milosevic y sus aliados que el secretario general de la ONU decide pedir la “ayuda” de la OTAN para poner fin al conflicto.

En la resolución emitida por la OTAN el 9 de febrero de 1994 se autoriza a seguir las directrices que se encuentran en la resolución 836 del CS-ONU de 1993, donde se permite la

realización de ataques aéreos y apoyo inmediato a las fuerzas de UNPROFOR principalmente en la identificación y eliminación de armas pesadas en la región (NATO, 1994).

Pouliot (2010) y Smith (2006) afirman que las relaciones de la OTAN y Rusia tuvieron su momento de auge, es decir en beneficio de la OTAN entre 1991 y 1993, esto se da como consecuencia del comienzo de la Guerra en Bosnia donde la organización recibe el apoyo explícito de la federación por medio del CS-ONU. Sin embargo este apoyo iría a cambiar a partir de fines de 1993 y comienzos de 1994 según los autores como consecuencia tanto de la intención de expandir la organización como también del comienzo del bombardeo unilateral en la antigua Yugoslavia, modificando el entendimiento de la concepción de seguridad creada a partir de 1991.

El análisis colocado por Pouliot (2010) es comprensible pero se entiende que no es completo si no se colocan en el mismo elementos clave como la formulación de Política Rusa, es decir el supuesto apoyo que la federación dio en los primeros años de estado independiente dice respecto también al equipo que se encontraba a cargo de formular la Política Externa (e interna también) y el retiro de este apoyo también dice respecto a un cambio interno de la federación. Por un lado el fracaso de las promesas occidentales para un futuro de crecimiento en Rusia, las medidas económicas adoptadas como consecuencia de recomendaciones del FMI y BM fracasaron y llevaron a un declino de la economía rusa en un corto periodo de tiempo y por otro lado las medidas tomadas a nivel externo por parte del ministro pro occidente Kozyrev cada vez recibían más rechazo tanto de la oposición como de la opinión pública rusa lo que provocó un cambio en la modalidad de realización de las mismas, optando por una visión menos occidental.

Ambos elementos tenían como fondo la grave crisis enfrentada por el gobierno de Yeltsin a final del año 1993 donde no solamente la oposición sino políticos oficialistas eran contra las acciones pro occidentales de Yeltsin, que dio inicio a una nueva era en la política rusa con una nueva constitución y un nuevo parlamento. La posible expansión de la organización fue un elemento clave desde 1991 y lo es hasta la actualidad pero en 1993 con una crisis que amenazaba retirar el poder de la nueva elite la OTAN no fue un elemento de negociación, por el contrario era necesario frenar no solo la expansión sino la intromisión en asuntos internos de una organización de carácter occidental.

En abril de 1994 es creado con apoyo ruso el “*Contact Group*” una de las últimas medidas para instalar la paz en la región. Como medida paralela la Federación intensificó la diplomacia que buscaba persuadir al líder serbio para detener la guerra, ambas iniciativas sin

éxito. Esto provocaría el inicio del accionar de la OTAN en la región siendo este factor el detonante para el resurgimiento de la política externa rusa de gran potencia, como fue denominada la política ejercida por Primakov.

Entre fines de 1993 y mediados de 1995 la relación entre la Organización y la Federación fue sumamente ambigua y por momentos incoherente. Por un lado la federación acepta la resolución 836 que permite la participación de otra organización en el conflicto, sin embargo cuando la OTAN es llamada la federación se niega a la participación activa de la misma. La OTAN por otro lado toma dos caminos: primero buscando una denominada “paz” bombardea ciudades bosnias realizando masivas destrucciones supuestamente contra el entonces líder Milosevic, el otro camino es la búsqueda por realizar una Asociación para la Paz (*Partnership for Peace*) con Rusia, anunciando que no existen intenciones de ampliar la organización para el este elemento que es desmentido por los diplomáticos de la organización tiempo después.

Estos desencuentros provocaron el enfrentamiento entre ambos por un lado el Gobierno de Yeltsin que se enfrentaba no solo a desafíos como la Guerra de Bosnia sino también a otra guerra interna en este caso la primer ofensiva en Chechenia y la OTAN por otro lado que fue incapaz de frenar las masacres ocurridas en Bosnia y posteriormente en Kosovo.

El “final” del conflicto si es posible denominarlo así, llega de la mano de los Acuerdos de Dayton donde Rusia y gran parte de los Estados Occidentales son testigos. Estos acuerdos poseen una variedad de controversias en la literatura especializada sobre el tema ya que involucran una serie de factores poco claros, como las elecciones y la constitución de Bosnia-Herzegovina sin embargo el factor mas importante de los acuerdos para el presente trabajo es el papel de la UNPROFOR.

La UNPROFOR ahora se transformaría en la denominada IFOR (sigla en ingles) fuerza de implementación a partir de 1996 encargada de la sección militar, impidiendo la utilización de la fuerza por parte de ambos lados buscando “mantener la paz”. El contingente utilizado para la implementación de esta fuerza como también de la UNPROFOR y de la SFOR (sigla de la nueva fuerza que sustituyó a la IFOR) correspondió en su mayoría a un contingente proveniente de la OTAN. En ambas misiones la participación militar rusa estuvo presente buscando ser parte del proceso de pacificación de su propia área de influencia, esta participación se vio impulsada internamente por el fin de la Guerra de Chechenia y por el comienzo de las mejoras en los niveles económicos de la Federación factores que serán importantes en el acto fundador Rusia-OTAN de 1997.

Para varios autores de la literatura especializada sobre el proceso de paz en Bosnia, tanto los miembros de las UN como de la OTAN quedaron satisfechos con la realización de dicho acuerdo alegando la necesidad de llevar paz y sobre todo de compensar a todas sus partes. Sin embargo es posible observar que dichos acuerdos no representaron una garantía de paz en la región yugoslava, como también no representó las garantías de justicia para el pueblo bosnio.

Tanto Rusia como la OTAN sufrieron contradicciones en el proceso desde 1992 hasta 1996 a pesar de comenzar la guerra de común acuerdo sus diferencias van aumentando durante el propio conflicto. Por un lado cuando la OTAN decide atacar sin consentimiento ruso áreas serbio-bosnias y Rusia por otro lado es incapaz de disminuir los ataques serbios por medio de la diplomacia. La relación entre ambos “culmina” de manera calma con la firma de los acuerdos de Dayton, donde la OTAN gana protagonismo al utilizar sus propias tropas y al recibir la ayuda rusa para mantener la paz en la región (LA GUERRA CONTRA YUGOSLAVIA UN ACTO NEOCOLONIAL, 1999).

La pasividad entre ambos culminará con el inicio de la Guerra de Kosovo entrando en un nuevo enfrentamiento diplomático que marcará las relaciones entre ambos hasta la actualidad, formando parte del comportamiento que Rusia tiene hoy en el sistema internacional sobre todo con respecto a conflictos en áreas adyacentes a su frontera.

3.2.2 Posibilidad de Expansión de la OTAN

La amenaza de la ampliación de la OTAN estuvo desde sus inicios presente en la Política Externa Rusa sin embargo esta fue omitida tanto por las elites rusas como también por los propios gobiernos occidentales según Pouliot (2010) y Smith (2006). Los autores afirman que durante los primeros años no fue mencionada la posibilidad de expandir la organización ya que otros asuntos se encontraban en pauta. Siendo que la única posibilidad de expansión es colocada por estos autores -y por FRIEDMAN (1991)- en una carta de Yeltsin enviada a la Organización buscando el ingreso de Rusia en la misma, esta es enviada aun durante la existencia de la Unión Soviética obteniendo como respuesta en la época la necesidad de cambios fundamentales en la organización para recibir a un miembro “tan especial” como era la URSS, posterior Rusia.

Como fue colocado la posibilidad de expansión únicamente fue contemplada aun durante el periodo soviético, desde la configuración de Rusia como una Federación independiente el tema no fue puesto en pauta oficial. Este llegaría de la mano de los documentos

oficiales emitidos por la Federación en 1993 donde es colocada como una amenaza la posible expansión de la organización.

En enero de 1994 la OTAN en su reunión en Bruselas realiza una declaración en la cual son colocados los temas esenciales en la coyuntura internacional de la época. Como lo es desde 1991 resguardar la seguridad europea se encuentra en primer lugar, sin embargo son colocados otros factores como la importancia de las *PfP* en la relación de la OTAN con el resto de los estados no miembros, la necesidad urgente de detener el conflicto en la antigua Yugoslavia y la importancia que tiene Rusia para la Organización así como para el espacio Euro-Atlántico (NATO, 1994).

Son 2 factores los que son importantes en dicho comunicado. Por un lado el rol de las *PfP* y la importancia de estas en la futura expansión de la organización, según el documento son estas quienes impulsen la cooperación para permitir que la OTAN consiga realizar su expansión. El segundo factor colocado son las elecciones parlamentarias realizadas en Rusia en el año 1993 y la aprobación de la Constitución, colocados como importantes para el desarrollo de la democracia Rusa en la continua búsqueda por alcanzar un libre mercado que permita la ampliación de los derechos humanos (NATO, 1994).

En diciembre de 1994 es lanzado como comunicado final de la reunión ministerial anual de la Organización un documento que sería crucial en el comportamiento ruso principalmente en la Guerra de Bosnia, en el mismo es posible observar lo que sería el prelude del documento lanzado en el próximo año donde se colocan las intenciones de la OTAN de comenzar un estudio profundo para iniciar el proceso de expansión de la organización hacia el este, siendo que en simultaneo Rusia inicia su primer ofensiva en la Republica de Chechenia.

En setiembre de 1995 la OTAN lanza oficialmente el documento denominado “*Study on NATO enlargement*” en el cual son colocados los principales puntos para el inicio de una ampliación de la Organización, apuntando que entre sus objetivos no se encuentra colocar líneas que dividan Europa, por el contrario esta busca la seguridad de sus miembros y de todo estado europeo que “precise” de la organización por medio del fortalecimiento de los valores comunes, democracia y derechos humanos. A lo largo del documento son colocadas las exigencias de una posible admisión a futuro de nuevos integrantes entre los requisitos se encuentran los valores colocados anteriormente, la no existencia de disputas territoriales e ideológicas y también la necesidad de consultar a los estados vecinos no miembros de la Organización sobre la inclusión o no del mismo (NATO, 1995).

Sin embargo el punto más interesante del documento es en el cual se coloca una sección especial para hablar de la relación con Rusia. En el mismo se apunta la *PfP* firmada entre ambos y como esta ha ayudado a mantener buenas relaciones cooperando en diversas áreas. Es mencionada también la ampliación siendo que no se refiere a la posibilidad de ampliar la OTAN permitiendo el ingreso de Rusia, sino que el documento deja explícito la diferencia entre ampliar la Organización y entablar buenas relaciones con la Federación (NATO, 1995). Este factor se considera importante ya que desde 1991 la Federación alegó, aunque vaga, la voluntad de ingresar en la OTAN y por algunos motivos dicha voluntad fue desvaneciéndose hasta culminar en una negativa rotunda a una posible expansión expresada en los documentos oficiales, el conflicto en Bosnia posiblemente ayudo a intensificar la negativa rusa a la expansión.

Es como consecuencia de estas idas y vueltas con respecto a la posible expansión de la Organización que la actitud rusa se vio directamente afectada. En cuanto duro la guerra Rusia aceptó una resolución que permitía la injerencia de organizaciones externas a la ONU en el conflicto y cuando la OTAN decidió ingresar la federación se negó. Sin embargo a la hora de realizar los acuerdos de paz de Dayton concordó en que fuera la OTAN quien se encargara de la parte militar del proceso en donde la propia Federación participaría con un cierto contingente. La expansión no vendría en la práctica hasta 1999 pero la emisión de este documento en 1995 dejó abierta la posibilidad que esta ocurriera a cualquier momento y representó para Rusia una amenaza permanente para su seguridad y las de sus fronteras.

3.3 El acto fundador Rusia-OTAN

El denominado acto fundador entre la Federación y la OTAN se produce con Primakov como Ministro de Relaciones Exteriores y como fue colocado en el capítulo 2 las políticas ejercidas por este al frente del ministerio no eran similares a las de su antecesor. Desde sus inicios inclusive antes de pasar a ser ministro Primakov se negó a la posibilidad de expansión de la organización.

Los encuentros diplomáticos que llevaron a la firma del acta fundadora son definidos por Pouliot (2010) como un resumen de la “*Hysteresis*” que la relación entre Rusia y OTAN vivió en los años 90⁹. Sin embargo al repasar el capítulo 1 y 2 de la presente disertación es

⁹ Pouliot (2010) adopta el concepto utilizado por Pierre Bourdieu en las ciencias sociales, la *hysteresis*. Explicarlo en profundidad se hace imposible en el presente trabajo, sin embargo es necesario colocar

posible observar que lo que el autor denomina de *Hysteresis* en este texto se lo asocia con las idas y vueltas que la política interna, externa y en la relación específica con la OTAN vivió la Federación en este periodo de casi 20 años.

La firma del acto fundador si observado aisladamente podría representar el comienzo de una relación pacífica y de una cooperación continua en varias áreas. Sin embargo se hace imposible observarlo aisladamente ya que tanto los acontecimientos que le antecedieron como la Guerra de Bosnia y la declaración de expansión, como los que le sucedieron con el inicio de la Crisis en Kosovo, juegan un papel importante para estudiar el significado de este acto fundador.

El 27 de mayo de 1997 después de algunos meses de negociaciones finalmente Rusia y la OTAN firman el acta fundacional sobre relaciones mutuas en cooperación y seguridad. La firma se realiza después de un acalorado debate interno tanto en la DUMA rusa como también en todo el espectro político ruso. Parte de la elite no concordaba con los argumentos colocados por Yeltsin y Primakov sobre los supuestos beneficios de la firma de esta acta.

Ponsard (2007) afirma que la elite rusa colocó diferentes justificaciones para que la firma del mismo no ocurriera ya que con la misma vendría una explícita permisión de expansión de la organización alegando una verdadera “traición” por parte del gobierno ruso. Sin embargo el autor coloca que para el gobierno la firma del acta representaba la elevación de la posición internacional de Rusia en el sistema Internacional. Yeltsin entendía que la firma del mismo permitiría a Rusia un control sobre la organización ejerciendo presión sobre el área más sensible de la relación, es decir una posible expansión hacia el este. Primakov asumió la firma del mismo como una verdadera demostración de la capacidad diplomática de la Federación.

El documento coloca algunas premisas fundamentales como la necesidad de una relación fraternal en la búsqueda por seguridad en el espacio Euro-Atlántico, afirmando que ambos ni Rusia ni OTAN son adversarios y que juntos deben trabajar en pro de los beneficios

que dicho autor lo toma de las ciencias exactas y lo busca adaptar en las ciencias sociales. La idea básica que contempla la *Hysteresis* es la concepción de que la mera existencia de un determinado actor deja una especie de resonancia o eco que produce consecuencias a futuro.

En el caso de la utilización por parte de Pouliot (2010) las consecuencias de la relación Rusia-OTAN son caracterizadas por el autor como *Hysteresis*, es decir exista o no relación entre ambos siempre habrá una especie de repercusión o *Hysteresis* como consecuencia de ese contacto inicial y único entre ambos en el pasado, por insignificante o mínima que la relación pueda parecer la misma dejará huellas para el futuro, repercutiendo en otras acciones del sistema internacional. Es por eso que Pouliot (2010) define la relación entre ambos como “una lucha simbólica que perjudica directamente la comunidad de seguridad del sistema internacional”, aun no existiendo la lucha en si las repercusiones de la misma impactan directamente en el comportamiento del resto de los actores del sistema internacional.

que ambos pueden brindar a quien es la mayor organización de seguridad y cooperación de Europa, la OSCE.

En la segunda parte del documento se coloca la necesidad de formación de un Consejo Conjunto Permanente (PJC- por su sigla en ingles) el mismo tiene por objetivo la cooperación bilateral conjunta en varias áreas. El consejo buscaba ser útil sobre todo para momentos de crisis en la relación Rusia-OTAN como también para la resolución de conflictos en el área Euro-Atlántica apuntando siempre la necesidad de crear y desarrollar actividades que vayan de acuerdo tanto a los preceptos inscriptos en la carta de San Francisco de la ONU como en los principios de la OSCE (FOUNDING ACT, 1997).

El acta coloca dos elementos que se hacen en este punto importante tener en cuenta, el primero es que tanto para Rusia como para OTAN la firma del acta no les permite tener el derecho de “veto” con respecto a las acciones del otro, es decir ni Rusia puede impedir el accionar independiente de la OTAN ni la OTAN puede hacerlo con Rusia (FOUNDING ACT, 1997). Este elemento es colocado por algunos autores Pouliot (2010), Smith (2006) y Ponsard (2007) como central en la interpretación rusa del documento afirmando que la Federación tenía voz pero no veto en la organización.

El segundo elemento que cobra importancia es el primer punto de la sección 4, colocado a continuación:

The member States of NATO reiterate that they have no intention, no plan and no reason to deploy nuclear weapons on the territory of new members, nor any need to change any aspect of NATO's nuclear posture or nuclear policy - and do not foresee any future need to do so. This subsumes the fact that NATO has decided that it has no intention, no plan, and no reason to establish nuclear weapon storage sites on the territory of those members, whether through the construction of new nuclear storage facilities or the adaptation of old nuclear storage facilities. Nuclear storage sites are understood to be facilities specifically designed for the stationing of nuclear weapons, and include all types of hardened above or below ground facilities (storage bunkers or vaults) designed for storing nuclear weapons. (FOUNDING ACT, 1997).

Los análisis que autores como Pouliot (2010), Smith (2006), Ponsard (2007) colocan es que en esta instancia la voluntad rusa de no expandir las armas nucleares es aceptada y colocada por la OTAN lo que permite posiblemente comprender el entendimiento de Primakov sobre la capacidad diplomática de Rusia. Sin embargo ninguno de los análisis apunta un elemento fundamental que es posible observar en dicho punto y dice respecto a la aceptación rusa ya no de una posible sino una efectiva ampliación de la organización para el este europeo.

Tanto la posibilidad de ampliación como la creación del PJC son consideradas clave, ya que tan solo dos años mas tarde comenzaría la Guerra en Kosovo y todos los preceptos

colocados sobre la búsqueda de acuerdos conjuntos para solucionar crisis y conflictos son derribados. En la práctica tanto el PJC que no tuvo ninguna utilidad para ninguna de las partes, como la ampliación que en 1999 se realiza efectivamente con la entrada de nuevos miembros en la organización dejan aun lado a la Federación en la toma de decisiones de la OTAN.

La firma y puesta en práctica del acta fundadora entre Rusia y la OTAN posee dos lados que son esenciales en el estudio tanto de la relación como de las relaciones internacionales en general. Por un lado es colocada como un marco en dichas relaciones apuntando muchas veces una cierta debilidad rusa reflejo de la situación que desde 1991 venia sufriendo, por otro lado es un elemento insignificante al ser estudiado ya que en la practica representó únicamente la firma de acta en conjunto y solo eso, no implicó ningún cambio en el desarrollo de la actividad internacional para ninguna de las partes.

Como fue colocado en el capítulo 2 la firma del acta fundacional es realizada un mes después del encuentro entre China y la Federación en abril de 1997 en donde ambos estados concuerdan en la necesidad de un mundo multipolar y en la reconfiguración del sistema internacional que se hace imprescindible en el mundo pos guerra fría.

3.4 La Crisis de Kosovo: un determinante en la relación

La crisis de Kosovo es seguramente no solo el determinante en la relación Rusia-OTAN sino también el evento que se conformó como un marco de las relaciones internacionales de todo lo que no debe ser hecho durante una crisis humanitaria. La federación resultó de la crisis como una de las grandes “perdedoras” principalmente por tratarse de una gran potencia, sin embargo la OTAN como organización militar que comprende una variedad de países con grandes poderes defensivos y ofensivos también surge de esta crisis debilitada, la organización no fue capaz de impedir aun con la utilización de instrumentos militares la limpieza étnica que se estaba llevando a cabo en la región y en vez de disminuir los efectos negativos los potencio.

La crisis de Kosovo fue un proceso diplomático y militar complejo que representó varios iconos siendo uno de los primeros grandes despliegues militares después del fin de la Guerra Fría, para la OTAN fue la primer misión de enormes proporciones fuera del área de actuación legal de la organización y para Rusia fue el ápice de un proceso conflictuado y decadente reflejo de la política interna.

Es posible identificar que la misma no tiene su inicio en marzo de 1999 sino que es resultado del proceso vivido por Yugoslavia desde el comienzo de su desintegración en 1990.

La interferencia de fuerzas extranjeras en la región buscando frenar (o incrementar) el conflicto en Bosnia-Herzegovina entre 1992-1995 permitió que las fuerzas al mando de Milosevic buscaran perfeccionarse y sobre todo equiparse para un posible enfrentamiento en el futuro.

Habiendo pasado no mucho tiempo desde la instauración de los acuerdos de Dayton y de la firma del acta fundacional Rusia-OTAN la situación entre los albaneses Kosovares y los serbios Yugoslavos comienza a empeorar, el conflicto interno poco a poco fue tomando otras dimensiones produciendo la interferencia una vez mas de organizaciones internacionales como la ONU, la OSCE y claramente la OTAN.

En marzo de 1998 un año antes de la interferencia militar de la OTAN en la región el CS-ONU emite la resolución 1160 en la cual además de manifestar su preocupación exhorta a las partes a parar con las agresiones realizando un embargo de armas para ambas partes. A pesar de la resolución colocar cuestiones como la necesidad de los albaneses kosovares buscar entablar un dialogo con autoridades Yugoslavas, el documento esta apuntado principalmente a los serbios y a la necesidad de estos de detener la ofensiva en Kosovo.

Esta resolución es posiblemente el preludio de una serie de acciones tomadas tanto en el CS-ONU como en la cúpula de la OTAN meses más tarde. Según Smith (2006) Rusia “permitió” la emisión de esta resolución por varios motivos ya sea por una necesidad de continuar una cierta cooperación con occidente, por buscar advertir al presidente serbio sobre las medidas tomadas internamente por este en la región de Kosovo y finalmente porque la federación entendía que con dicha resolución no estaba permitiendo a la OTAN libre actuación en los Balcanes como si lo hizo durante la guerra de Bosnia.

Es posible también incrementar a este argumento algunos factores de la política domestica rusa que no vivía sus mejores épocas, solo un año antes había conseguido un crecimiento positivo del PBI después de años en negativo y poco a poco se recuperaba de una fracasada guerra en el Cáucaso Norte que no solo le costo la reputación sino un gasto militar que no se encontraba en los planes, también se encontraba la continua búsqueda rusa por financiamiento por parte de las organizaciones occidentales lo que permitía una permanente sumisión de la federación al accionar de dichos estados.

Durante el año 1998 no existieron grandes desencuentros entre Rusia y occidente ya que cuando ocurre la grave crisis económica en Rusia estos reciben una especie de “apoyo” occidental para resurgir económicamente, como comentado en el capitulo 1 la ayuda proveniente de occidente no es suficiente para la reconstrucción del estado ruso y principalmente de la economía rusa generando la declaración de moratoria en agosto de 1998.

Es el año 1999 la clave no solo en la relación Rusia-OTAN sino también en la política doméstica rusa, Yeltsin sobrevivió a los desafíos de enfrentar en una Rusia que ya estaba quebrada una nueva crisis económica aun con la sustitución del cargo de primer ministro 3 veces y con una oposición política abiertamente contra el entonces presidente.

En mayo de 1998 ocurre la tercer reunión conjunta a nivel ministerial del PJC Rusia-OTAN. Entre los asuntos tratados estaban la búsqueda por incrementar los esfuerzos en hacer efectivos los acuerdos de Dayton y en continuar trabajando conjuntamente para el avance de SFOR. Sin embargo el asunto mas importante era la necesidad de disminuir con el conflicto que se estaba gestando en Kosovo buscando de forma conjunta medidas pacificadoras.

Como resultado paralelo en una reunión ministerial únicamente con los miembros de la OTAN son emitidas dos declaraciones: en la primera de cuño general son dos los elementos que merecen atención. El primero es colocado al inicio de la misma haciendo referencia a la posibilidad de ingreso de 3 nuevos estados dentro de la Organización (Polonia, Hungría y Republica Checa) de acuerdo con el documento si las negociaciones continúan por dicho camino es posible que en el próximo encuentro la OTAN tenga 3 nuevos miembros. El segundo elemento que merece atención es el preludio de lo que va a suceder en el encuentro de abril de 1999 y dice respecto a la necesidad de reconfigurar el concepto estratégico de la organización emitido en 1991, ya que es en abril después del comienzo de los bombardeos en Kosovo que la Organización emite un nuevo concepto en el cual se podrán observar elementos como la posibilidad de actuar fuera del espacio europeo.

En una segunda declaración se observan las características específicas sobre el conflicto que se gestaba en Kosovo, se exigen medidas urgentes para la situación que vivía la región haciendo referencia al riesgo que representa el impacto de un nuevo conflicto tanto para el proceso de paz de Bosnia-Herzegovina como para Albania y Macedonia con quienes la OTAN buscaría establecer nuevas *PfP*. Las autoridades de la organización entienden que la posibilidad de resolver el conflicto pacíficamente es altamente probable y es por eso que apelan por el mismo en dicho documento (NATO, 1998).

A partir del incremento de la ofensiva en Kosovo por parte del gobierno Yugoslavo la Federación emprendió una campaña de buscar una solución diplomática al conflicto. Se buscan acuerdos con el presidente serbio sin embargo a pesar de haber alcanzado algunas resoluciones conjuntas, de declarar que no se actuaría contra población civil pacífica dejando la libre circulación de observadores internacionales en Kosovo, la situación empeora.

En septiembre de 1998 nuevamente el CS-ONU se reúne para evaluar la situación que identifica como agravada respecto a marzo de ese año, en una nueva resolución 1199 se reiteran parte de los pedidos realizados en marzo y se incrementa la necesidad urgente de que estos sean llevados a cabo principalmente por las autoridades Yugoslavas siendo estas las responsables por la paz dentro de su territorio, incluida Kosovo. Es necesario colocar que el conflicto es agravado en parte por las continuas condiciones occidentales al accionar de Yugoslavia permitiendo el desarrollo de represalias por parte de la población Kosovar-Albanesa, lo que implicó en una profunda incrementación del conflicto (FRANÇA, 2004).

Con la serie de medidas que se pueden observar anteriormente el proceso de dialogo en Kosovo no tuvo inicio y los recursos diplomáticos poco a poco se agotaban. Mientras se incrementaba el conflicto aumentaban la cantidad de refugiados y de bajas militares y civiles, el PJC por otro lado principal espacio de dialogo entre Rusia y la OTAN cada vez tenía menor resultado.

Es frente a ese panorama que comienza la búsqueda por “nuevo Dayton” tanto la OTAN como la Federación de forma independiente pedían por la firma de los acuerdos de Rambouillet. Sin embargo la organización en una declaración realizada el 30 de enero de 1999 coloca que en caso de estos acuerdos no llegar al resultado positivo que se esperaba, la OTAN actuaría de forma rigurosa para establecer la paz e impedir mas muertes. A pesar que los acuerdos nunca llegaron a ser efectivamente realizados la OTAN no impidió un mayor numero de muertes, produjo que el numero se incrementara (NATO, 1999).

Los acuerdos de Rambouillet representaron en la época la única posibilidad de llegar a una solución pacífica del conflicto, formando el mismo tanto la parte serbia como la de Kosovo junto con el grupo de Contacto bajo la misma estructura que tuvo durante la guerra de Bosnia. Desde febrero de 1999 hasta marzo de ese mismo año las expectativas por llegar a la firma del acuerdo eran altas y se esperaba de esta forma culminar el conflicto para conseguir llevar estabilidad a la región y sobre todo tranquilizar a los poderes extranjeros.

En el documento redactado que daría origen a los acuerdos de Rambouillet son colocadas algunas premisas básicas sobre la situación legal y social de la provincia de Kosovo y cual sería su status a partir de la firma del mismo. A pesar que no es colocado el surgimiento de una republica de Kosovo esta obtendría poderes de auto gestión y control en una variedad de áreas, mientras que la republica de Yugoslavia continuaría gestionando cuestiones más generales como la Política Exterior, el comercio, la gestión de las fronteras, entre otros.

Sin embargo lo que mas resalta del documento es el papel que jugaría la OTAN en este proceso, en el mismo se le da a la organización “rienda suelta” para actuar dentro de la provincia pero sobre todo se le permite la utilización de la fuerza sea esta de cualquier tipo, aérea, terrestre o marítima buscando alcanzar los objetivos del acuerdo. Entre los beneficios que la organización obtendría estarían cualquier posible inmunidad legal a futuras acusaciones y la eventualidad de contratar nacionales tanto de Kosovo como de Yugoslavia para poner en práctica dichas medidas siendo que estos también gozarían de inmunidad (LA GUERRA CONTRA YUGOSLAVIA UN ACTO NEOCOLONIAL, 1999).

Haber contemplado la posibilidad de firmar este acuerdo es lo que mas sorprende principalmente por el papel que la OTAN pasaría a cumplir en la región. Tanto la actitud Serbia pero principalmente la Rusa llegan a ser inexplicables sin embargo algunos autores como Pouliot (2010) afirman que existió por parte de la federación una voluntad de llegar a un acuerdo real buscando no alcanzar un conflicto armado internacional, sobre todo buscando colocar a Rusia en un papel significativo en lo que sería un “exitoso” proceso diplomático.

Con respecto a Serbia se puede observar que finalmente Milosevic no firma el acuerdo a pesar presiones tanto de occidente como de Rusia. Para Sanchez Pereyra (2003) los acuerdos de Rambouillet fue la opción que occidente utilizó como alternativa a los bombardeos el autor afirma que para la OTAN existían dos opciones las cuales contemplaban la incursión militar de la organización en el espacio Yugoslavo. Por un lado iniciar los bombardeos como finalmente se hizo y por otro ratificar la firma del acuerdo que permitiría igualmente la injerencia de la OTAN en los Balcanes, la diferencia entre estas opciones radicaba en la autorización o no de dicha injerencia por parte de Yugoslavia.

El fracasado acuerdo de Rambouillet representó para la OTAN la luz verde de actuación militar en la región como negativa de Milosevic a realizar la firma del mismo en marzo de 1999. La OTAN inicia los bombardeos de la que no solo sería una de las primeras sino también una de operaciones con más repercusiones negativas para el futuro de la organización. Junto con esta ofensiva comienza por parte de Moscú una transformación de la actitud diplomática internacional que culmina cuando unilateralmente y sin ninguna participación de la ONU la OTAN decide intervenir en Kosovo, buscando según estos la protección de los albaneses Kosovares que estaban siendo desplazados. La actitud rusa de ser conciliadora buscando no perder ni el apoyo económico ni las relaciones políticas con países de occidente llega a su fin el 24 de marzo de 1999.

A las iniciativas de la organización en marzo de 1999 le son seguidas por Rusia el abandono tanto del *PfP* como del PJC que representaban un foro de dialogo conjunto Rusia-OTAN y colocando el acta fundacional de 1997 como insignificante para el desarrollo mutuo. Por su parte la OTAN inició un proceso de duros bombardeos y asesinatos en masa que no tenían como albo únicamente los serbios sino también a los defendidos por la organización, los albaneses kosovares. Rusia en cambio vivía domésticamente un consenso sobre la situación en Yugoslavia era necesario frenar a la OTAN y la Federación seria protagonista en ese proceso aumentando de esa forma el sentimiento tanto anti-occidental como también anti-OTAN.

La federación inmediatamente después del inicio de los ataques lanzo comunicados condenando las acciones de la organización y cortando relaciones diplomáticas con la misma. Sin embargo el corte de estas relaciones fue únicamente con la organización y no con cada estado individual miembro de la misma. Para Smith (2006) Rusia era capaz de negociar más fácilmente con cada uno de los estados miembros fuera de la organización llegando a entendimientos más rápidos y más beneficiosos. Así como lo hizo al comienzo con la OTAN la federación inició un proceso de intercambio diplomático mas intenso con Yugoslavia buscando no solo el fin del conflicto sino también intensificar las relaciones bilaterales, sin embargo buscó por varios medios no hacer parte de la Guerra ya sea porque a la federación no le era conveniente como también porque eso implicaría entrar en una guerra directa con occidente que Yeltsin no estaba dispuesto a enfrentar. Ponsard (2007) sustenta que la federación busco firmar acuerdos económicos con Yugoslavia y asumir el conflicto desde la vía pacifica y sobre todo diplomática posiblemente para dejar de lado la posibilidad de hacer parte del conflicto armado.

Con un intenso conflicto armado desarrollándose en los Balcanes comienza entre Rusia y la OTAN un largo proceso de luchas diplomáticas por poner fin al mismo, es posible observar tanto por parte del lado Yugoslavo como por parte de la OTAN la poca predisposición por buscar un real fin al conflicto. Días después del inicio de los bombardeos Moscú inicia un camino diplomático y decide recurrir al CS-ONU buscando algún tipo de manifestación que condenara los ataques de la OTAN, sin embargo el apelo fue en vano la OTAN se encargó de dejar por fuera cualquier posible participación de la ONU en el conflicto. Frente al impedimento occidental de aceptar alguna medida diplomática proveniente de Moscú la DUMA en abril de 1999 decide levantar el embargo de armas de Belgrado e inicia la provisión nuevamente.

Abril será un mes clave no solo para el conflicto sino también porque en paralelo ocurren una serie de medidas como la efectiva ampliación de la Organización con el ingreso de 3 nuevos

estados y la adopción de un nuevo concepto estratégico que determinaran el comportamiento de la OTAN tanto en los Balcanes como en el inicio del siglo XXI, ambos elementos serán analizados en el punto a seguir.

Smith (2006), Ponsard (2007) y Pouliot (2010) afirman que existían 3 elementos que no eran negociables para la OTAN en el establecimiento de la paz en Kosovo y sobre todo para buscar frenar los bombardeos que ocurrían, estos eran la retirada de las fuerzas serbias de Kosovo, la vuelta de los refugiados a sus ciudades originales y el fin de la violencia en Kosovo. Sin embargo estos pedidos que parecen ser coherentes no lo eran a la hora de iniciar negociaciones con las autoridades serbias, ya que la organización no iría parar los bombardeos hasta que Serbia cumpliera esas 3 condiciones. El proceso de negociación se debilitaba por cuestiones como la necesidad de mostrar el poderío de la OTAN no solo a los serbios sino a todo aquel que intentase embarcar en conflictos como ese principalmente en el espacio europeo. Rusia por otro lado volvió a exigir elementos que eran claves en organizaciones como la OSCE y que pretendía que tanto la OTAN como cualquier interferencia externa fuera capaz de cumplir, soberanía, integridad territorial y no intervención.

El conflicto inicia su fin con la aceptación de Milosevic de un acuerdo entre Rusia, Estados Unidos y Finlandia, siendo que el 10 de junio es lanzada como consecuencia de la aceptación de todas las partes la resolución 1244 del CS-ONU, la misma ponía fin al conflicto y básicamente repite las exigencias realizadas en el acuerdo de Rambouillet haciendo constante referencia al mismo. Definitivamente la OTAN salió “victoriosa” del conflicto las autoridades serbias se vieron intimadas no solo por la organización sino por sus propias acciones en la región a aceptar el acuerdo y el cese al fuego.

El conflicto de Kosovo fue clave para todas las partes involucradas para la propia OTAN representó no solo la incapacidad de vencer de forma “fácil” a su adversario sino también mostró los desafíos a los que debería enfrentarse en el siglo XXI; para los rusos el conflicto representó no solo la incapacidad de hacer valer las decisiones rusas internacionalmente sino también la posibilidad de interferencia externa tanto en su área de influencia como en su propio territorio, siendo que para la OTAN no existían mas fronteras repercutiendo como coloca Pouliot (2010) en los nuevos dilemas de seguridad a ser enfrentados por Rusia principalmente como desafíos futuros en el siglo XXI.

Es necesario resaltar que el fin del conflicto como se colocó anteriormente no sería necesariamente el fin de las acciones de la OTAN en la region de los Balcanes, por el contrario. Con la firma de la “paz” entre las partes la OTAN con apoyo de la ONU paso a instalar la

KFOR Fuerza de Estabilización para Kosovo, de la cual Rusia paso a formar parte trasladando su contingente militar de la SFOR para la ahora KFOR. Ponsard (2007) afirma que la instalación e implementación de la KFOR de forma conjunta Rusia-OTAN ayudó a crear buenas relaciones entre ambos. Sin embargo se entiende que la instalación no se realizó de forma conjunta esta estuvo al mando de la OTAN siendo la organización quien se encargó de llevar a cabo todas las operaciones en la región a partir de junio de 1999. Se entiende que lo que Ponsard (2007) denomina de buenas relaciones puede ser identificado con una serie de reformas internas que Rusia vivió entre 1999-2000 que llevarían a la presidencia a Vladimir Putin y no exactamente una voluntad rusa de crear y desarrollar buenas relaciones con la organización.

3.4.1 El proceso de ampliación y el establecimiento de un nuevo concepto estratégico

Como fue colocado anteriormente mientras ocurría el mayor conflicto diplomático entre Rusia y la OTAN, en abril de 1999 ocurre la reunión ministerial de la OTAN de la cual surgen dos documentos importantes. Por un lado las nuevas directrices con respecto a la estrategia de la organización en el nuevo siglo y por otro el ingreso de 3 nuevos estados en la organización proceso que se veía reflejado en documentos de los años anteriores y que se confirma en dicha reunión.

En abril de 1999 la OTAN emite un nuevo documento que coloca las principales directrices que irán regir la estrategia en el nuevo siglo, el documento coloca posibles amenazas determinando que hay muchas de estas que tienen una posibilidad remota de ocurrir como un ataque directo a un país miembro de la organización siendo que la existencia de conflictos en la periferia de la OTAN es posiblemente la mayor amenaza “real” a la misma (NATO, 1999).

A diferencia del primer concepto estratégico donde la organización basaba sus percepciones y amenazas sobre los futuros conflictos y sobre una hipótesis en la cual los mismos serían desarrollados, el concepto de 1999 se utiliza de los conflictos que ya ocurrieron para colocarlos como referencia. Lo interesante del documento es que refleja la búsqueda por una justificativa a las acciones que sucedían en simultáneo en Kosovo, es decir las acciones que la organización estaba llevando a cabo en los Balcanes son justificadas a través del documento emitido en abril de 1999 (NATO, 1999).

En el punto 24 se afirma que cualquier ataque a un aliado de la organización podrá ser adoptado como una violación al artículo 4 y 5 del tratado de Washington, lo que traería como

consecuencia una respuesta armada por parte de la organización. La construcción de dicho punto es colocado por Pouliot (2010) y Smith (2006) como los factores mas importantes en el desarrollo de dicho documento y posiblemente lo sea, ya que esto permitirá en el futuro el accionar de la organización en cualquier parte del sistema internacional y contra cualquier actor lo que pone en peligro al resto de los estados del sistema internacional.

En la relación con la Federación Rusa es el punto numero 36 el destacado en donde se coloca que ambos actores trabajan en pro del desarrollo de la seguridad de la región sin hacer ninguno tipo de referencia a los conflictos diplomáticos y sobre todo al abandono de Rusia de *PfP* y del PJC a partir del comienzo de los bombardeos por parte de la OTAN a la antigua Yugoslavia (NATO, 1999).

La organización reafirma el trabajo conjunto con otras organizaciones como la ONU, OSCE y UE en la búsqueda por prevenir conflictos y disminuir la incidencia de estos en la región Euro-Atlántica, sin embargo nuevamente no es colocada la interferencia de la OTAN en asuntos internacionales dejando aun lado las determinaciones del CS-ONU. A diferencia del primer concepto estratégico el documento de 1999 contiene una mayor cantidad de elementos ofensivos y de recursos que serán utilizados buscando defender la integridad de sus miembros pero sobre todo del espacio Euro-Atlántico.

Pouliot (2010) afirma que este documento no coloca limites en la actuación internacional como claramente lo hacia el documento de 1991 donde únicamente actuaría en caso de algún ataque directo contra algunos de sus miembros. La nueva terminología utilizada en el documento puede llegar a ser parte de la explicación, la utilización del termino Euro-Atlántico a diferencia del termino europeo puede brindar algunas respuestas ya que la vasta región que abarcan ambos términos como también la posible alegación de la organización con respecto a la violación de las determinaciones del articulo 4 y 5 llevan a concluir parte del razonamiento de Pouliot.

Dentro del documento es posible observar como el concepto de ampliación es asumido efectivamente por sus estados miembros, a diferencia de 1991 donde no hay ninguna alusión a una posible expansión de la organización sino únicamente a la necesidad de incluir algunos estados europeos, la ampliación en 1999 es permitida a todo estado europeo que cumpla con las determinaciones básicas siendo estas la posesión de una amplia democracia y un arduo interés en hacer parte de la organización (sin colocar elementos como Fuerzas Armadas y presupuesto militar). Como fue colocado la Federación fue sistemáticamente contra la ampliación de la OTAN, sin embargo el momento histórico en la cual esta ocurre no permite

un margen de intercambio diplomático con respecto a dicho tema ya que Rusia había cortado relaciones diplomáticas con la organización. La misma puede haber sido una estrategia de la organización, lo que si es claro es que sirvió para que la misma se diera de una forma natural y sobre todo sin interferencia ni conflictos fuera de la OTAN.

Como resultado de la misma reunión en el que es emitido el nuevo concepto estratégico de la OTAN también es emitido el documento denominado “*Membership Action Plan*” este muestra la disposición de la organización a recibir nuevos miembros pertenecientes al área Euro-Atlántica. La puerta es abierta en 1999 a tres nuevos estados, Hungría, Republica Checa y Polonia, sin embargo ya en 1999 la posibilidad de ampliar aun mas la organización esta presente ya que tanto los países bálticos como los pertenecientes a la antigua Yugoslavia son parte del documento al ser contemplados en una futuro próximo para ingresar en la organización (NATO, 1999).

Es interesante realizar el análisis de la ampliación de la OTAN en paralelo a la crisis de Kosovo ya que es posible observar la “importancia” dada por los autores a cada uno de estos asuntos. La ampliación para Norris (2005) Smith (2006) Ponsard (2007) aparece como un elemento mas sin representar un elemento clave en el análisis que la misma simboliza para la relación futura Rusia-OTAN. Se entiende que la ampliación es posiblemente uno de los factores fundamentales en el comportamiento ruso del siglo XXI con respecto a la OTAN y no únicamente cuando la ampliación se estudia a partir de que la organización busca firmemente la entrada de Georgia y Ucrania, ya que la entrada en la misma de los primeros 3 estados que formaron parte de la antigua URSS representa un factor fundamental en el desarrollo no solo del comportamiento de las elites rusas sino también de la opinión publica que como Pouliot (2010) afirma desarrollo un fuerte sentimiento anti-OTAN.

Como colocado en el capítulo 2 e inicio del 3, Rusia y China lanzaron una declaración conjunta en la cual abogaban por un mundo multipolar con la necesidad de que este no tenga un hegemon que dictamine las reglas de comportamiento. Posiblemente y como resultado de una posible expansión a futuro es creada sobre la región de Asia Central el grupo de los 5 de Shanghái. Ponsard (2007) afirma que es como consecuencia del proyecto que buscaba ampliar la OTAN que los 5 países se reúnen para de forma antagónica crear un grupo que permita fortalecer las fronteras de estos 5 estados de quienes eran en la época las principales amenazas, el terrorismo, el separatismo y el extremismo religioso. Sin embargo estos factores llevarían a colocar un freno a una posible expansión de la OTAN en fronteras de Asia Central.

El grupo inicialmente era formado por Rusia, China, Tayikistán, Kirguistán y Kazajistán, cuando Uzbekistán es incorporado el grupo pasa a conformarse como organización internacional dando el nombre de Organización de Cooperación de Shanghái-OCS, incorporando a sus objetivos iniciales el fortalecimiento tanto de la seguridad en la región como de la cooperación fundamentalmente económica. Se buscaba con este disminuir la injerencia externa tanto de OTAN como de los Estados Unidos de forma individual el unilateralismo abogado por estos últimos nunca fue aceptado por las potencias asiáticas.

A pesar de incrementar las relaciones con los países Asiáticos en Rusia la situación parecía empeorar con cada bombardeo realizado por la OTAN, la popularidad del entonces presidente comienza a decaer hasta que este renuncia a final de uno de los años mas dificultosos en la arena internacional vividos desde 1991 y como se colocó en el capítulo 1 deja en su lugar a Vladimir Putin.

Una vez finalizada la Guerra de Kosovo las relaciones entre Rusia y OTAN son retomadas a través del KFOR en la cual Rusia accede a enviar el contingente que se encontraba en el SFOR para llevar a cabo operaciones de manutención de paz en la región. Las actividades en el PJC son retomadas y tienen como discusión la situación en el KFOR esto es hasta la llegada de Putin a la presidencia y también al inicio de nuevos desafíos, como serian la Segunda Guerra de Chechenia y los ataques al *World Trade Center* en 2001.

Por medio de la reunión que dio como resultado el nuevo concepto estratégico y el inicio del proceso de ampliación es posible observar como los documentos fueron adaptándose al comportamiento de la organización, ahora las amenazas podían surgir en cualquier momento y de cualquier actor y la región apuntada por la organización debía ser protegida pero sobre todo los intereses de los estados miembros de la OTAN debían ser preservados sea dentro o fuera del área denominada Euro-Atlántica. El nuevo milenio traería una actuación mas activa de la organización sobre todo en áreas que esta no debería de hecho actuar pero también traería por parte de Rusia una respuesta ahora sí, a la altura de las circunstancias.

3.5 Las relaciones bajo una nueva presidencia: Putin y la OTAN

Cuando se coloca como foco del análisis la OTAN las atenciones suelen estar dirigidas a momentos claves de la historia, la Guerra de Bosnia, la Crisis de Kosovo, el acta fundacional y cuando se habla de siglo XXI las miradas apuntan al ataque al *World Trade Center* en New York el 11 de setiembre de 2001, colocándolo como un marco en las relaciones Rusia-OTAN.

Sin embargo la comprensión de este proceso y de los hechos que ocurrieron posteriormente posiblemente no tenga sentido sino se comprende la asunción de Putin a la presidencia y los cambios en las concepciones de seguridad y defensa que se reflejan en los documentos emitidos en 2000 sobre la nueva Política Externa Rusa. La asunción del nuevo líder no llevara únicamente al crecimiento de la Federación sino también al establecimiento de una Rusia capaz de hacer frente a desafíos externos, que incluyen el enfrentamiento a las potencias de la OTAN si es necesario.

La federación emite 2 documentos que van a ser de gran importancia en la detección de la OTAN como una amenaza no solo a la integridad Rusa sino también a todo el espacio exsoviético. Según el concepto de Política Externa emitido en el año 2000 las condiciones para el ingreso de nuevos estado en la OTAN era no desplegar tropas de la organización en los nuevos miembros siendo esta la base para un buen entendimiento entre la organización y la federación junto con el acta fundacional que sienta las bases de una cooperación igualitaria. Sin embargo de forma clara el documento expresa la incompatibilidad de intereses y objetivos entre Rusia y la OTAN principalmente después de la emisión del nuevo concepto estratégico (RUSSIA, 2000).

Estas diferencias no son colocadas explícitamente en el documento sin embargo es posible observarlas en los mismos, la federación buscará en el nuevo milenio proteger sus intereses buscando su crecimiento y desarrollo con la ayuda de sus vecinos históricos del este europeo y Asia central siendo que la protección de las fronteras rusas es primordial y esto incluye la no existencia de un posible enemigo en dichos territorios.

De acuerdo al Concepto de Seguridad Nacional existen una serie de elementos que debilitan el correcto funcionamiento de sistema internacional y que por ende se configuran como posibles amenazas siendo que en su gran mayoría estas tienen un vinculo con la OTAN y con parte de las acciones tomadas por la organización, una de ellas es la posible expansión de la organización pero la búsqueda por debilitar tanto el papel de Rusia en toda la región Euro-Asiática como también evadir algunas organizaciones claves (ONU, OSCE) son colocadas como grandes enemigos para un sistema internacional libre de amenazas (RUSSIA, 1999). Es de acuerdo a la identificación de estas amenazas que la federación desarrolla sus instrumentos defensivos buscando proteger factores claves como las fronteras y la integridad territorial frente a una posible intervención.

En tiempos casi paralelos con respecto al Concepto de Seguridad Nacional-diciembre de 1999- ocurre el inicio de la segunda ofensiva en Chechenia de la cual la OTAN emite una

alerta sobre la situación que vivían los civiles y coloca su confianza en la federación para solucionar la crisis.

Smith (2006) hace referencia a una entrevista concedida por Putin a la televisión inglesa en la cual el presidente ruso responde positivamente a la posibilidad de Rusia ingresar en la OTAN, sin embargo el autor deja a un lado el contexto y el resto de las colocaciones realizadas por Putin en dicha pregunta. Al ser cuestionado Putin coloca su posición convencido de que Rusia hace parte esencial de la cultura europea, este factor le permite afirmar que una posible exclusión de la federación de cualquier organismo europeo sería un error. A lo largo de la entrevista es posible observar a un Putin buscando una conciliación y sobre todo un vínculo estrecho con las potencias occidentales y no una confrontación, sin embargo esta búsqueda se manifiesta a través de la adopción de la igualdad según el propio presidente es necesario que Rusia sea considerada un estado igualitario frente al resto de las potencias ya sea miembros de la OTAN o no. Mientras occidente no contemple a Rusia como un actor igualitario las condiciones no serán dadas para la existencia de una relación armoniosa e inclusive para un posible ingreso de la Federación en la mayor organización militar del mundo (PUTIN, 2000).

Es posible observar desde los últimos meses de Yeltsin en el poder hasta el primer año de Putin como presidente algunos elementos que pueden ser considerados contradictorios pero que sin embargo hacen sentido si se comprende el objetivo final de la federación, aumentar su poderío en el sistema internacional. Por un lado el desenlace en Kosovo que contó con participación rusa en el KFOR, la retomada de las relaciones bilaterales por medio del PJC y reuniones conjuntas a partir de julio de 1999 junto con la afirmación realizada por Putin a la prensa occidental. Por otro lado se tienen los documentos oficiales emitidos por la Federación en 1999 y 2000 donde la OTAN es vista como una clara amenaza a los intereses y a la seguridad rusa. La comprensión de estas acciones “contradictorias” es entendida como natural ya que en la federación estaba surgiendo un nuevo líder que no solo precisaba del apoyo interno para mantenerse en el cargo sino también del apoyo de la comunidad internacional, o parte de esta. Dar inicio a un mandato enfrentando una organización que abarca las potencias occidentales y con la cual Rusia se había enfrentado diplomáticamente meses antes no parecía ser el camino “ideal”.

El accionar de Putin se va a ir transformando a medida que gana mayor apoyo interno como consecuencia de las políticas económicas principalmente y a medida que Rusia se afianza como potencia en el sistema internacional y comienza a recibir respuestas occidentales que no eran suficientes para resolver los problemas rusos.

3.5.1 Rusia y OTAN se enfrentan a la Guerra Mundial Contra el Terrorismo

Como se colocó anteriormente el inicio de las relaciones en el nuevo milenio no se caracterizan específicamente por ser conflictivas por el contrario, con los ataques al *World Trade Center* el 11 de setiembre de 2001 se da inicio a una cooperación que muchos autores no consiguen comprender, la cooperación entre Rusia y Occidente fue altamente incrementada en este periodo. Para Ponsard (2007) y Pouliot (2010) el incremento de este acercamiento se da como consecuencia de un cambio de políticas provenientes de Occidente y no de Rusia, es decir los autores entienden que los modelos de seguridad vigentes hasta 2001 van a ser cambiados adoptando nuevas medidas que permiten que las políticas rusas y las occidentales converjan. Esta inesperada “unión” se da como resultado principalmente de las buenas relaciones que mantenían Rusia y Estados Unidos después del 11 de setiembre. Rusia realizó una serie de concesiones que permitió que la campaña impulsada por Estados Unidos fuera llevada a cabo sin mayores inconvenientes llevando incluso a un apoyo de China e India.

Ambos autores colocan en pauta un análisis interesante sobre el rol de Rusia en el pos 11 de setiembre que tiene como base el cambio de posición occidental y no el ruso lo que de hecho coloca una nueva pauta, la gran parte de los cambios observados hasta este punto se relacionaban principalmente con quien desde 1991 los sufrió en mayor medida, la Federación Rusa. Sin embargo los autores colocan una reformulación que permitirá no solo iniciar un nuevo ciclo de relaciones Rusia-OTAN como también impulsar la política externa rusa en nuevas direcciones permitiendo el fortalecimiento del concepto de Gran Potencia utilizado por el entonces presidente Putin.

A diferencia de parte de los medios occidentales y parte también de la elite rusa de la época, buscar cooperar con occidente no indicó una debilidad de la Federación como si lo había indicado a partir de 1991. Rusia debía recuperarse de una crisis económica profunda y para Pouliot (2010) la posibilidad de enfrentarse a occidente no era parte de la reconstrucción, la federación podía salir beneficiada en un intento de alianza con occidente.

Como se ha colocado a lo largo del texto la segunda guerra de Chechenia tenía al terrorismo como su mayor justificativa y los ataques ocurridos el 11 de setiembre representaron una clara razón para Rusia continuar por el camino que se encontraba en el combate al terrorismo teniendo a occidente como un posible aliado. En este sentido tanto Rusia como occidente se utilizaron del terrorismo para instalar nuevas medidas en varias áreas tanto

internamente como a nivel internacional permitiendo que las acciones de ambas partes pudieran ser justificadas por la amenaza terrorista (NEUMANN, 2008).

En cuanto Rusia estructuraba continuar con la estrategia internacional de combate al terrorismo la OTAN debía hacer frente al ataque directo a un miembro de la organización citando el artículo 5 de tratado de Washington por primera vez en su historia. Sin embargo en este caso la OTAN no mostró ser una organización articulada el inicio de las actividades por parte de los Estados Unidos en Afganistán obtuvo apoyo inclusive de Rusia, sin embargo el inicio de la ofensiva en Irak representó el comienzo de las divergencias entre sus miembros sin conseguir manifestarse al respecto.

Rusia por su parte intensificó la cooperación desde septiembre de 2001 con los Estados Unidos y con las medidas adoptadas por estos, elemento que sirvió de crítica al gobierno de Putin, llegando por momentos a ser comparado con Yeltsin y Kozyrev. La Federación abrió su espacio aéreo para la circulación de la aviación militar americana aumentando la cooperación en áreas estratégicas como ayuda humanitaria y asistencia militar, autorizando la instalación de bases militares americanas en sus vecinos de Asia central, estos factores ayudaron positivamente en el aumento de la cooperación Rusia-OTAN que según Pouliot (2010) entrarían en una nueva era.

De forma paralela ocurrían reuniones conjuntas entre Rusia y la OTAN desde que sucedieron los ataques de estas reuniones fueron obtenidos resultados sumamente positivos para ambas partes esto según Pouliot (2010), Ponsard (2007) y Smith (2006), los autores afirman que las relaciones comenzaron a ir hacia un camino que buscaba resultados en la práctica y donde ambas partes cooperaban a pesar de tener diferencias. Sin embargo esta prosperidad en la relación no produciría a futuro grandes acciones relevantes tanto sea por desinterés o inclusive por interés de sus miembros de que estas relaciones no prosperaran.

Es como consecuencia de esa cooperación que después de varias reuniones conjuntas es creado el Consejo Rusia-OTAN con su sigla en inglés NRC que como el documento coloca reemplaza al PJC y a las actividades que este realizaba, el mismo es creado en noviembre de 2002. A lo largo del documento es posible observar que el “nuevo” consejo tiene como premisas fundamentales la cooperación conjunta en una serie de áreas estratégicas, terrorismo, armas de destrucción en masa, no proliferación, manejo conjunto de crisis y a través de la colocación de estos puntos se hace referencia constante a los Balcanes colocándolos como un ejemplo a ser seguido. Las directrices colocadas buscan profundizar el acta fundacional de 1997 mediante la toma de decisiones conjuntas en ciertos temas por medio del consenso (NATO, 2002).

La prosperidad de este nuevo NRC es colocada por Smith (2006) como un elemento sumamente positivo para la relación entre ambas partes sin embargo el autor coloca una consideración que entiende necesario realizar, el acta fundacional de 1997 previa el funcionamiento del PJC en iguales dimensiones que lo hace el nuevo NRC, es decir es necesario comprender este nuevo consejo como una nueva opción que no implica necesariamente que esta funcione en la relación entre ambos actores.

Con motivo del primer aniversario del nuevo consejo los autores entran en desacuerdo sobre la prosperidad que el mismo tuvo Pouliot (2010) y Ponsard (2007) entienden que a partir de 2003 las relaciones Rusia-OTAN ya sea por medio del NRC o fuera de este comienzan a deteriorarse, producto por un lado de diferencias internas en la OTAN sobre la invasión en Irak, por otro lado por un fortalecimiento que Putin vivía internamente que permitió iniciar un cambio en la Política Externa y en las relaciones de Rusia con el exterior, pero los autores colocan como motivo primordial el inicio del segundo movimiento de ampliación de la organización que se concretaría en 2004.

A diferencia de estos autores Smith (2006) entiende que mientras el consejo se mantuvo en actividad representó un elemento positivo para el avance de la relación, el autor coloca que el NRC mantuvo sus actividades mas allá de las polémicas por la intervención americana en Irak y que la supuesta neutralidad que Rusia asumió en el asunto permitió el avance de las relaciones en el consejo. A pesar que el autor entra en contradicción por denominar neutralidad a la accionar ruso siendo que en la practica Rusia aprobó la resolución del CS-ONU para pedir “explicaciones” al gobierno Iraquí, los avances que el consejo mostró en sus inicios son considerados por Smith (2006) muy positivos en la relación Rusia-OTAN ya que este permitió la construcción de un dialogo en diferentes áreas con diferentes posturas convergiendo en decisiones conjuntas. El NRC seria finalmente desactivado por la OTAN como resultado de la intervención rusa en Crimea sin embargo en el inicio del siglo XXI este jugo para algunos autores un papel importante en el dialogo conjunto Rusia-OTAN.

3.5.2 Prosperidad que duro poco: nuevos conflictos en la relación y una nueva ampliación

Las exigencias realizadas por Putin para aceptar ciertas acciones de la OTAN no fueron cumplidas es decir tener en cuenta a Rusia como un estado igual y no como un estado inferior y es de esta forma que la ampliación es realizada y una vez mas las relaciones vuelven a ser conflictivas. A partir de finales de 2003 o mediados de 2004 depende el autor las relaciones

inician un nuevo proceso de declive. Como se ha constatado hasta este punto las buenas y malas relaciones entre Rusia-OTAN cambian drásticamente de un momento para otro y como consecuencia de los atentados el 11 de septiembre no sería diferente.

En el capítulo 2 se colocaron algunos elementos clave en la política externa rusa en el siglo XXI y las revoluciones de colores fueron uno de los elementos analizados para comprender el cambio de política rusa con respecto a la región pos soviética pero también a la región euro-asiática. Es posible observar también que el comportamiento internacional de la Federación va a sufrir cambios importantes con las invasiones que son realizadas en Afganistán e Irak, siendo que en un comienzo Rusia brindó su apoyo y posteriormente la actitud rusa cambia y comienzan los enfrentamientos con occidente por la actuación de estos en área de influencia rusa.

Como observado antes y apuntado por Pouliot (2010) el elemento fundamental en el cambio de política rusa tiene que ver con la participación occidental en las denominadas revoluciones de colores. La Federación realizó una serie de concesiones a la actuación occidental en su área de influencia que no tenían este desenlace como resultado, Ponsard (2007) afirma que parte del fracaso de la relación en esta instancia es consecuencia de las acciones de occidente y de este no ser capaz de tener en cuenta a Rusia.

Cuando estalla el primer conflicto en Georgia en 2003 y Rusia constata la participación occidental y la búsqueda de estos por instalar democracias pro occidente es iniciado un proceso de reestructuración de la estrategia de política externa, ahora apuntando al incremento del poderío de Rusia en el sistema internacional y sobre todo a volver a tener una amplia influencia en la región de la CEI área primordial para la Federación (POULIOT, 2010).

De forma simultánea ocurre el segundo proceso de ampliación de la organización con el ingreso de 7 nuevos miembros en su mayoría integrantes de la antigua URSS. Si el primer proceso de ampliación que incorporó 3 estados no fue del agrado de Moscú este segundo con certeza no agradó a Rusia principalmente por tratarse de los Estados del Báltico, estratégicos para la Federación (PONSARD, 2007). Sin embargo la situación interna de Rusia en abril de 1999 era radicalmente diferente de la situación de Rusia en marzo de 2004 cuando es realizada la segunda ampliación de la organización. Rusia vivía una época próspera de crecimiento económico que con una amplia presión gubernamental permitió estatizar empresas en el sector estratégico de la economía, la energía. La aprobación de la cual gozaba Putin era abrumadora lo que le permitió ganar una segunda elección con números históricos, es decir Putin tenía el apoyo interno para construir el modelo de gran potencia de la Rusia del siglo XXI y al contrario

de lo que sucediera en 1999 con Kosovo la Federación encontraría formas de manifestar su desacuerdo con las acciones de la OTAN.

Todo el proceso colocado antes le brinda un significado adicional a las denominadas revoluciones de colores ya que los gobiernos pro occidente en Georgia y Ucrania iniciaron un proceso de requerir el ingreso a la OTAN, siendo que Ucrania mantuvo relaciones con la organización desde 1992. La posibilidad del nuevo gobierno Ucraniano en el poder contemplar la idea de ingresar en la OTAN representó de hecho un ataque directo a los intereses rusos en su propia región y dio inicio a parte de la diplomacia ejercida por Moscú a partir de 2004 negociar por medio del mayor elemento de “barganha” la venta y distribución de energía.

Una posible expansión de la OTAN sobre la frontera rusa representó una amenaza directa para la Federación reflejada también en los documentos que fueron emitidos al inicio del primer mandato de Putin, dejando en la elite y en la opinión pública rusa por un lado recuerdos sobre los hechos ocurridos en 1999 donde una posible invasión de la OTAN dentro de las fronteras rusas estuvo vigente durante los bombardeos a Serbia y por otro lado el aumento del sentimiento anti-OTAN.

Cuando la OTAN decide realizar la segunda onda de expansión lo hace sobre un terreno que era de gran sensibilidad para Rusia los estados bálticos, esta región siempre fue la más independiente con el fin de la URSS. No fue incluida en la CEI y “automáticamente” adoptó una identidad europea lo que colocó una cierta distancia con la federación y el resto de los estados pos soviéticos. Con el clásico discurso de democratización y de expansión de los Derechos Humanos la organización inicia el proceso de ingreso efectivo de estos nuevos miembros, una vez más sin contemplar a Rusia dentro de ese espectro.

Tanto Braun (2008) como MacFarlane (2008) entienden que Rusia no fue incluida y no iría ser en un futuro próximo por varios motivos. MacFarlane (2008) afirma que la Federación nunca se comprometió de hecho con construir tanto dentro como fuera de la Federación un orden democrático basado en los derechos humanos y en una economía de mercado. Sin embargo durante la década de 1990 la federación estuvo sumamente comprometida con cumplir los preceptos que venían de occidente buscando al inicio ser parte de la OTAN y posteriormente ser reconocida como un estado democrático y posiblemente como coloca Ponsard (2007) la Federación nunca fue tomada en cuenta por la OTAN. Queda como interrogante si Rusia hubiese adoptado todos los preceptos y coincidido con todas las determinaciones de occidente ¿Hubiese podido ingresar en la Organización? ¿La federación sería catalogada como un estado democrático en pie de igualdad como el resto de los estados europeos? Las respuestas a estas

cuestiones son contra factuales sin embargo sirven para comprender el futuro desenlace de la relación Rusia-OTAN así como también el desarrollo actual de la misma.

El segundo proceso de ampliación con la incorporación de los 3 estados bálticos implicó que ahora la OTAN tendría su mayor extensión de frontera directa con Rusia ya que antes del primer proceso la única frontera que compartían se encontraba al norte siendo con Noruega, después del primer proceso de ampliación la región de Kaliningrado paso a tener la mayor frontera con Polonia, es decir no implicaba únicamente la incorporación de nuevos estados en la alianza sino también estados estratégicos y que hacían frontera con la Federación.

Mientras como consecuencia del primer proyecto de ampliación la Federación junto con China buscó hacer frente por medio de declaraciones conjuntas y la instalación de la OCS, con el segundo (y efectivamente con el tercer en 2009) proceso de ampliación la Federación junto con China y ahora también India y Brasil por medio de la instalación de los denominados BRIC, posteriormente BRICS, buscaron demostrar quienes serán en el futuro los grandes poderes del sistema internacional no solo económicamente sino por medio de la evaluación del futuro que alcanzarán sus poblaciones por la extensión de sus territorios y por el potencial que estos tienen para convertirse en Potencias globales.

A diferencia del primer proceso de ampliación donde Rusia resulta humillada según Ponsard (2007), se considera que este segundo proceso de expansión le brindó la posibilidad a la Federación de iniciar nuevos proyectos que coloquen un punto final en una posible voluntad rusa de ingresar en la organización. El desarrollo de organizaciones como la OCS, BRICS o Unión Euroasiática, muestra parte de la voluntad rusa no solo de comprender los cambios en el sistema internacional apuntando ahora a Asia y al este Asiático y a los denominados emergentes sino también de comprender el papel que la Federación ocupa en dicho sistema. El factor económico cada vez más se va conformando como fundamental en el desarrollo de la Política Externa Rusa y poco a poco Rusia comienza a adoptar el elemento económico en su diplomacia lo que gran parte de las veces no resulta beneficioso para sus principales socios occidentales.

3.5.3 Los nuevos desafíos en la relación y la Guerra de Georgia

El desarrollo de la relación Rusia-OTAN como colocado hasta aquí pasó por varios momentos tanto críticos como llegando a una colaboración mutua sin embargo el segundo mandato de Putin 2004-2008 no caracterizó tanto en la literatura como por parte del estado ruso acontecimientos que representen una importancia clave en la relación. Es decir la literatura

especializada en el tema y en la relación entre ambos actores no caracteriza el periodo como fundamental para el desarrollo futuro de la misma, es por ello que en el presente texto se deciden colocar los puntos focales que ayudarán a comprender la relación en la actualidad -2017- estos son la conferencia de seguridad de Munich de 2007 y la Guerra de Georgia en 2008.

Concretada la inevitable ampliación de la organización Putin y su equipo inician un nuevo mandato en 2004 lo que le permite a occidente iniciar un proceso de denuncia sobre violación de derechos humanos y procesos anti democráticos relacionados con las reformas internas vividas por la federación producto de la reconfiguración política realizada por el entonces presidente ruso. A pesar de estas denuncias como colocado en el capítulo 1 las reformas fueron realizadas y Putin continuó recibiendo un fuerte apoyo de la sociedad civil y de la elite política a sus acciones tanto internamente como externamente siendo que la inconformidad en su mayoría era con respecto al manejo de asuntos internos por parte del entonces presidente.

Fortalecer su posición internamente le permitió a Putin conseguir formar una postura internacional en este caso de enfrentamiento a determinadas acciones llevadas a cabo ya sea por occidente en general o por la OTAN en particular. Reflejo de esta posición es el discurso proferido por el presidente en la conferencia de Seguridad de Múnich como se observo en el capítulo 2.

Durante el discurso proferido por Putin en Múnich en 2007 el entonces presidente realiza una variedad de declaraciones sobre varios temas entre estos coloca una serie de consideraciones sobre el papel de la OTAN en la configuración de la seguridad europea. La primer alegación realizada por el presidente dice respecto a la ampliación tema sumamente controversial para ambas partes, Putin entiende que el proceso iniciado en 1995 que busca incorporar mayor cantidad de estados a la organización dejando fuera de este espectro a Rusia no esta relacionado con la denominada modernización de la alianza o fortalecimiento de la seguridad sino que por el contrario la misma busca con claridad provocar a la Federación llevando al presidente a preguntarse ¿contra quien es esa expansión?.

Este elemento esta íntimamente relacionado con el colocado por Heine (2009) en un breve artículo sobre la repercusión de la Guerra en Georgia el autor coloca un elemento a ser pensado y dice respecto a los posibles nuevos miembros como también a los que fueron incorporados en 1999-2004 y sobre la verdadera intención de estos ya que como se ha observado hasta acá, la OTAN en sus olas expansivas siempre coloca que estas no son contra Rusia ya que no considera a la Federación un enemigo, sin embargo el autor apunta que esa

afirmación no es un consenso dentro de la alianza y sobre todo en sus futuros miembros. Ya sea por la percepción de los nuevos estados o por el elemento simbólico que la OTAN representa para la Federación, una posible expansión de la organización hacia las fronteras rusas siempre conformará un elemento desestabilizador en la relación entre ambos.

Las alegaciones realizadas por Putin en dicho discurso son equilibradas internamente por una economía que solo crecía y prosperaba, el incremento del PBI y del nivel de vida de población impulsó al gobierno a buscar una posición mejorada en el sistema internacional de la cual Rusia fuera merecedora.

Es preciso colocar un factor importante ocurrido a inicio de 2008 que será un elemento simbólico en la Guerra con Georgia pero fundamental en la misma, la declaración de independencia de Kosovo aceptada por Estados Unidos y por la Unión Europea. La misma se da el 17 de febrero de 2008 y en el mismo día la federación lanza un comunicado condenando la acción y exigiendo que sean cumplidas las resoluciones del CS-ONU emitidas para Kosovo, alegando que la aceptación de cualquier actor de dicha independencia representa una violación a la carta de las naciones y a las reglas básicas del sistema internacional, claramente los pedidos rusos una vez mas no son escuchados (RUSSIA, 2008).

Mientras tanto Putin prepara el camino para un posible sucesor buscando no retroceder en los logros alcanzados sobre todo a nivel económico y de status en el Sistema Internacional. Una vez finalizado los dos mandatos asume su sucesor Dmitri Medvedev en la presidencia y Putin pasa al cargo de primer ministro, factor que representó una serie de manifestaciones desde occidente afirmando una ilegalidad por parte de Rusia Unida y del aparato político ruso buscando incentivar grupos opositores internos a Rusia. Mas allá de los cuestionamientos provenientes desde Occidente Medvedev es quien da inicio a la Guerra en Georgia como consecuencia del ataque por parte de las tropas georgianas a bases rusas en Osetia del Sur.

A pesar de los ataques haber tenido un inicio por parte de las tropas georgianas la OTAN emite un comunicado donde demuestra su insatisfacción con el conflicto alegando una utilización desigual de las fuerzas militares lo que permitiría una clara victoria de la Federación. Como se colocó anteriormente Georgia tenía la voluntad de formar parte activa de la Alianza e inició parte del proceso, sin embargo aceptar el ingreso tanto de Georgia como de Ucrania representaba conflictos internos en la organización ya que no todos los estados miembros concordaban con dicha acción.

El despliegue de las tropas rusas en Osetia del Sur y atacando Tíbilisi no representó únicamente una contraofensiva a las tropas Georgianas puede también considerarse un mensaje

para occidente pero específicamente para la OTAN, la Federación Rusa no permitirá acciones unilaterales en sus fronteras y eso implica el accionar de la OTAN en sus nuevos o futuros miembros. La Rusia de 2008 no es la de 1999 que consentiría sin ninguna represalia las acciones desenfundadas de la organización buscando la protección de los Derechos Humanos. Para los medios occidentales había un factor que era clave en la Guerra de Georgia y que tenía como base el entendimiento de que no habría participación occidental en el conflicto ese elemento era claro para los estados occidentales sin embargo queda la incógnita si lo era para Georgia.

A pesar que el despliegue de tropas no existió por parte de la organización occidental para defender al estado exsoviético de Georgia, la OTAN frenó con el desarrollo de la *Pfp* Rusia-OTAN y con la cooperación conjunta que existía entre ambos principalmente en cuestiones de misiones de paz. Sin embargo dejando aun lado estas acciones que ocurrieron después del conflicto la organización no se presentó para Rusia como un impedimento para llevar a cabo un despliegue en su zona de influencia. Podría considerarse que por el contrario ya que una vez terminado el conflicto y firmado el plan de seis días, la OTAN repensó un futuro posible ingreso de Georgia y Ucrania en la organización ya que una efectivación del mismo implicaría en recurrir al capítulo 5 en caso de ser necesario y esto tendría como consecuencia la explícita posibilidad de enfrentarse a Rusia en cualquier momento.

Haas (2010) entiende que existió por parte de la organización un apoyo moral hacia Georgia después del conflicto ya que la organización creó consejos conjuntos Georgia-NATO. Sin embargo el autor entiende que el conflicto representó un precedente para la OTAN sobre el área de influencia rusa y sobre los estados exsoviéticos que debía repercutir en las futuras relaciones de los miembros como también de los futuros miembros de la organización, principalmente si estos en algún momento de la historia reciente hicieron parte de la URSS o de alguna organización que tenía a la Federación a la cabeza.

Se entiende que el conflicto Rusia-Georgia fue de gran significado para Rusia, sin embargo es necesario colocar que también implicó en alguna medida importancia para la OTAN. A pesar de que Georgia no pertenecía a la organización la misma no contempló enfrentarse a Rusia como si lo hizo en 1999 en Kosovo, la transformación en la concepción de las capacidades no solo había cambiado para la federación sino que también para la OTAN, lo que explica la no interferencia en el conflicto y la continuación de las relaciones una vez terminado el mismo.

El conflicto entre Rusia y Georgia representó un marco con la inauguración de una nueva forma de ejercer la política por parte de Rusia pero también representó el fin de un padrón

ejercido por esta desde 1991. Algunos autores asumen un marco en la Guerra Ruso-Georgiana como un antes y después en la transformación del sistema internacional. La era “unipolar” había de hecho terminado para Estados Unidos adoptando o no esa postura, Rusia demostró de lo que es capaz y sobre todo de lo que sería capaz en el futuro con la denominadas Primaveras Árabes, la Guerra de Siria y la Anexión de Crimea (HEINE, 2009). La Guerra Ruso-Georgiana es importante sobre todo cuando se contemplan realidades similares, es decir así como Kosovo buscó y consiguió una independencia con consentimiento occidental, Osetia del Sur y Abjasia recibieron el apoyo Ruso en la búsqueda por independencia y ese proceso para la Federación debe ser tan respetado por los estados occidentales como fue con Kosovo.

El inicio de un conflicto en su área de influencia representó para la Federación un precedente de su futuro comportamiento y para quien expone en el presente texto un marco en el comportamiento ruso no solo a nivel internacional, la guerra de Georgia cambió la concepción rusa sobre su comportamiento nacional e internacional y sobre sus reales capacidades y aptitudes. Mas allá de que las relaciones Rusia-OTAN fueron retomadas una vez terminado el conflicto, el mismo puso fin a una concepción sumisa de Rusia en las relaciones con la organización y este daría inicio a una serie de movimientos por parte del estado ruso de reivindicaciones sobre su poder en el mundo.

Consideraciones sobre las Relaciones Rusia-OTAN

Como se puede observar a lo largo del capítulo presentado las relaciones Rusia-OTAN no pueden ser definidas fácilmente, existieron momentos de cooperación donde tanto la Federación como la Organización buscaban objetivos similares, esto puede ser observado en el periodo inmediatamente posterior al 11 de setiembre y momentos donde el conflicto llegó al clímax como en la Guerra de Kosovo en 1999. Ambos momentos los de cooperación y los de conflicto fueron impulsados tanto por la Federación como también por la Organización, sin embargo se mantiene la incógnita sobre el futuro de estas relaciones, como se observó no es posible realizar una previsión, siendo que no es el objetivo del presente texto.

Observar el comportamiento ruso con respecto a la OTAN, no solo define a Rusia sino también a la propia organización. La continuidad de la organización después de 1991 forma parte de esta comprensión y como el presidente Putin colocó, para que mantener una organización que hace referencia a un conflicto este-oeste, o capitalismo-socialismo, si el enemigo socialista y del oeste no existe más.

La convivencia entre ambos debe continuar, ahora si de forma pacifica o por medio del conflicto dependerá exclusivamente de estos dos actores, y de la voluntad por formar el sistema internacional pacifico que supuestamente ambos buscan.

Consideraciones Finales

El presente texto buscó por medio de la exposición de los hechos ocurridos en la Política rusa Interna, Externa y en la relación con la OTAN mostrar como se desarrolló la política rusa desde 1991 hasta 2008 demostrando que a pesar de confuso, existió un padrón de comportamiento de vaivenes en las decisiones rusas que la caracterizan como única.

Como se ha constatado hasta aquí la historia de la Federación la hace única, sin embargo el comportamiento ruso que se inicia con el fin de la URSS en 1991 permite catalogarlo a pesar de inestable como constante, ya que como se ha observado la política rusa reincide en muchas acciones y sobre todo en muchas decisiones.

Se buscó por medio de la elección de los principales hechos ocurridos en la política rusa comprender el comportamiento que la Federación manifestó desde que se volvió independiente. A diferencia de algunos intelectuales que entienden el ingreso de Vladimir Putin a la presidencia como determinante en una nueva era, en el presente texto se entiende que a pesar de las reformulaciones que Putin le trajo a la Federación eran necesarios otros factores para transformar el comportamiento ruso: el ambiente internacional, el crecimiento de Rusia como potencia, el desarrollo económico y el enfrentamiento con otras potencias. Estos factores representan el elemento fundamental en el resurgimiento de Rusia como una gran potencia internacional y la relación con la OTAN es posiblemente el mayor reflejo de dicho cambio.

Las transformaciones sufridas por Rusia permitieron la evolución de la política rusa en una variedad de áreas. Con respecto a la política interna Rusia vivió una situación extraordinaria en donde no solo se enfrentaba al capitalismo sino que también de manera individual y ya no mas como una Unión de Republicas. Adaptarse al sistema capitalista no fue fácil, pero hacerlo con las recomendaciones de instituciones occidentales con seguridad lo hizo aun mas difícil, la Federación tuvo que observar su propio fracaso y continuar adelante sobre otro sistema por medio del cual también debió crear instituciones que le permitieran llevar adelante una nueva estructura económica basada en el libre mercado.

Este proceso de incursión en el capitalismo no obtuvo como resultado el éxito esperado por parte de Rusia lo que generó una crisis política interna, aumentando aun más las tensiones. En medio de un caos interno es promulgada una nueva constitución que regirá hasta la actualidad y que permitirá al entonces presidente pasar a tomar una serie de decisiones como el inicio de una Guerra interna con la provincia mas rebelde de la Federación, Chechenia.

Cuando el caos alcanza su punto culminante estalla la crisis económica de 1998 que coloca en la cuerda floja al sistema construido desde 1991 y es como consecuencia de una década de conflictos que asume Putin, quien también va a ocuparse de iniciar nuevos conflictos como la Segunda Guerra de Chechenia, pero a diferencia de su predecesor, Putin por medio de una variedad de medidas impulsa la economía que crece a ritmo acelerado junto con las reformas políticas internas buscando retirar el poder de la entonces oligarquía. Sin embargo más allá del crecimiento observado Rusia vuelve a enfrentarse con una nueva crisis que pone en jaque los logros alcanzados. La política interna rusa es protagonista de estos vaivenes, indicadores sociales y económicos reflejan el comportamiento de Rusia que junto con la política externa la caracterizan como única.

La política externa es tal vez reflejo de la política interna y así como construir un estado capitalista para buscar el crecimiento internamente no fue fácil, ser incluida en el paquete de estados libres y democráticos tampoco lo fue. Las reformulaciones internas debieron ser seguidas por reformulaciones en la política externa sin embargo no alcanzó con adoptar directrices económicas y políticas, Rusia debió realizar una serie de concesiones a occidente lo que no era un consenso en la elite interna, es como consecuencia de esa falta de consenso que las decisiones tomadas por Rusia en la política externa parecen tan antagónicas. Por un lado la Federación es incorporada a una serie de instituciones legitimadoras del sistema capitalista occidental como FMI, BM y OSCE. Por otro lado crea sus propias instituciones buscando liderar procesos a nivel externo como es el caso de la CEI.

Mientras esto ocurre se enfrenta diplomáticamente a una serie de estereotipos internacionales sobre el modelo ideal a ser seguido y adoptado, pero que no necesariamente representan el modelo ideal de crecimiento y desarrollo buscado por Rusia. Cuando la situación interna estalla y asume un nuevo presidente los desafíos externos no cesan, por el contrario, enfrentará a occidente varias veces luchando contra la imposición de un sistema que no les pertenece como en las revoluciones de colores, o inclusive adoptando las medidas recomendadas por occidente y defendiendo los valores de occidente como la democracia en el caso de la Guerra de Georgia.

Ya sea por el camino trazado por occidente o por su propio camino la Federación fue incapaz de trazar un padrón constante de comportamiento y esto fue posible observarlo en la relación que se establece a partir de 1991 con la OTAN, en donde se muestran mas puntualmente los vaivenes que la relación sufrió hasta 2008. Los primeros conflictos se inician cuando a pesar del Pacto de Varsovia haber dejado de existir la OTAN se reformula y continua

existiendo buscando nuevas amenazas, a este factor es necesario adicionarle dos elementos, por un lado la activa acción de la organización en la búsqueda por “resolver conflictos” internacionales y por otro lado la constante necesidad de ampliación incorporando nuevos estados dejando siempre a Rusia fuera de ese espectro.

Estos dos factores fueron fundamentales en el desarrollo de la conturbada relación mutua ya que se conformaron como causa y como consecuencia de los desentendimientos entre ambos. La Guerra de Bosnia mostró una disposición rusa de cooperación afianzada por el Acta fundadora de 1997 sin embargo la Crisis de Kosovo demostró la poca voluntad occidental por dejar que Rusia actuara como gran Potencia en el sistema internacional. La GMCT volvió a conformar una zona para el dialogo e incluso la cooperación sin embargo la nueva década permitió a Rusia demostrar internacionalmente de lo que era capaz, enfrentando no solo a occidente una vez más sino también exponiendo internacionalmente su poder militar por medio de la Guerra de Georgia.

La relación Rusia-OTAN es un elemento más para ser tenido en cuenta cuando se busca comprender el comportamiento de Rusia a nivel internacional desde 1991. La Guerra en Georgia es este texto el fin de un padrón caracterizado por lo vaivenes en las toma de decisiones, no solo a nivel Rusia-OTAN, como también a nivel externo e interno. El conflicto en Georgia se conforma como un marco para la demostración de capacidades de la Federación, ya que a partir del mismo el comportamiento de la Federación inicia una nueva era dejando a un lado los vaivenes.

Vislumbrar este periodo 1991-2008 por medio del análisis propuesto permite construir una base para la comprensión del comportamiento ruso que se inicia a partir de 2008 y que llevará a conductas fundamentales de la Federación como la anexión de Crimea en 2014 o el inicio de la participación rusa en la Guerra de Siria, elementos que precisan ser estudiados y analizados teniendo en cuenta los elementos colocados en el presente texto.

Referencias Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. Incommensurate Russia. **New Left review**. N. 94. Pág. 5-43. 2015.
- ANUARIO INTERNACIONAL CIDOB 2010. Indicadores económicos y sociales de la Federación Rusa. **Federación Rusa, Perfil del País**. Pág. 513-523. 2010.
- ARBATOV, Alexei. Military Reform in Russia: Dilemmas, Obstacles, and Prospects. **International Security**. V. 22. Pág. 83-134. 1998.
- ASLUND, Anders. "Why Doesn't Russia Join the WTO?." **Washington Quarterly**. V. 33. N. 2. Pág. 49-63. 2010.
- BAYLIS, John. NATO Strategy: The Case for a New Strategic Concept. **International Affairs**. V. 64. N. 1. Pág. 43-59. 1987.
- BEISSINGER, Mark. Structure and Example in Modular Political Phenomena: The Diffusion of Bulldozer/Rose/Orange/Tulip Revolutions. **Perspectives on Politics**. V. 5. N. 2. Pág. 259-276. 2007.
- BLANK, Stephen. Is East–West integration possible?. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.
- BRACHO, Gerardo. Apuntes Sobre la Crisis Financiera en Rusia. **Comercio Exterior**. Pág. 440- 447. 2000.
- BRAUN, Aurel. Enlargement and the Perils of Containment. BRAUN, Aurel. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.
- BREZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives**. New York: Basic Books, 1997.
- BROUWERS, Jessie. Chechenia: De zona de conflicto a frágil pirámide de naipes. **Fride**. Pág. 1-10. 2007.
- CADIER, David. Policies towards the Post-Soviet Space: The Eurasian Economic Union as an Attempt to Develop Russia's Structural Power?. CADIER, David; LIGHT, Margot. **Russia's Foreign Policy: Ideas, Domestic Politics and External Relations**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- CASTORADIS, Cornelius. **A Sociedade Burocrática: as Relações de Produção na Rússia**. Porto: Afrontamento, 1979.
- CHANG, Duckjoon. The Politics of Privatization in Russia: From Mass Privatization to the Yukos Affair. **Pacific Focus**, V. 21. N. 1. Pág. 201-241. 2006.
- CHAUVIER, Jean-Marie. El Regreso a una Perestroika Frustrada. IN: RADVANYI, Jean; VIDAL, Dominique. **Rusia: De Lenin a Putin**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2009.

CHINA-RUSSIA: JOINT DECLARATION ON A MULTIPOLAR WORLD AND THE ESTABLISHMENT OF A NEW INTERNATIONAL ORDER (1997). **International Legal Materials**. V. 36. N 4. Pág. 986–989.1997.

CLARKE, Simon et al. **What About The Workers?:** Workers and the Transition to Capitalism in Russia. London: Verso, 1993.

CLAUDIN, Carmen. ¿Qué Rusia 20 años después? **Revista CIDOB d'afers Internacionals**, N. 96. Pág. 11-23. 2011.

COHEN, Stephen. **Voices of Glasnost:** Interviews with Gorbachev's Reformers. Washington: Norton, 1989.

COLTON, Timothy. Post-Postcommunist Russia, The International Environment and Nato. BRAUN, Aurel. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.

COLTON, Timothy. **The State After Communism:** Governance in the New Russia. Lanham: Rowman & Littlefield, 2006.

COLTON, Timothy; MCFAUL, Michael. **Popular Choice and Managed Democracy:** The Russian Elections of 1999 and 2000. Washington: Brookings Institution Press, 2003.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 824**, 6 de mayo de 1993. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/824%20\(1993\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/824%20(1993))> Acceso el 08 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 836**, 4 de junio de 1993. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/836%20\(1993\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/836%20(1993))> Acceso el 07 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 838**, 10 de junio de 1993. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/838%20\(1993\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/838%20(1993))> Acceso el 08 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 844**, 18 de junio de 1993. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/844%20\(1993\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/844%20(1993))> Acceso el 08 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 900**, 4 de marzo de 1994. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/900%20\(1994\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/900%20(1994))> Acceso el 09 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 913**, 22 de abril de 1994. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/913%20\(1994\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/913%20(1994))> Acceso el 09 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 941**, 23 de septiembre de 1994. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/941%20\(1994\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/941%20(1994))> Acceso el 09 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 958**, 19 de noviembre de 1994. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/958%20\(1994\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/958%20(1994))> Acceso el 09 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 959**, 19 de noviembre de 1994. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/959%20\(1994\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/959%20(1994))> Acceso el 09 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 1160**, 31 de marzo de 1998. Disponible <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1160%20\(1998\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1160%20(1998))> Acceso el 23 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 1199**, 23 de setiembre de 1998. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1199%20\(1998\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1199%20(1998))> Acceso el 23 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 1203**, 24 de octubre de 1998. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1203%20\(1998\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1203%20(1998))> Acceso el 24 mar. 2017.

CONSEJO DE SEGURIDAD, ONU. **Resolución 1244**, 10 de junio de 1999. Disponible en <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1244%20\(1999\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1244%20(1999))> Acceso el 24 mar. 2017

DA SOLER, Rafael. A nova nomenclatura: sucessao e continuidade no Kremlin. **Meridiano 47**. V. 8. N. 86. Pág.14-16. 2007.

DMITRY MEDVEDEV MADE A STATEMENT ON THE SITUATION IN SOUTH OSSETIA. 2008. Disponible en <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/1043>> Acceso el 13 ene. 2017.

DOMBEY D; JACK, A. Concern rises in US and EU over Russia's growing hostility to OSCE: Moscow accuses group of taking intrusive interest in former Soviet Union. **Financial Times**. London. Pág. 8. 2004.

EMBAJADA DE FEDERACION RUSA EN LA REPUBLICA DE PANAMA. **Constitución de la Federación Rusa**. Disponible en <http://www.panama.mid.ru/const_es.html> Acceso el 15 dic. 2016.

EMBASSY OF RUSSIA FEDERATION, WASHINGTON D.C. General Information. Disponible en <<http://www.russianembassy.org/page/general-information>> Acceso el 25 ene. 2017.

EX-EMBAIXADOR alemão: Discurso de Putin em Munique foi um sinal para o Ocidente despertar. **SputnikNews**. 2017. Disponible en <<https://br.sputniknews.com/mundo/201702157686954-discurso-putin-munique-ocidente/>> Acceso el 15 feb. 2017.

FAIRBANKS, Charles. Georgia's Rose Revolution. **Journal of Democracy**. V. 15. N. 2. Pág. 110-124. 2004.

FERNÁNDEZ, Félix; ALBERO, José Luis Calvo. **El conflicto de Chechenia**. Madrid: Imprenta del Ministerio de Defensa, 2005.

FERNANDES, Sandra. NATO e Rússia: novos lances estratégicos. **Relações Internacionais**. Lisboa. N. 27. Pág. 45-53. 2010. Disponible en <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992010000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acceso el 22 oct. 2016.

FOUNDING ACT (1997). **Founding Act on Mutual Relations, Cooperation and Security between NATO and the Russian Federation**. May 27, 1997. Paris, France. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_25468.htm?selectedLocale=en>. Acceso el 18 nov. 2016.

FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. **A Guerra do Kosovo a OTAN e o conceito de "intervenção humanitária"**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

FREEDMAN, Robert. Can Russia be a partner for NATO in the Middle East?. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.

FREIRE, Raquel. Matching Words with Actions: Russia, Chechnya and the OSCE A Relationship Embedded in Ambiguity. **Discussion Papers**. N. 9. Pág. 159-171. 2005.

FRIEDMAN, Thomas. Soviet Disarray. **The New York Times**. 1991.

GAMBERO, Gerardo. Tendencias Economicas de la Union Sovietica. **Comercio Exterior**, V. 41. Pág. 773-779. 1991.

GAIDAR, Yegor. The IMF and Russia. **The American Economic Review**. V. 87. N. 2. Pág. 13-16. 1997.

GENERAL ASSEMBLY. **Russian-Chinese Joint Declaration on a Multipolar World and the Establishment of a New International Order**, 23 de abril de 1997. Disponible en <<http://www.un.org/documents/ga/docs/52/plenary/a52-153.htm>> Acceso el 13 mar. 2017.

GENERAL INFORMATION, CIS. **Commonwealth of Independent States**. Disponible en <<http://www.cis.minsk.by>> Acceso el 30 ene. 2017.

GENERAL INFORMATION, IMF. **International Monetary Found**. Disponible en <<http://www.imf.org>> Acceso el 16 feb. 2017.

GEORGIA, Russian Aggression of Georgia (2008). **Six Point Peace Plan**. August 12, 2008.

GERBER, Theodore P.; HOUT, Michael. More Shock than Therapy: Market Transition, Employment, and Income in Russia, 1991–1995. **American Journal of Sociology**. V. 104. Pág.1-50. 1998.

GOULD-DAVIES, N; WOODS, N. Russia and the IMF. **International Affairs**. V. 75. N 1. 1999.

GOVERNMENT OF THE RUSSIA FEDERATION Disponible en <<http://gov.ru>> Acceso el 01 dic. 2016.

HAAS, M. **Russia's Foreign Security Policy in the 21st Century Putin, Medvedev and**

beyond. New York: Routledge, 2010.

HAAS, M. "NATO-Russia Relations after the Georgian Conflict," **Atlantisch Perspectief**, V. 33. N. 7. Pág. 4-9. 2009.

HAHN, G. Medvedev, Putin, and Perestroika 2.0. **Demokratizatsiya**. V. 18. N. 3. Pág. 228-259. 2010.

HEADLEY, J. Sarajevo, February 1994: the first Russia-NATO crisis of the post-Cold War era. **Review of International Studies**. V. 29. N. 2. Pág. 209-227. 2003.

HEINE, Jorge. The Conflict in the Caucasus. **India quarterly**. V. 65. N.1. Pág. 55-66. 2009.

HERZ, Mônica. Análise cognitiva e política externa. **Contexto Internacional**, V. 16. N. 21. Pág. 75-89. 1994.

HOLIMAN, Alan. The Case of Nord-Ost: Dubrovka and the Search for Answers. **Europe-Asia Studies**. Vol. 61, N. 2, Mar. Pág. 283–311. 2009.

KALDOR, Mary. **Las nuevas guerras**. Violencia organizada en la era global. Barcelona: Tusquets Editores, 2001.

KANACHEVSKII, Vladimir. International Organizations and Foreign States: Participants in Civil Law Relations in Russia. **Review of Central and East European Law**. N.1. Pág. 15-34. 2004.

KOTZ, David; WEIR, Fred. **Revolution From Above: The Demise of the Soviet System**. London: Redwood Books, 1997.

KOTZ, David; WEIR, Fred. **Russia's Path from Gorbachev to Putin: The demise of the Soviet system and the new Russia** A revised and updated version of Revolution from Above: The demise of the Soviet system. Routledge. New York: Routledge, 2007.

KOZYREV, Andrei. Partnership or Cold Peace? **Foreign Policy**. N. 99. Pág.3-14. 1995.

KOZYREV, Andrei. Russia: a chance for survival. **Foreign Affairs**. V. 71 N. 2. 1992.

KOZYREV, Andrei. The lagging partnership: Russia and the US. **Foreign Affairs**. V. 73 N. 3. 1994.

KOZYREVA, Polina et al. Interviewing Political Elites: Lessons From Russia. **Political Science and Politics**. V. 35. N. 4. Pág. 683-688. 2002.

KRATOCHVIL, Petr. The Discursive Resistance to EU-Enticement: The Russian Elite and (the lack of) Europeanisation. **Europe-Asia Studies**. V. 60. N. 3. Pág. 397-422. 2008.

KRATZKE, W.P.; TITOFF, D. Russia and the WTO: Realpolitik by the Rules of Free Trade. **The University of Memphis Law Review**, Memphis, V. 44. N. 3. Pág. 633-644. 2014.

KRYSHTANOVSKAIA, Olga. Formats of Russian State Power. **Russian Politics and Law**.

V. 50. Pág.7-17. 2012.

KRYSHANTANOVSKAYA, Olga. From Soviet Nomenklatura to Russian Elite. **Europe-Asia Studies**, V. 48. Pág. 711-733. 1996.

KRYSHANTANOVSKAYA, Olga. Has Been of Downward Mobility of the Russian Elite. **Sociological Research**, V. 44. Pág. 7-54. 2005.

KUCHINS, Andrew. Mismatched Partners: US–Russia Relation after the Cold War. In; CADIER, David; LIGHT, Margot. **Russia’s Foreign Policy: Ideas, Domestic Politics and External Relations**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

KUCHINS, Andrew. The Obama Administration’s “Reset Button” for Russia. In: DUTKIEWICZ Piotr; TRENIN, Dmitri (Org.). **Russia the challenges of transformation**. New York: New York University Press, 2011.

LARRABEE, Stephen; KARASIK, Theodore. **Foreign and Security Policy Decisionmaking under Yeltsin**. California: Rand, 1997.

LAZAREV, Valery. **Evolution and transformation of the Soviet Elite**. Hoover Intitution. Houston, 2001.

LA GUERRA CONTRA YUGOSLAVIA UN ACTO NEOCOLONIAL. Proceso de Negociación. **SODEPAZ**. Pág 96-113. 1999. Disponible en <http://publicaciones.sodepaz.org/images/uploads/documents/revista034/04_procesonegociacion.pdf> Acceso el 23 mar. 2017.

LA OTAN el brazo armado del imperio. Dirección de Juan Alterini, Producción de Marcelo Borrego. Caracas: TELESUR; Tres Luces Celestes, 2013. 57 min. Documental. Disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=nRgTw_IvNOg> Acceso el 10 mar. 2017.

LÉVESQUE, Jacques. Apogeo y Declinación de la política europea de Mijaíl Gorbachov. IN: RADVANYI, Jean; VIDAL, Dominique. **Rusia: De Lenin a Putin**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2009.

LO, Bobo. **Russian Foreign Policy in the Post-Soviet Era: Reality, Illusion and Mythmaking**. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

LO, Bobo. **Vladimir Putin and the Evolution of Russian Foreign Policy**. London: Royal Institute of International Affairs, 2003.

MACFARLANE, Neil. Russia, Nato Enlargement And The Strengthening Of Democracy In The European Space. BRAUN, Aurel. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.

MAKARYCHEV, Andrey. Russia and NATO After the Georgia War: Re-Actualizing the Great Power Management Prospects. IN: ASTROV, Alexander. **The Great Power (Mis)Management: The Russian–Georgian War And Its Implications For Global Political Order**. England: Ashgate, 2011.

MAKARYCHEV, Andrey. Russia, NATO, and the “Color Revolutions”: Discursive Traps. **Russian Politics and Law**. V. 47. N. 5. Pág. 40–51. 2009

MANKOFF, Jeffrey. **Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

MASSANSALVADOR, Francesc. Chechenia como reflejo de las dinámicas políticas de Rusia. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**. N. 96. Pág. 115-126. 2011.

MARCU, Silvia. La geopolítica de la rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuevas corrientes de pensamiento geopolítico. **Scripta Nova. Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, V XI, n. 253, 2007. Disponible em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-253.html>>. Acceso em: 10 ago. 2015.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A Geopolítica da Federação Russa em Relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: PINELI ALVES, André Augusto (Org). **O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI**. Brasília: Ipea, 2012.

McFAUL, Michael. State Power, Institutional Change, and the Politics of Privatization in Russia. **World Politics**. V. 47. N. 2. Pág. 210-243. 1995.

McSWEENEY, Bill. **Security, Identity and Interests: A Sociology of International Relations**. New York: Cambridge University Press, 1999.

MEDVEDEV, Dmitri. **Go Russia!**. Setiembre, 2009. Disponible en <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/5413>>. Acceso el 15 nov. 2016.

MEDVEDEV, Roy. **Post-Soviet Russia: A Journey Through the Yeltsin Era**. New York: Columbia University Press, 2000.

MELLOW, C. Russia's WTO Accession Promises to Lift Investment in the Country. **Institutional Investor**. New York. 2012.

MENDELSON, Sarah. Democracy Assistance and Political Transition in Russia. **International Security**. V. 25. N. 4. 2001.

MILLER, James. A short history of NATO (North Atlantic Treaty Organization). **Department of State Bulletin**. V. 89. N. 2149. Pág.1-5. 1989.

MONAGHAN, ANDREW. The vertikal: power and authority in Russia. **International Affairs**. V. 88. Pág. 1–16. 2012.

NATO. **Areas for Pursuance of a Broad, Enhanced NATO/Russia Dialogue and Cooperation**, 31 de mayo de 1995. Disponible <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24750.htm?selectedLocale=en> Acceso el 05 mar. 2017.

NATO. **Decisions taken at the Meeting of the North Atlantic Council in Permanent Session 1,** 9 de febrero de 1994. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24465.htm?selectedLocale=en Acceso el 03 mar. 2017.

NATO. **Declaration of the Heads of State and Government** participating in the meeting of the North Atlantic Council ("The Brussels Summit Declaration"), 11 de enero de 1994. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24470.htm?mode=pressrelease Acceso el 04 mar. 2017.

NATO. **Declaration on Peace and Cooperation** issued by the Heads of State and Government participating in the Meeting of the North Atlantic Council ("The Rome Declaration"), 8 de noviembre de 1991. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_23846.htm?mode=pressrelease Acceso el 02 mar. 2017.

NATO **Defence Capabilities Initiative** approved by the Heads of State and Government participating in the Meeting of the North Atlantic Council. 25 de abril de 1999. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_27443.htm?selectedLocale=en Acceso el 25 mar. 2017.

NATO. **Final Communiqué,** 30 de mayo 1995. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24753.htm?selectedLocale=en Acceso el 04 de mar. 2017.

NATO. **Final Communiqué,** 28 de mayo de 1998. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_25980.htm?selectedLocale=en Acceso el 25 mar. 2017.

NATO. **Membership Action Plan (MAP)** approved by the Heads of State and Government participating in the Meeting of the North Atlantic Council. 24 de abril de 1999. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_27444.htm?selectedLocale=en Acceso el 27 mar. 2017.

NATO. **NATO-Russia Relations: A New Quality-Declaration** by Heads of State and Government of NATO Member States and the Russian Federation, 28 de mayo de 2002. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_19572.htm? Acceso el 15 de mar. 2017.

NATO. **Prague Summit Declaration issued by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council.** 21 de noviembre de 2002. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_19552.htm?selectedLocale=en Acceso el 27 mar. 2017.

NATO. **Study on NATO Enlargement,** 3 de septiembre de 1995. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24733.htm? Acceso 04 mar. 2017.

NATO. **The Alliance's New Strategic Concept** agreed by the Heads of State and Government

participating in the Meeting of the North Atlantic Council, 7-8 de noviembre de 1991. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_23847.htm?> Acceso el 02 mar. 2017.

NATO. **The Alliance's Strategic Concept** Approved by the Heads of State and Government participating in the meeting of the North Atlantic Council. 24 de abril de 1999. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_27433.htm?selectedLocale=en> Acceso el 27 mar. 2017.

NATO. **The North Atlantic Treaty**, 4 de abril de 1949. Disponible <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?> Acceso el 01 de mar. 2017.

NATO. **Statement by NATO Secretary General, Lord Robertson, in his capacity as Chairman of the NATO-Russia Council at the NATO-Russia Council Meeting**. 22 de noviembre de 2002. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_19550.htm?selectedLocale=en> Acceso el 27 mar. 2017.

NATO. **Statement by the North Atlantic Council on Kosovo**. 30 de enero de 1999. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_27459.htm?selectedLocale=en> Acceso el 26 mar. 2017.

NATO. **Statement: NATO-Russia Permanent Joint Council Meeting at Ministerial Level**, 28 de mayo de 1998. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_25978.htm?selectedLocale=en> Acceso el 25 mar. 2017.

NEOCLEOUS, Mark. Security, Liberty and the myth of Balance: Towards a critique of Security Politics, **Contemporary Political Theory**. N. 6. Pág. 131-149. 2007.

NEUMANN, Peter. NATO, the European Union, Russia and the fight against terrorism. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.

NESTERENKO, A. The Transition Period Has Ended. Now What?. **Russian Social Science Review**. V. 43. N. 3. Pág. 48-66. 2002.

NORRIS, John. **Collision Course: NATO, Russia, and Kosovo**. Washington: Praeger Publishers, 2005.

NOVIKOV, Denis. "Anti-westernism" as a strategy: distinctive behaviors of the contemporary Russian elite. **Russian Social Science Review**. V.50. Pág. 41-49. 2009.

OSTROW, Joel. Institutional design and legislative conflict: The Russian Supreme Soviet a well-oiled machine, out of control. **Communist and post-communist studies**. V. 29. N. 4. Pág. 413-433. 1996

PAIN, Emil. The Russian-Georgian Armed Conflict: An Acute Case of Poisoning with Imperial Illusions. **Russian Politics and Law**. V. 47. N. 5. Pág. 10-25. 2009.

PARRA, Julio. **Perestroika**: Principales de la economía soviética y su incidencia en el final de URSS. Bogotá: s.e., 2013.

PASTUKHOV, Vladimir. The Ukrainian Revolution and the Russian Counterrevolution. **Russian Politics and Law**. V. 49. N. 5. Pág. 68–80. 2011.

PESSIN ADAM, Gabriel. A Rússia como Grande Potência e a Parceria Estratégica com a China. In: PINELI ALVES, André Augusto (Org). **O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI**. Brasília: Ipea, 2012.

PINELI ALVES, André Augusto. A Rússia Sofre de Doença Holandesa?. PINELI ALVES, André Augusto (Org). **O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI**. Brasília: Ipea, 2012.

PINELI ALVES, André Gustavo de Miranda. Internacionalização de Empresas Russas. In: PINELI ALVES, André Augusto (Org). **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011.

POMERANZ, Lenina. Questões em Discussão sobre a Rússia de Putin. **Economia Política Internacional: Análise Estratégica**. N. 7. Pág. 44-47. 2005.

PONSARD, Lionel. **Russia, Nato and Cooperative Security**: Bridging the gap. New York: Routledge, 2007.

POULIOT, Vincent. **International Security in Practice**: The Politics of NATO-Russia Diplomacy. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

PUTIN, Vladimir. **BBC Breakfast With Frost**. March 5th, 2000. Entrevista. Disponible en <http://news.bbc.co.uk/1/hi/english/static/audio_video/programmes/breakfast_with_frost/transcripts/putin5.mar.txt> Acceso el 22 mar. 2017.

PUTIN, Vladimir. Putin's memorable Munich Speech 2007. **The Munich Security Conference**. In: YOUTUBE Video (ca 30:46 min.) Disponible <<https://www.youtube.com/watch?v=hQ58Yv6kP44>> Acceso el 15 feb. 2017.

PYNNÖNIEMI, K. Science Fiction: President Medvedev's Campaign For Russia's "Technological Modernization". **Demokratizatsiya**. V. 22. N. 4. Pág. 605-625. 2014.

RANDIG, Rodrigo Wiese. Guerra Na Ossétia Do Sul: A Geórgia Como Foco De Conflito Entre A Rússia E O Ocidente. **Meridiano 47**. V. 9. N 97. Pág. 15-20. 2008.

RELATIONS WITH RUSSIA, NATO. **North Atlantic Treaty Organization**. Disponible en <http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_50090.htm> Acceso el 09 mar. 2017.

RIABOV, Oleg; LAZARI, Andrzej. Misha and the Bear: The Bear Metaphor for Russia in Representations of the "Five-Day War". **Russian Politics and Law**. V. 47. N. 5. Pág. 26–39. 2009.

RICHARDSON, Paul. Engaging The Russian Elite: Approaches, Methods and Ethics. **Politics**. V. 34. Pág. 180-190. 2004.

ROBINSON, Neil. So What Changed? The 1998 Financial Crisis and Russia's Economic and Political Development. **Demokratizatsiya**. V. 15. N. 2. Pág. 245-259. 2007.

ROBINSON, Neil (Org). **The Political Economy of Russia**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2013.

RUMER, Eugene; TRENIN, Dmitri; ZHAO, Huasheng. **Central Asia: views from Washington, Moscow, and Beijing**. New York: M.E. Sharpe, 2007.

RUSIA, Mapa de la Infraestructura Petrolera y Gasífera de la Federación Rusa: Mapa político e infraestructura. Rusia. Color, 1733x1267 px. Disponible en <http://c2.kommersant.ru/ISSUES.PHOTO/TEMA/2009/156/bg_00.jpg> Acceso el 20 feb. 2017.

RUSSIA. Constitution (1993). **Constitution Of The Russian Federation**. December 12, 1993. Disponible en <<http://www.constitution.ru/en/10003000-01.htm>>. Acceso el 22 nov. 2016.

RUSSIA. **Declaración del MAE de Rusia En Relación con la Situación en Osetia del Sur**. 2008. Disponible en <http://www.mid.ru/es/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/328838> Acceso el 10 ene. 2017.

RUSSIA. **Declaración del MAE de Rusia dedicada a Kosovo**. 2008. Diponible en <http://www.mid.ru/es/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/348618> Acceso el 28 mar. 2017.

RUSSIA. **Declaración del Ministro de Asuntos Exteriores de Rusia, Serguéi Lavrov, en la rueda de prensa para los medios de comunicación rusos y extranjeros en relación con la situación en Osetia del Sur**. 2008. Disponible en <http://www.mid.ru/es/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/328830> Acceso el 10 ene. 2017.

RUSSIA. Military Doctrine (1993). **The Basic Provisions of the Military Doctrine of the Russian Federation**. edict No. 1833, dated November 2, 1993. Disponible en <<http://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/russia-mil-doc.html>>. Acceso el 15 oct. 2016.

RUSSIA. Military Doctrine (2000). **The Russian Federation Military Doctrine**. April 21, 2000. Disponible en <https://www.armscontrol.org/act/2000_05/dc3ma00?print>. Acceso el 30 oct. 2016.

RUSSIA. Military Doctrine (2010). **The Military Doctrine of the Russian Federation**. Russian Federation Presidential Edict February 5, 2010. Disponible en <http://www.sras.org/military_doctrine_russian_federation_2010>. Acceso el 4 nov. 2016.

RUSSIA. **Respuesta del Portavoz del MAE de Rusia, Mijail Kaminin, a la pregunta de los medios de comunicación referente a Kosovo**. 2008. Disponible en <http://www.mid.ru/es/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/348264> Acceso el 28 mar. 2017.

RUSSIA. Security Concept (1997). **Russian Federation National Security Blueprint**. Edict No. 1300 Dated December 17, 1997. Disponible en <<https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/blueprint.html>> Acceso el 3 feb. 2017.

RUSSIA. Security Concept (2000). **National Security Concept of the Russian Federation**. December 17, 1999. Presidential Decree No. 24, January 10, 2000. Disponible en <<https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/gazeta012400.htm>>. Acceso el 22 nov. 2016.

RUTLAND, Peter. Has Democracy Failed Russia?. **The National Interest**. Pág. 3-12. 1994-1995.

SANCHEZ PEREYRA, Antonio. **Geopolítica de la Expansión de la OTAN**. México: Plaza y Valdés, 2003.

SANCHES, Antonio. La Economía Rusa: una década después. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, N. 59. Pág. 53-72.

SANTOS DA COSTA, Rogerio. Organização Do Tratado Do Atlântico Norte (Otan): Histórico, Características, Objetivos, Funcionamento E Influência Na Segurança Coletiva. **Relações Internacionais em Revista**. N. 6. Pág. 129-151. 2006.

SEGRILLO, Angelo. Ocidentalismo, eslavofilismo, e eurasianismo: intelectuais e políticos em busca da identidade russa. In: REIS, Daniel A; ROLLAND, Denis (Org.). **Intelectuais e Modernidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Pág. 51-66.

SEGRILLO, Angelo. A Diarquia Putin-Medvedev: Dimensões da Política Interna da Política Externa In: PINELI ALVES, André Augusto (Org). **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia**. Brasília: Ipea, 2011. Pág. 137-154.

SEGRILLO, Angelo. A Questão da Democracia na Rússia Pós-Soviética. PINELI ALVES, André Augusto (Org). **O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI**. Brasília: Ipea, 2012.

SERGUNIN, Alexander. **Explaining Russian Foreign Policy Behavior: Theory and Practice**. Germany: Ibidem, 2016.

SIDORENKO, Tatiana. La privatización de empresas estatales en Rusia: alcances y perspectivas. **Foro Internacional**. V. 34. N. 1. Pág. 153-180. 1994.

SIMON, Jeffrey. Nato Enlargement And Russia. BRAUN, Aurel. **Nato-Russia relations in the twenty-first century**. New York: Routledge, 2008.

SIXSMITH, Martin. **Putin's Oil: The Yukos Affair and the Struggle for Russia**. New York: Continuum, 2010.

SKOCPOL, Theda. **States and Social Revolutions: A Comparative Analysis Of France, Russia, And China**. Cambridge: University Press, Pág. 3-46.

SLOAN, Stanley. Nato Beyond Russia. BRAUN, Aurel. **Nato-Russia relations in the twenty-**

first century. New York: Routledge, 2008.

SMITH, Martin. **Russia and NATO since 1991: from cold war through cold peace to partnership?**. New York: Routledge, 2006.

SMITH, Hanna. Democratization and war: the Chechen wars' contribution to failing democratization in Russia. **Demokratizatsiya**. V. 22. Pág. 627-646. 2014.

STAAR, Richard. Moscow's plans to restore its power. **Orbis**. V. 40. N. 3. Pág. 375-390. 1996.

STATEMENT ON BOSNIA-HERZEGOVINA, NATO. **North Atlantic Treaty Organization**. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24719.htm?selectedLocale=en Acceso 05 mar. 2017.

STATEMENT ON THE SITUATION IN FORMER YUGOSLAVIA, NATO. **North Atlantic Treaty Organization**. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_24754.htm?selectedLocale=en Acceso el 05 mar. 2017.

TAIBO, Carlos. **La disolución de la URSS: una introducción a la crisis terminal del sistema soviético**. Barcelona: Ronsel, 1994.

TAIBO, Carlos. El Conflicto de Chechenia. **Ayer**. N. 65. Pág. 131–151. 2007.

TARÍN SANZ, Adrián. La Primera guerra de Chechenia: Construyendo identidades nacionales. **IC-Revista Científica de Información y Comunicación**. V. 11. Pág. 189-210. 2014.

THE PARTNERSHIP FOR PEACE, NATO. **North Atlantic Treaty Organization**. Disponible en http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_65974.htm?selectedLocale=en Acceso el 05 mar. 2017.

TOMESCU, Cătălin. Political Evolution at NATO Level in Post Cold War Era. **Buletinul științific al Academiei Trupelor de Uscat**. V. 20. N. 1. 2015.

TREISMAN, Daniel. **The Return**. Russia's Journey from Gorbachev to Medvedev. New York: Free Press, 2011.

TRENIN, Dmitri. Russian Foreign Policy as Exercise in Nation Building. In; CADIER, David; LIGHT, Margot. **Russia's Foreign Policy: Ideas, Domestic Politics and External Relations**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

TRENIN, Dmitri. **The End of EURASIA: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization**. Washington: Carnegie Moscow Center, 2001.

TSATSOS, Aristidis. **Second Chechen War: Causes, Dynamics and Termination; A Civil War between Risk and Opportunity?**. Berlin: Humboldt-Universität zu Berlin, 2014.

TSYGANKOV, Andrei. **Contested Identity and Foreign Policy: Interpreting Russia's**

International Choices. **International Studies Perspectives**. V. 15. N. 1. Pág. 19-35. 2014.

TSYGANKOV, Andrei P. **Russia's Foreign Policy: change and continuity in national identity**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2013. 3rd. ed.

TSYGANKOV, Andrei. **The Strong State in Russia: Development and Crisis**. New York: Oxford University Press, 2014.

UMLAND, Andreas. Russia's New "Special Path" After the Orange Revolution: Radical Anti-Westernism and Paratotalitarian Neo-Authoritarianism in 2005–8. **Russian Politics and Law**. V. 50. N. 6. Pág. 19–40. 2012.

VALÈNCIA MONTES, Lino. Presidente y Parlamento en Rusia: Un decenio de tensas relaciones. **Revista CIDOB d'afers internacionals**. N. 59. Pág. 33-52. 2002.

VITE PÉREZ, Miguel Ángel. Chechenia y su conflicto: una reflexión general. **El Cotidiano**. No. 133, pág. 96-108. 2005. Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32513312>>. Acceso el 25 oct. 2016.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The politics of the world economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

WHAT IS NATO?, NATO. **North Atlantic Treaty Organization**. Disponible en <<http://www.nato.int/nato-welcome/index.html>> Acceso el 05 mar. 2017.

WHAT IS THE OSCE?. **Organization for Security and Cooperation in Europe**. Disponible en <<http://www.osce.org>> Acceso el 10 feb. 2017.

WILSON, Jeanne. The Legacy of the Color Revolutions for Russian Politics and Foreign Policy. **Problems of post-communism**. Vol. 57. Pág. 21-36. 2010.

ZELIKOW, Philip. Beyond Boris Yeltsin. **Foreign Affairs**. V. 73. Pág. 44. 1994.